



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

ANA HELENA GOMES SOUZA

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO
PAULO: UM ESTUDO SOBRE OS MATERIAIS EDUCATIVOS**

**SÃO PAULO
2018**



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

ANA HELENA GOMES SOUZA

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO
PAULO: UM ESTUDO SOBRE OS MATERIAIS EDUCATIVOS**

Trabalho de conclusão do curso de
Especialização em Patrimônio Cultural e
Artístico, *latu sensu* – a distância, do
Programa de Pós-graduação em Arte –
PPG – Arte, Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Lia Calabre.

**SÃO PAULO
2018
POLO BARRETOS – SP**



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

Dedico este trabalho a minha mãe,
Regina, que sempre apoiou e deu força
aos meus estudos.

*“Tudo o que era sólido e estável se
desmancha no ar [...]”
Manifesto comunista.
Karl Marx; Friedrich Engels, 1848.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais pela vida, e por me apoiarem nessa jornada de estudos e na vida. Ao Anderson que manteve seu apoio, mesmo nos momentos mais difíceis, me dando força e motivação, quando eu não tinha de onde tirar. A minha melhor amiga, Mel, pela paciência e carinho. A todos os citados, e aqueles não citados, mas que estiveram sempre comigo, a minha eterna gratidão!

RESUMO

Segundo o autor Ulpiano (1992) é conveniente olharmos os museus históricos como instituições voltadas aos fenômenos históricos e não somente como lugares de guarda de objetos históricos. Partindo dessa perspectiva este trabalho de pesquisa buscou compreender o projeto educativo do Museu da Imigração do Estado de São Paulo através da análise dos materiais educativos produzidos por esta instituição cultural. São muitas as frentes do projeto educativo do museu, contudo este projeto de pesquisa pretende concentrar-se somente na análise dos materiais educativos produzidos e disponibilizados para os professores e visitantes com o intuito de compreender a ação educativa através do material pedagógico de apoio as visitas às exposições temporárias.

Palavras-chave: Museu de história, Museu da imigração do Estado de São Paulo, Educação Patrimonial, Materiais educativos.

ABSTRACT

According to the author Ulpiano (1992) It is convenient to look at historical museums as institutions geared to historical phenomena and not only as places of custody of historical objects. Based on this perspective, this research study sought to understand the educational project of the Museum of Immigration of the state of São Paulo through the analysis of the educational materials produced by this cultural institution. There are many fronts of the museum's educational project, but this research project intends to concentrate solely on the analysis of the educational materials produced and made available to teachers and visitors in order to understand the educational action Through pedagogical material supporting visits.

Keywords: Museum of History; Museum of Immigration of the state of São Paulo; Patrimonial education; Educational materials

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: HISTÓRIA E CONCEITO	14
1.2. Educação Patrimonial, Afinal o que é?	17
2. O MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO.	19
2.1. O Histórico institucional: da hospedaria à Museu	
2.2. A mudança no plano museológico de 2010: como o museu ficou?	22
2.3. A expografia do museu: requalificação museológica	25
3. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO	28
3.1. Projeto Educativo do Museu	29
3.1.2. Materiais educativos: os cadernos das exposições temporárias	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
Anexo	47

INTRODUÇÃO

O conceito de Educação Patrimonial é objeto de constante reflexão, assim, sujeito a um conjunto de transformações. Vários autores discutiram o conceito, metodologias e práticas a fim de promoverem ações educativas que possam transformar a realidade. A prática da educação patrimonial pode ser feita em diferentes espaços físicos, mas o museu, tem se destacado como uma das primeiras e ainda principais instituições produtoras dessa atividade educativa. Neste trabalho, essa instituição é considerada como importante lugar de referência para a efetivação da ação educativa, por esse motivo consideramos importante compreender como se tem dado essas ações.

Neste trabalho o objeto de estudo não vai tratar nem da análise da formação do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, tampouco, analisar a sua exposição de longa duração e as temporárias. O Objeto analisado foi o material pedagógico produzido especificamente para as exposições temporárias, os cadernos educativos.

A pesquisa buscou compreender, através da análise desse material, de que forma a educação patrimonial no museu vem desenvolvendo desde a sua reabertura em 2014 até a última exposição temporária de 2016, por nos analisado, mas não a última exposição temporária promovida pelo museu.

No primeiro capítulo, *Educação patrimonial: história e conceito*, apresentamos o panorama nacional sobre a formação do conceito e das práticas educativas no campo do patrimônio. No subtítulo o conceito de educação patrimonial é apresentado a partir da ideia do autor Átila Tolentino.

Com o intuito de melhor compreender o tipo de museu ao qual o objeto de pesquisa está inserido, apresento no segundo capítulo, de forma breve, a trajetória da formação do museu, algumas das principais transformações pelas quais passou, e como sua exposição de longa duração encontra-se atualmente. No último subtítulo, desse mesmo capítulo, a discussão sobre o processo de musealização da memória dando repertório para a análise das fontes, que foram produzidas dentro desse processo de requalificação da instituição.

No terceiro e último capítulo, *Educação Patrimonial no Museu da Imigração do Estado de São Paulo*, apresento o projeto educativo do museu e suas ações, destacando as exposições temporárias como parte integrante do projeto. Ainda

nesse capítulo, as fontes são apresentadas e interpretadas através da análise crítica das suas propostas educativas.

Nas considerações finais discutimos a importância dos materiais produzidos pelo museu como ferramenta de formação continuada dos professores, e não só como apoio pedagógico. O papel da exposição temporária como complementar à permanente é pensado como possibilidade de ampliar as discussões e os olhares sobre o conjunto de fatos e coisas que cercam o processo da imigração. Finalizando com alguns apontamentos, sobre os materiais pedagógicos, que consideramos elementos de aprimoramento.

1. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: HISTÓRIA E CONCEITO

Desde a formação como o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN-, em 1937, que as ações educativas são pensadas como estratégias para promover a proteção e a preservação dos bens culturais sobre a sua chancela. (FLORENCIO, 2012) A ideia de função pedagógica dos museus aparece já no anteprojeto de Mario de Andrade para a criação do SPHAN, sendo os museus, com as suas imagens e objetos, lugares estrategicamente didáticos para o aprendizado.

A partir de então instaura-se “um campo de discussões teóricas, e conceituais e metodologias de atuação que se encontram na base das atuais políticas públicas de Estado na área.” (FLORENCIO, 2012, p.5) Sendo a mais importante delas, a já citada, que a educação pode, e deve, ajudar a promover a proteção e a preservação dos bens culturais chancelados pelo Estado.

Também estava na agenda do primeiro dirigente da instituição, Rodrigo Melo Franco de Andrade, a importância da educação como ferramenta para a preservação do patrimônio cultural nacional. Algumas décadas mais tarde, com a criação do Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC - em 1975, as funções pedagógicas dos bens culturais foram melhores delimitadas. Sobre a proposta do CNRC, segundo Florêncio:

Em termos amplos, sua proposta se orientava para a atualização da discussão sobre os sentidos da preservação e convergia para a ampliação da concepção de patrimônio para abranger questões como a necessidade de promover modelos de desenvolvimento econômico autônomos, a valorização da diversidade regional e os riscos da homogeneização e perda da identidade cultural da nação. (FLORENCIO, 2012, p.7)

O CNRC cumpriu um papel muito importante no processo de coleta, processamento, e divulgação das informações referentes a formação da cultura brasileira. O objetivo era criar um sistema de referência sobre a cultura nacional. No processo de coleta, o foco estava nos sujeitos que participavam diretamente da produção, circulação e consumo dos bens culturais, dando assim parte bastante participativa aos sujeitos. Essas diretrizes teóricas e conceituais adotadas pelo CNRC colaboraram na formulação para os parâmetros educacionais e de preservação do patrimônio. (FLORENCIO, 2012, p.8) Um projeto prático executado

pelo CNRC foi considerado um referencial teórico e conceitual. O *projeto Interação*, de 1981, tinha como objetivo de “proporcionar à comunidade os meios para participar, em todos os níveis, do processo educacional, de modo a garantir que a apreensão de outros conteúdos culturais se faça a partir dos valores próprios da comunidade.” (BRANDÃO, 1996, p.293 apud FLORENCIO, 2012, p.8) Em sintonia com os propósitos formadores do CNRC, o *projeto interação* também buscou reafirmar a pluralidade e a diversidade da cultura nacional, e a mesma ideia deveria ser colocada quando se pensasse em propostas pedagógicas para a educação escolar, que se levasse em conta toda a pluralidade e diversidade cultural. Para a autora, o *projeto Interação*:

Em parceria com secretarias municipais, estaduais e territoriais de educação e/ou cultura, universidades, centros de estudos e pesquisas, grupos de teatro amador e associações de moradores, o *Projeto Interação* consistiu num exemplo concreto e, em larga medida, precursor dos atuais paradigmas de gestão pública que caracterizam as articulações entre Estado e sociedade civil. (FLORENCIO, 2012, p.11)

Em 1983 o termo Educação Patrimonial foi usado no “1º Seminário sobre o *Uso Educacional de Museus e Monumentos*”, realizado no Museu Imperial de Petrópolis-RJ (FLORENCIO, 2012, p.13) como uma metodologia de ensino. Contudo, o termo foi utilizado no Brasil em uma publicação destinada às práticas educacionais no campo do patrimônio, “*O Guia Básico de Educação Patrimonial*”, das autoras, Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriana Queiroz Monteiro, foi publicado pelo IPHAN somente em 1996. A publicação serviu como base fundamental das diversas ações educativas em diferentes bens culturais durante as décadas seguintes.

O “Guia” foi produzido através de um trabalho de coleta das experiências bem sucedidas de ações educativas, e a partir da análise desses trabalhos práticos as autoras desenvolveram “uma proposta metodológica que envolve quatro etapas progressivas de apreensão concreta de objetos e fenômenos culturais (a saber: observação, registro, exploração e apropriação).” (FLORENCIO, 2012, p.13) Nas palavras das autoras sobre o que é, afinal a Educação Patrimonial? :

Trata-se de um processo **permanente** e **sistemático** de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como **fonte primária** de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da **experiência** e do **contato direto** com as evidências e manifestações da

cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de **conhecimento, apropriação e valorização** de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num **processo** contínuo de **criação cultural**.

O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu Patrimônio são fatores indispensáveis no processo de **preservação sustentável** desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de **identidade e cidadania**. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p.4)

Podemos perceber pelo trecho reproduzido acima, alguns conceitos para aplicação da metodologia para a educação patrimonial. Primeiramente se trata de um processo permanente e contínuo, ações pontuais não fazem sentido. E o contato com os bens, o seu uso, vai trazer uma aproximação dos sujeitos com o bem, o que os leva a adquirirem o sentimento de pertencimento para se apropriarem do bem, e como consequência a valorização e a proteção. Segundo essa lógica, os sujeitos que tem conhecimento dos bens culturais tende valoriza-los e protegê-los. Podemos assim perceber uma continuidade na proposta de educação patrimonial das autoras em relação aos projetos de Rodrigo Melo Franco de Andrade e do CNRC.

Alguns marcos começam a sistematização das ações educativas no campo das políticas públicas de preservação do patrimônio cultural brasileiro. (FLORENCIO, 2012) O Decreto nº. 5.040/04, do ano de 2004 “cria uma unidade administrativa responsável por promover uma série de iniciativas e eventos com os objetivos de discutir diretrizes teóricas e conceituais e eixos temáticos norteadores” [...] (FLORENCIO, 2012, p.14). Outro marco foi em 2009, com o intuito de fortalecer as políticas sobre educação patrimonial, o “Decreto nº6.844 vincula a Coordenação de Educação Patrimonial – CEDUC ao recém-criado Departamento de Articulação e Fomento – DA.” (Idem)

Fruto desses marcos legais, cresceu o número de atividades no campo da educação patrimonial foram promovidos, em superintendências do IPHAN e instituições ligadas a mesma. Entre os anos de 2005 e 2013, foram realizados cinco eventos sobre a temática da educação patrimonial. A saber: 2005: *Encontro Nacional de Educação Patrimonial (I ENEP)*, em 2008: *a oficina de capacitação em Educação Patrimonial e fomento a projetos culturais*, em 2009 o *I seminário de avaliação e planejamento das casas de patrimônio*, e mesas-redondas sobre educação patrimonial no *I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural*, no mesmo ano; em 2011 o *II Encontro Nacional de Educação Patrimonial (II – ENEP)*; e em 2013

Encontro ProExt – Extensão Universitária na Preservação do Patrimônio Cultural – Práticas e Reflexões, em Ouro Preto.¹ Todos esses marcos significaram o avançar das políticas públicas e da formulação das diretrizes conceituais do campo do patrimônio.

Ao longo dos anos muitos autores apresentaram as suas ideias sobre o conceito e a metodologia mais adequada para a promoção da educação patrimonial. No subtítulo a seguir buscamos definir e apresentar a metodologia sobre educação patrimonial baseada na bibliografia de referência.

1.2. Educação Patrimonial: Conceitos/ Afinal, o que é?

Defende-se que a educação patrimonial efetiva é dialógica, reflexiva e crítica, que contribui para a construção democrática do conhecimento e para a transformação da realidade.

Isso implica conceber o patrimônio cultural como um elemento social inserido nos espaços de vida dos sujeitos e que, nas práticas educativas, deve ser levada em conta a sua dimensão social, política e simbólica. (TOLENTINO, 2016, p.38)

Partindo das falácias no campo da educação patrimonial discutidas pelo autor, Átila Tolentino, baseamos a análise dos materiais educativos produzidos pela instituição museológica. Por esse motivo apresentaremos as mesmas para saber quais foram as ideias que essa pesquisa se baseou.

O autor, Átila Tolentino, em seu artigo “*O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática*” (2016) nos ajudou a refletir sobre as práticas educativas no Brasil. Partindo da negativa, o autor na verdade acaba por definir educação patrimonial como um processo educativo que deve ser feito de forma democrática e dialógica.

A ideia de metodologia da educação patrimonial como um instrumento de alfabetização cultura, onde os sujeitos são alfabetizados culturalmente por não possuírem cultura, está carregada de pré-conceito. Segundo o autor essa ideia foi uma herança herdada do Guia Básico de Educação Patrimonial (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999). Muitas práticas educativas que adotaram essa ideia como uma premissa para a produção de suas ações não consideram os sujeitos como produtores e protagonistas da sua própria cultura. Criando assim uma relação de

¹ Esses eventos foram destacados pela autora, a data limite de 2013 se refere ao ano de publicação do texto, 2014. Muitos outros eventos ocorreram depois da sua publicação.

poder, onde os sujeitos que são “alfabetizadores” culturalmente e os que não possuem cultura e vão receber os valores culturais eleitos. Em nenhum processo educacional, a relação de poder e hierarquia que se cria entre os sujeitos envolvidos pode ser considerada adequada e efetiva.

Outro ponto que o autor discutiu foi de compreender que a educação patrimonial não surgiu no Brasil nos anos 1980, e isso implica em saber que a definição da prática também é um processo, e muitas práticas de educação patrimonial aconteceram antes do que se considerou como marco zero do uso do termo em “1983 o ano e Petrópolis, no Rio de Janeiro, o local.” (TOLENTINO, 2016, p.38) Também significa aceitar que a relação entre educação e patrimônio está presente em instituições museológicas desde o século XIX, como práticas de comunicação e de conscientização para preservação do patrimônio.

Outro ponto discutido pelo autor, se refere a uma prática difundida por educadores do patrimônio, até hoje, que podemos definir com a famosa frase de Aloísio Magalhães: “A comunidade é a melhor guardiã do patrimônio[...] só se protege o que se ama, só se ama o que se conhece” (MAGALHÃES, 1997, Pp.190 Apud, TOLENTINO, 2016, p.45). Nessa lógica, de pensar a educação patrimonial como forma de promover a conscientização dos sujeitos para formar os conservadores dos patrimônios, implica em relação de poder, onde os sujeitos que promovem a conscientização são os únicos possuidores de cultura.

as perspectivas conscientizadoras desconsideram a visão de mundo dos envolvidos com o processo de conservação patrimonial, tendendo a tomá-los como pessoas que necessitam da luz do conhecimento para aclarar suas consciências obtusas. (SILVEIRA; BEZERRA, 2007, p. 87 Apud TOLENTINO, 2016, p.43).

Como exemplo da ineficiência dessa premissa, o autor trouxe os exemplos dos protestos feitos nos patrimônios cancelados pelo estado. Podemos afirmar que o sujeito que escreveu a palavra “assassinos” no monumento às bandeiras da cidade de São Paulo possuía conhecimento sobre aquele bem. A verdade é que o seu conhecimento sobre o que o monumento representava que o motivou sua ação, discordando da memória nele representada (TOLENTINO, 2016, p.45). Como o monumento faz referência às bandeiras, movimento liderado por bandeirantes em direção ao interior do nosso país o que provocou a escravização e a dizimação de

muitas tribos indígenas, podemos considerar que o sujeito não concorda com a valorização dessa memória histórica.

Quando pensamos em materiais pedagógicos, como cadernos, cartilhas e guias, as disputas políticas e ideológicas também tem que ser equacionadas. Sobre a produção dos materiais pedagógicos como um aspecto importante da prática da educação patrimonial, o autor nos alerta para que essas práticas não se transformem em puras e simples difusões do patrimônio.

As famosas cartilhas, folhetos ou tapumes explicativos em obras que visam informar sobre o patrimônio cultural, quando produzidos como uma atividade final em determinados projetos, não podem ser concebidos como uma prática educativa. No máximo são ações de difusão ou até mesmo promoção dos órgãos que executam os projetos, haja vista que visam, tão-somente, levar o conhecimento (como via de mão única) ao outro, mas que não é suficiente como condição para garantir a preservação dos bens culturais. (TOLENTINO, 2016, p.46)

Para o autor, educação patrimonial tem que trazer em suas práticas os conflitos e as construções sociais próprias do campo do patrimônio. Colocar de forma clara como o processo de patrimonialização da cultura é um campo de disputas políticas e ideológicas. A memória coletiva é como a memória pessoal, para lembrar precisamos também esquecer, no patrimônio é eleger uma memória em detrimento de outra. O patrimônio não deve ser ensinado como algo pré-concebido e determinado, deixando claro os seus processos de escolhas e disputas, consensos e dissensos, e que todo sujeito como cidadão tem o direito de participar do processo da formação do patrimônio cultural do nosso país.

No capítulo seguinte apresentaremos de forma resumida a formação do Museu da Imigração do Estado de São Paulo para dar base a análise dos materiais pedagógicos produzidos pela instituição como parte do programa de educação patrimonial.

2. O MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

2.1. O histórico da instituição: da hospedaria à museu

A secretara de cultura pretende fazer um museu moderno, isto é, um local educativo mas também divertido e interessante. Para isso procurará estar articulando com a comunidade e usará técnicas modernas de exposição e de comunicação, tais como: objetos, fotos, cartazes, vídeos, maquetes (estáticas, maquetes animadas e/ou iluminadas) réplicas, reproduções de casas e outros espaços, mapas, vídeo wall, documentos originais (pessoais e históricos) computadores, áudios com gravações de entrevistas [...]” (Plano Museológico, s/d)²

No bairro do Brás na capital Paulistana está sediado o Museu da Imigração do Estado de São Paulo. A edificação que abriga o museu não foi projetada para esse fim, e sim para uma hospedaria para os imigrantes que aqui chegaram. Os dados revelam que foram aproximadamente 75 nacionalidades que chegaram na hospedaria que teve o início das suas atividades em 1887.

No período do funcionamento (1887-1978) a hospedaria recebeu mais de 2,5 milhões de imigrantes que tinham por um período de tempo as suas atividades rotineiras e cotidianas nesse espaço, como o comer, dormir, hábitos de higiene, e outros aspectos privados da vida. Assim a edificação trouxe na sua própria história a memória dos diferentes indivíduos que migraram para São Paulo no final do século XIX e XX.

Quando as portas de hospedagem se fecharam novos significados e atribuições aos espaços da edificação foram concebidos. Em 1982 a edificação é tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), em 1986 teve a criação do Centro Histórico do Imigrante. Com criação do Centro Histórico do Imigrante teve o início o processo de institucionalização da memória coletiva da imigração de São Paulo. Outros marcos importantes desse processo são datas que marcam a fundação do Museu da Imigração em 1993 e a concretização do Memorial do Imigrante em 1998. Estes

² O Plano Museológico encontrado no arquivo do museu da Imigração não possui data, mas estimasse que seja do ano aproximadamente da formação do museu 1994-95.

“representam, na verdade, estágios de reconfigurações em tempos distintos, mas partes de um processo”. (FERNANDES, 2017. p. 41)

Segundo o historiador Odair Paiva, sobre esse período:

Na década de 1990, esforços que remontavam à década anterior, com a criação do Centro Histórico do Imigrante (1986), ganharam concretude na formação do Museu da Imigração em São Paulo. O projeto do Museu foi redimensionado, criando-se, em 1998, o Memorial do Imigrante, instalado no antigo prédio da Hospedaria de Imigrantes e tendo sob sua responsabilidade a guarda, preservação e divulgação do patrimônio da antiga Hospedaria. O memorial do imigrante herdou a função de um espaço institucional de guarda, preservação e divulgação dessa *memória-história*. (PAIVA, MOURA, 2008, p.62)

O processo de musealização da memória migratória de São Paulo continuou a se transformar, o antes centro histórico do imigrante, passou a adquirir novas funções. Essas se aproximavam mais das funções de um museu, a guarda, a preservação e a divulgação do patrimônio, e nesse período eram os objetos do acervo que impulsionavam todas essas funções.

No ano de 2000 a instituição passou a ter maior destaque na mídia. Houve uma valorização fomentada pela mídia pelo uso de cenários de novelas de época, filmes, reportagens e documentários que colocaram a instituição como um lugar de importância para a história de São Paulo, contribuindo assim para o incentivo por parte do poder público (PAIVA, 2008, p.62).

Em 2010 a instituição passou por outra transformação, um novo plano museológico concomitante as atividades de restauro da edificação o mantiveram fechado por 4 anos. Com o apoio da Secretária de Estado da Cultura de São Paulo o projeto da empresa Expomus de requalificação do projeto expositivo começa a ser executado, e ao mesmo tempo o novo plano museológico era produzido. Sobre o novo plano museológico, alguns pressupostos aparecem como centrais para o desenvolvimento da nova exposição:

Para a estruturação do Programa, entende-se que a cadeia operatória da museologia atua sob dois eixos fundamentais: a Comunicação e a Preservação. É pelo equilíbrio e articulação dessas duas engrenagens que a instituição sustenta, desenvolve e propulsiona seus programas e ações. (PLANO MUSEOLÓGICO, 2010, p.18)

A nova exposição de longa duração, “*Migrar: experiências, memórias e identidades*”, foi entregue ao público em 2014 como parte da nova fase do museu. A

exposição e o restauro da edificação tornam-se a imagem pública de requalificação da instituição, e marcam uma grande mudança entre a antiga exposição e o discurso sobre a imigração (PAIVA, 2015).

A nova exposição possui um discurso expográfico diferente da anterior, o conceito da exposição foi reformulado, a exposição foi refeita, e novos objetivos expográficos estavam na agenda. Como não foi o objetivo desse trabalho analisar a exposição nova, nem mesmo compara-la com a anterior, a seguir faremos uma breve descrição da nova exposição de 2014, *Migrar: experiências, memórias e identidades*, com a interpretação de alguns autores.

2.2. A mudança no plano museológico de 2010

Hoje o espaço que abriga o museu encontra-se ressignificado e restaurado aos novos usos que a edificação adquiriu. A começar pela sua renomeação como Museu da Imigração do Estado de São Paulo, antes chamado de Memorial do Imigrante (1993). A renomeação em si já deixa claro as intenções de mudança nas suas funções institucionais. A nova proposta museológica estaria centrada sob dois programas fundamentais: a comunicação e a preservação (PLANO MUSEOLOGICO, 2010, p.18).

A exposição de longa duração foi intitulada de: *Migrar: experiências, memórias e identidades*. O conceito de migração trabalhado no discurso expositivo é ampliado, a “sua narrativa está materializada em cinco eixos de comunicação, a saber: a) a longa duração da história da imigração; b) a história do Brasil; c) a história da hospedaria: criação, função e transformações; d) a relação presente, passado e futuro, e e) os sujeitos.” (FERNANDES, 2017. p.45)

A exposição ocupa o segundo andar do edifício e está dividida em duas partes, lado esquerdo e lado direito, que ao todo possui oito módulos. No espaço central está a obra de arte de Nuno Ramos, “*Isto é um homem?*”, possível de muitas interpretações³, a obra causa bastante impacto no visitante, pela sua forma e dimensões, e sendo essa a primeira vista do visitante.

³ Como comentário pessoal, minha interpretação sobre a obra foi que os tijolos representavam retirantes nordestinos que vieram para São Paulo no pau-de-arara.

Os módulos que se seguem da esquerda para a direita, foram nomeados da seguinte maneira: **Módulo 1:** *diásporas*; **Módulo 2:** *Imigração no Brasil e Hospedarias no contexto das imigrações*; **Módulo 3:** *Hospedaria do Brás*, **Módulo 4:** *Cotidiano*; **Módulo 5:** *Campo e cidade*; **Módulo 6:** *São Paulo cosmopolita e Bom Retiro, Mooca, Santo Amaro, Brás*; **Módulo 7:** *Imigração Hoje*; **Módulo 8:** *Edifício*.

O conceito de migração foi apresentado como um processo que é permanente e está em constante transformação, trazendo as migrações do passado, o povoamento dos continentes, e as contemporâneas, no final do módulo 7, de Bolivianos, Colombianos, Libaneses, entre outros. O trecho extraído do texto de abertura da exposição confirma essa ideia, quando:

Migrar: Mover-se de uma região a outra; sair em busca do sonho, da prosperidade, de alternativas, ou na falta de todos eles, partir. O migrante é necessariamente alguém partido: uma vida permanece em sua origem, outra se lança num novo destino, incompleta. Nesse movimento, homem e destino se constroem continuamente, reelaborando práticas, afetos e identidades. (FERNANDES, 2017. p.44)

No módulo 2, *Imigrações no Brasil e As hospedarias no contexto das imigrações*, destaca-se a partida, a viagem, a bagagem (emocional e física), a chegada e acolhida no novo lugar, que tem continuidade no módulo 3, *A Hospedaria do Brás*. A hospedaria foi apresentada como o lugar de chegada e acolhida, destacando-se as atividades de recepção, triagem e direcionamento para os postos de trabalho. Fotografias e objetos criam uma conexão entre si para comunicar aos visitantes as atividades cotidianas da hospedaria, como por exemplo a imagem de um homem sendo barbeado e na vitrine ao lado, objetos de barbear do período.

No módulo 4, *Cotidiano*, o foco está no sujeito imigrante que habita a hospedaria, que come e dorme naquele espaço, que alimenta a alma e o corpo. O ambiente do dormitório e refeitório foram representados por meio de recriações do espaço, fotografias e objetos dialogam para compor o espaço expositivo. Uma grande instalação que remete a um grande gaveteiro onde o visitante pode acessar (puxando a gaveta) documentos históricos, as *cartas de chamada* escritas pelos imigrantes que passaram pela hospedaria, divide o ambiente entre dormitório e refeitório. Este módulo também foi composto por objetos, na sua maioria, do mobiliário da antiga hospedaria. No mesmo espaço, pequenas cabines com telas e áudio permitem aos visitantes acessarem os depoimentos de imigrantes sobre os

temas viagem, hospedaria, alimentação e trabalho no campo. Nessa parte da exposição o visitante tem a possibilidade de escolher um dos temas, acima citados, que lhe despertar interesse.

No lado oposto, onde continua a exposição e a sequências de módulos, o módulo 5, *Campo e Cidade*, a narrativa do vídeo de seis minutos traz o tema, “nele, há uma série de informações sobre a evolução econômica do Brasil e do Estado de São Paulo; política imigratória; inserção da Hospedaria de Imigrantes no contexto da transição do trabalho escravo para o livre; formação de núcleos coloniais; etc. Vale notar a importância dada à imigração como formadora da identidade paulista.” (PAIVA, 2015.) Fotografias dos imigrantes no campo e na cidade e dos objetos expostos, relacionados ao trabalho, lazer e vida doméstica, criam a conexão entre imagem e artefatos.

No módulo 6, *São Paulo Cosmopolita*, dar-se o tom a cidade de São Paulo como a grande hospedeira dos diferentes imigrantes e como o processo de imigração foi transformando os seus espaços, assim:

O módulo seis, São Paulo Cosmopolita compõe-se de 4 painéis dispostos em formato quadrangular nos quais há a projeção de imagens aéreas de ruas e avenidas centrais da cidade. Abaixo destes painéis, trinta e três pequenas telas exibem fotos de edifícios e logradouros tradicionais da cidade como o Edifício Copan, Rua 25 de Março, Estação da Luz, etc. (PAIVA, 2015, p. 7)

No módulo 7, *Imigração Hoje*, a interatividade com os terminais táteis e multimídias, permitem que os visitantes acessem os depoimentos de imigrantes contemporâneos, são esses: “três brasileiros e um imigrante oriundo de cada um dos países a seguir: Bolívia, Colômbia, Líbano, Nigéria, Peru, Índia, Coreia, Moçambique, Paraguai e Taiwan” (PAIVA, 2015, p.7). Esse discurso expositivo retoma a ideia de que a migração é um processo permanente e está em constante transformação.

No último módulo, que não ocupa o mesmo espaço⁴, intitulado de “*O edifício*”, buscou com fotografias de diferentes tempos e com uma grande maquete contar a história da edificação. A maquete ajuda a dimensionar os espaços da antiga hospedaria e as fotografias nas transformações ao longo do tempo.

⁴ O módulo 8, *O edifício*, fica localizado no andar térreo do edifício.

O museu conta com uma sala para as exposições temporárias, esta fica localizada no mesmo piso, próximo a sala do módulo 8. Sobre as exposições temporárias trataremos mais especificamente no item 3.1.2, do capítulo 3, quando tratamos do nosso objeto de pesquisa, os materiais educativos.

Nesse momento devemos explicitar que a análise sobre a exposição do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, não foi o objeto de pesquisa deste trabalho, contudo o entendimento dos conceitos trabalhados na exposição nos auxiliaram na compreensão sobre os conceitos trabalhados nos materiais desenvolvidos pela equipe educativa do museu.

2.3. A expografia do Museu: Requalificação museológica.

Na dissertação de mestrado, *“Perspectivas expográficas contemporâneas: as exposições do Museu da Imigração do Estado de São Paulo e do Museu do Futebol e suas contribuições para a apresentação da temática museológica”* de 2017, Ricardo Fernandes fez a análise da expografia do Museu da Imigração do Estado de São Paulo e do Museu do Futebol, “com o propósito de averiguarmos os recursos expográficos utilizados nestes espaços e suas contribuições para a apresentação das temáticas museológicas.” (FERNANDES, 2017. p.92)

O autor nos apresenta, em suas conclusões, a ideia de que há nas últimas décadas está ocorrendo o processo de reformulação dos conceitos, funções e ações das instituições museológicas. Ele encontra traços desse processo de transformação, em ambos museus, a partir da análise das suas exposições permanentes. Sobre esse processo, a autora Lara Filho, afirma:

O processo de revitalização dos museus e de criação de novos museus vem ocorrendo de modo intenso nas últimas décadas e caminhando em direção ao reordenamento de seu papel e funções, à busca de uma nova expografia, à reformulação e ao questionamento do espaço expositivo e à discussão sobre suas relações com o público visitante ou não. (FILHO, 2013, Apud FERNANDES, 2017, p.114)

Dessa forma o Museu da Imigração, com a sua nova exposição, passa a fazer parte desse processo de transformação ao qual vários outros tipos de instituições culturais estão passando. Fernandes (2017) observou que a exposição do museu passou a contar com grande número de recursos tecnológicos e de interatividade,

mas que o uso de variadas técnicas de cenografia e ambientação auxiliaram na aproximação do tempo histórico passado ali representado. Segundo ele:

Para criar uma ambientação cênica que favorecesse a experiência de visitação levando em conta as características arquitetônicas e suas temáticas museológicas, as propostas expográficas apresentadas pelas exposições do Museu da Imigração do Estado de São Paulo e do Museu do Futebol consideraram, na construção de seus espaços internos, alguns materiais referencias. As memórias evocadas pela edificação e a possibilidade de situar o visitante no tempo e no espaço, foram fatores importantes para a definição dos materiais que iriam compor a estrutura espacial de suas exposições. (FERNANDES, 2017, p. 98)

Essa forma de exposição procurou atualizar a proposta de melhorar a comunicação com o visitante através de uma narrativa expográfica mais recortada, com menos objetos expostos, e possibilitando a interação do visitante. Assim distanciando-se cada vez mais dos antigos gabinetes de curiosidades e dos templos de celebração. A preocupação da comunicação efetiva com o visitante aparece de forma clara na proposta museológica e na exposição em si, com forte apelo aos meios tecnológicos e técnicas de cenografia e ambientação. Desde o plano museológico tem se considerado que “a exposição terá um aumento significativo de peças e conteúdos interativos e midiáticos[...].” (PLANO MUSEOLÓGICO, 2010, p.34)

Contudo, não pode se considerar novidade a preocupação com a comunicação efetiva entre o visitante e a exposição, e ambientação que a mesma deve propiciar ao visitante em um museu de história. Esse apelo expositivo também não pode ser considerado novidade. Remontar ambientes de época, como um modo de transportar o visitante ao passado histórico específico representado, ocorreu com frequência desde os primeiros museus de história. A técnica expositiva mudou, mas o objetivo de transportar ao passado se manteve, o que favorece à narrativa que possui a pretensão de ser histórica.

Para Fernandes as transformações ocorridas nos museus analisados em sua pesquisa tiveram um resultado positivo:

Despidos do compromisso obsessivo com suas coleções, que por séculos norteou o curso de sua história, os museus lentamente abandonaram o círculo social fechado ao qual se restringiam, de modo a democratizar o acesso de seu vasto patrimônio para um público amplo e diversificado. Esta é, sem dúvida, uma das grandes conquistas nesse processo de transformação dos museus: a sua percepção da pluralidade. De público e

das particularidades. E cujos desdobramentos demandariam novas responsabilidades, sobretudo, às suas exposições. (FERNANDES, 2017, p. 113)

Entre essas responsabilidades, a educação patrimonial passa a ser parte importante do processo de produção das exposições, de longa duração e das temporárias. O projeto educativo do museu estreita o diálogo com os outros setores do museu, pesquisa e curadoria, integrando cada vez mais essas atividades essenciais desse tipo de instituição.

No próximo capítulo, apresentaremos o novo projeto educativo do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, destacando as exposições temporárias, que também terão um tópico específico, melhorando a compreensão do contexto onde o nosso objeto de pesquisa esteve inserido.

3. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

3.1. Projeto Educativo do Museu

A ação educativa deve permear todas as ações do Museu. No entanto, o Museu não é uma instituição escolar e, portanto, é desaconselhável que vincule suas atividades aos conteúdos curriculares como complemento ou ilustração, do mesmo modo que não deve objetivar suprir as lacunas de formação dos alunos. (PLANO MUSEOLÓGICO, 2010, p.26)

No plano museológico de 2010, foram traçados novos objetivos para as ações educativas, tendo como eixo norteador das ações, atender aos mais variados públicos, não só os escolares, mas também os da terceira idade, famílias, sujeito em situação de vulnerabilidade, pesquisadores, deficientes, minorias étnicas e culturais, entre outros, ampliando assim o conceito de público-alvo. (PLANO MUSEOLÓGICO, 2010) Dessa maneira o museu vai usar de certas ações para efetivar o objetivo do projeto educativo, a saber: atendimento pedagógico às exposições – visitas orientadas, passeio de trem, formação de educadores, formação para professores, atendimento a famílias, atendimento ao público espontâneo, seminários e palestras, e a produção de materiais educativos.

Este trabalho não pretende discorrer sobre todas as ações do programa educativo descritas acima, mas somente sobre a última, materiais educativos, pois esse é o nosso objeto de pesquisa.

Os materiais educativos produzidos pelo museu, tanto para as exposições temporárias, como para a de longa duração tem como objetivo “facilitar e ampliar a relação dos professores e educadores com a exposição” (PLANO MUSEOLÓGICO, 2010, p.35), trazendo sugestões de atividades e roteiros de visita. Ao mesmo tempo o documento institucional alerta que eles não devem ser entendidos como receituários, fixos, e sim como um norte aos educadores e educandos.

Voltaremos aos materiais educativos em um tópico específico, pois os materiais aqui analisados são os produtos de exposições temporárias do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, por esse motivo acreditamos ser útil uma breve explanação sobre essas exposições.

3.1.2. Exposições temporárias

Para as exposições temporárias foi delegado papel importante no campo das ações educativas, atender as demandas ao qual a exposição de longa duração não conseguiu atingir, por motivos que, segundo a própria instituição há “uma crescente demanda das comunidades imigrantes e migrantes por espaço e colaboração dentro da instituição, o que deve ser atendido, em parte, pelas exposições temporárias, para as quais é preciso critério.”(PLANO MUSEOLÓGICO, 2010, p.34) Assim, sujeitos de uma única nacionalidade, por exemplo, podem trazer uma demanda expositiva que seja mais representativa da sua identidade nacional, para que seja tema das exposições temporárias. Contudo, no mesmo documento enfatiza-se que rememorar certas nacionalidades, principalmente as que passaram no tempo pretérito pela hospedaria, não pode significar que as migrações contemporâneas sejam negligenciadas.⁵

A exposição temporária foi pensada também como espaço de diálogo e troca de saberes, seja com as universidades, instituições de pesquisa, ONGs e a própria sociedade civil, sendo assim, diferentes discursos de diferentes agentes, sobre o tema imigração, teriam a exposição temporária como o lugar de representatividade.

As exposições temporárias constituem um importante recurso de comunicação do Museu. Podem tratar de temas correlatos à exposição de longa duração ou complementar aspectos já apresentados, explorar novos temas e pesquisas ou abrigar exposições de outras instituições parceiras. (PLANO MUSEOLÓGICO, 2010, p.22)

Com esses objetivos, as exposições temporárias produzidas desde 2014 até 2018⁶, abordaram variados assuntos que se relacionam com o tema central do museu. Como parte do projeto educativo do museu as exposições temporárias contam com visitas monitoradas e a produção de materiais pedagógicos específicos para cada exposição. Porém, nem todas as exposições tiveram materiais pedagógicos produzidos pela equipe educativa do museu.

⁵ Ao analisarmos a lista de exposições temporárias produzidas pelo Museu da Imigração do Estado de São Paulo, identificamos que exposições com temas mais específicos à um tipo de migração, ocorreu somente na intitulada de “Imigrantes do café”. Contudo, isso não significa que o discurso expográfico das diferentes exposições temporárias, não possam ter sido específicas.

⁶ Em anexo a listagem de todas as exposições temporárias produzidas pelo museu. Fonte: Arquivo do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

São as exposições com produção de material pedagógico, que está dentro do recorte cronológico deste trabalho:

- Exposição: **Retratos Imigrantes** – Abertura: 27/03/2015, encerramento: 06/09/2015
- Exposição: **Coleções Descobertas: sapatos** – Abertura: 04/09/2015, encerramento: 06/12/2015
- Exposição: **Imigrantes do café** – Abertura: 14/11/2015, encerramento: 27/03/2016
- Exposição: **Do retalho à trama: costurando memórias migrantes** – Abertura: 13/02/2016, encerramento: 15/05/2016
- Exposição: **O caminhos das coisas** – Abertura: 21/05/2016, encerramento: 24/09/2016
- Exposição: **Direitos Migrantes: nenhum a menos** – Abertura: 24/09/2016, encerramento: 18/12/2016
- Exposição: **Migrações à mesa** – Abertura: 19/11/2016, encerramento: 26/09/2017

No subtítulo a seguir, faremos uma breve descrição dos materiais educativos produzidos para as exposições temporárias, seguindo a ordem cronológica das exposições, seguida pela sua análise. Nesse momento devemos salientar que não inclui nesse processo de análise do material a questão da sua eficácia em relação a comunicação com as suas exposições, e sim a sua efetividade como uso de material pedagógico para a promoção da educação patrimonial.

3.2. Materiais educativos: os cadernos das exposições temporárias

Os materiais educativos dos museus devem, em primeiro lugar, ter a preocupação de repertoriar o professor sobre as temáticas tratadas na exposição de longa duração, para que antes e após a visita ele possa desenvolver projetos que nela integrem os conteúdos curriculares. Esses materiais educativos têm por objetivo facilitar e ampliar a relação dos professores e educadores com a exposição de longa duração do Museu, embora não devam servir como “receituário”; devem, sim, apresentar um conjunto de sugestões que permitam reconhecer a importância da materialidade dos acervos e do discurso museológico no processo de aprendizagem, sugerindo sempre transversalidades entre a questão da pluralidade cultural e a formação das identidades culturais. (Plano Museológico. P.35)

O material produzido pela instituição possui duas divisões: o caderno do professor e o caderno do visitante⁷, que juntos tem como objetivo principal auxiliar na promoção da visita mais efetiva a instituição, preparando tanto o educador como o visitante, para o antes, o durante e o depois da visita.

Todos desses materiais estão disponíveis site do museu⁸, mas a instituição possui também o processo de arquivamento desse material. Ao todo foram analisados 7 produções, entre eles, cadernos de professor, em sua maioria, e de visitantes. Todos os materiais possuem uma boa produção gráfica, são sempre coloridos, com figuras, textos de linguagem simples e bem compreensível, possuem poucas páginas, sendo mais longo com 16 páginas.

Para a melhor compreensão, vamos apresentar e fazer consideração de cada material, de forma que a visualização dos materiais não sejam dispensados, o diálogo texto imagem é fundamental.

I. O primeiro material, por nos analisados, foi produzido para a exposição **Retratos Imigrantes**⁹, o mesmo título foi atribuído ao material. Na capa há duas fotos de imigrantes de diferentes nacionalidades (mulher Rutena/ homem Italiano). Para além das legendas que constam nas fotos indicando a nacionalidade e a fonte do foto, ao se observar as características de ambas as fotografias, pode se perceber que são estrangeiros, pois há elementos nas fotografias que induzem a essa ideia, como por exemplo as roupas.

Em uma breve apresentação, destaca seu objetivo:

Como o museu pode ser um espaço de encontro para estudantes e professores? Essa é uma das perguntas que nós fazemos constantemente quando pensamos na construção de um material educativo que possa aproximar e promover essa conversa. Pensando assim, as atividades que sugerimos visam a aproximar os espaços do museu e da sala de aula, seja como forma de introduzir aos alunos algumas questões que serão vivenciadas na visita, ou como forma de estender essa experiência após sua realização. (Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Retratos Imigrantes, 2015, p.2)

⁷ Optamos pela uso do termo visitante, pois alguns cadernos analisados possui público como crianças, familiares e visitantes espontâneos.

⁸ Quando tratarmos especificamente de cada material, na nota de rodapé constará o link para acessar o material.

⁹ Link para acessar o material: http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2015/05/retratos_imigrantes_educativo_site_pb_150414.pdf

Esse material foi pensado especificamente para os professores, com o objetivo de auxiliar na melhor fruição da visita à exposição. Segue com a apresentação dos objetivos da exposição, assim justificando as escolhas, contextualizando as fotos por período de produção e origem. Cabe aqui mencionar, que todas as fotografias possuem referências, e são de diferentes nacionalidades, incluindo a brasileira.

No tópico “saiba mais”, o material introduz informações sobre o fotógrafo Augustus Fredrick Sherman, produtor principal das fotografias da exposição. Seguida pela descrição do processo da fotografia, tecnicamente e como ferramenta de comunicação.

No tópico que segue, já na página 6 do caderno, “*FOTOGRAFIA: um novo meio de conhecimento do mundo*” a atividade sugerida foi da criação de uma câmara escura para que os estudantes possam produzir suas próprias fotografias, e se incide a possibilidade de interdisciplinaridade, justificando o uso também para a disciplina de física. Na página seguinte, há moldes para a sua produção. Outro “saiba mais”, explica o que é uma câmara escura e os seus usos.¹⁰ O material sugere uma atividade de enquadramentos de imagens, dialogando com proposta das fotografias, pede-se aos estudantes para fazerem nos diferentes espaços do museu, fotos enquadrando os diferentes espaço em suas perspectivas.

Há sugestões de atividades para sala de aula, pós visita, que sugere que o professor faça a discussão da exposição por palavras-chaves sugeridas pelos estudantes de forma a motivar e a relaciona-las umas com as outras, “funcionando como tema gerador para a discussão e compartilhamento de diferentes pontos de vista que cada um de nós pode ter a partir das fotografias expostas.” (Retratos Imigrantes, 2015, p.2) Atividade também para ser desenvolvida em sala de aula é a produção de retratos, onde os estudantes se desenham e desenharam o outro, no exercício de se reconhecerem, e reconhecer o outro.

No tópico “múltiplas bagagens culturais”, a atividade de observação busca perceber “os valores culturais e sociais daquele grupo” de fotografias (Retratos Imigrantes, 2015, p.11) através da observação das roupas e acessórios dos imigrantes. Há também a sugestão que o tema se desdobre, em temas como a

¹⁰ Há também no caderno uma explicação do uso de um disquete como forma de registrar imagens no seu filme.

“história da vestimenta.” Finalizando essa temática, com a pergunta: “Se você fosse migrar o que levaria na sua bagagem?”

No tópico “fotografia e encenação”, a atividade sugerida é de que os estudantes encenem uma das fotografias da exposição e que “dentro da encenação, o educador pode propor perguntas de leitura de imagem”¹¹ (Retratos Imigrantes, 2015, p.13) e na atividade seguinte os mesmos objetivos são propostos. O intuito é que os estudantes sejam “visualmente alfabetizados” (Idem) para poderem ler as imagens, preparando-os para a visita ao museu. E o produto dessas atividades, é sugerido que os estudantes façam autorretratos como os visitados na exposição e discutam da mesma forma como fizeram com os retratos dos imigrantes.

O caderno é finalizado com a bibliografia utilizada para a sua produção. Cabe salientar que as imagens, as fotografias reproduzidas no material, sofreram uma intervenção, pois são desfocadas e monocromáticas.

II. O segundo material analisado foi produzido para a exposição **Coleções descobertas: sapatos**¹², conta com 15 páginas, tem aproximadamente 24 imagens e textos curtos de fácil entendimento. Esse material se aproxima em muito com o seu antecessor, nos aspectos gráficos e conceituais, e também destinado ao professor.

Logo no começo o material traz um texto que define o que é um museu. Nessa definição os museus são “instituições que colecionam bens culturais que tem alguma relevância para as comunidades onde se inserem.” (Coleções descobertas: sapatos, 2015 p.1) No tópico “saiba mais” são apresentados aos leitores as definições sobre os objetos museológicos, história oral, fotografias, cartas de chamadas e livros de matrícula, reserva técnica, patrimônio cultural e cartografia efetiva.

O texto que apresenta a exposição temporária, trouxe uma reflexão:

sobre o sapato como representativo dos deslocamentos que fazemos durante as nossas vidas, e também como forma de identificação a um grupo social, tempo e/ou território específico, esta exposição tem o potencial de contribuir para a reflexão sobre as questões que permeiam o tema da migração. (Coleções descobertas: sapatos, 2015, p.2)

¹¹ O material sempre sugere as perguntas que podem ser feitas em todos os processos de discussão e análise, dando repertório ao educador.

¹² Link para acessar o material: http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2015/11/15_10_23_mi_colecao_descobertas_sapatos_educativo_1510231.pdf

Em um texto que procurou relacionar os sapatos com o movimento de migrar e com os indícios que a análise do objeto pode trazer ao observador, prepara o leitor para as atividades sugeridas para o “antes, o durante e o depois” da visitação. (Idem) Após o tópico “texto curatorial” que explica o discurso expográfico, a atividade sugerida propõe que o professor apresente o conceito de patrimônio aos estudantes relacionado com a sua própria memória, de modo a refletir sobre os objetos passados por gerações familiares. A questão do objeto fetichizado, ajudam a completar a definição de objetos de museus. A atividade sugerida para esse momento, propõe que os estudantes possam fazer dos seus objetos os mesmo que fazem com os do museu, atribuam significados.

A partir de um objeto da exposição, um sapato de criança cortado, cria-se o impulso para se “discutir com os estudantes sobre a durabilidade e o descarte de bens que utilizamos no nosso dia-a-dia, a partir de um debate sobre consumismo e sustentabilidade na sociedade contemporânea.” (Coleções descobertas: sapatos, 2015, p.7)

As propostas de atividades seguem o roteiro de visita da exposição, que foi dividida por módulos, a saber: “Lembranças e transições”, “Entre gerações”, “Idas e vindas entre culturas” e “Deslocamentos”. Assim a atividade sugerida a seguir, tem relação com o terceiro modulo. Após uma breve explicação do módulo, sugere-se que atividade para os estudantes seja produzir a própria exposição de sapatos, e identificar as regiões de onde os sapatos da exposição se originam.

Para o modulo “Deslocamentos”, a atividade proposta foi fazer uma entrevista com alguém que possa contar a história de sua vida que se relacione com um sapato. Essa atividade propõe que os estudantes façam o exercício de pesquisador. O caderno foi finalizado com as referências bibliografias, indicações de museus que possuem acervos de sapatos, e com frases populares sobre o tema, como: “Pendurar as chuteiras”, “Desta terra não levarei nem o pó de meus sapatos”, “Chute na bunda”, “Pé d’água”, “Você não chega aos meus pés”, “Digas com quem andas, e te direi quem és”, “Levei uma bota”, entre outros. (Coleções descobertas: sapatos, 2015, p.13)

III. A exposição Imigrantes do café¹³, teve o material educativo em formato muito diferente dos descritos até aqui. Em formato de jornal, o “Gazeta Educativa”

¹³ Link para acessar o material: http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2016/01/mi_imigrantes_cafe_educativo_151221-1.pdf

possui apenas 5 páginas, recheadas de textos e algumas imagens, completamente em preto e branco a sua formatação está próxima dos antigos jornais. O caderno foi produzido para auxiliar o professor, e a sua primeira notícia conta a proposta da exposição e o objetivo do material:

O Núcleo Educativo do Museu da Imigração elaborou essa *Gazeta Educativa*, que inventa fatos e notícias que poderiam ser verdadeiras, pensando em ambientar o visitante na atmosfera da *Belle Époque* paulista (1870-1929), enfatizando a cultura do café e o seu impacto político, social e econômico. (Gazeta Educativa, 2015, p.1)

Algumas imagens são fotografias dos imigrantes, do porto e da propaganda referente a imigração para o Brasil, que pertencem ao acervo do museu. Outras imagens, são ilustrações produzidas pela equipe do educativo. O texto inicial contextualiza a exposição, trazendo o processo da entrada dos imigrantes e do café no Brasil, da origem da hospedaria e das questões sociais e econômicas. Por esse motivo, a atividade que se sugere aos estudantes, para fazerem a relação sobre o processo de marginalização dos escravos libertos no século XIX como as questões raciais contemporâneas.

A matéria do jornal, “corrida contra o analfabetismo” traz a questão educacional, com o intuito de ser notícia do período representado, os verbos usados estão no presente. A atividade sugerida também foi de relacionar o passado com o presente. Assim: “Que tal estabelecer comparações entre o ensino do início do séc. XX e o de hoje. O que mudou?” (Gazeta Educativa, 2015, p.2)

O poema que traz a questão da dupla jornada feminina e uma lista com as músicas do período aparecem como algo a mais, mas não há sugestão de atividade ou como trabalhar com elas. A próxima atividade sugerida está relacionada com a matéria da “coluna social”, que diz sobre a presença do café brasileiro no exterior e seu uso como estimulante. A partir do texto sugere-se duas atividades uma relacionando a disciplina de artes e outra com matemática:

Atividades relacionadas às aulas de Artes podem simular uma cafeteria entre os estudantes, para que eles também possam criar ou formular seus movimentos vanguardistas; da mesma maneira, nas aulas de Matemática, é possível pensar num exercício de porcentagem, considerando o dado fornecido na matéria. (Gazeta Educativa, 2015, p.3)

No tópico “Opinião”, uma charge, um poema e um texto são datados do século XIX, todos tratando da questão dos sujeitos excluídos pelo avanço industrial. Nesse ponto a atividade sugerida, pede novamente a comparação entre o pretérito e o presente. Nas últimas páginas não há mais sugestões de atividades para ser desenvolverem, mas uma sequência de textos que traz a contextualização do tema da exposição, a saber: “Como se faz? Plantio e beneficiamento do café”, “O estranho presente de ‘mr.’ Charles Miller” (sobre as origens do futebol), “Arquitetura e urbanismo: modernização de São Paulo”. Neste caderno não são citadas as referências bibliográficas.

IV. Do retalho à trama: costurando memórias migrantes¹⁴ produziu-se um material educativo com 7 páginas, com textos, imagens e sugestões de atividades pedagógicas relacionadas a exposição temporária. O caderno contém “de um lado, a imagem de uma obra integrante da exposição e, de outro, sugestões de atividades e leitura da imagem, propostas poéticas e textos de apoio” (Do retalho a trama: costurando memórias, 2015, p.1)

Logo após a primeira imagem de *Arpillera*, a atividade sugerida buscou a “leitura da imagem”¹⁵ para que as suas interpretações gerassem temas a serem discutidos com os estudantes. São sugeridos, ao educador, os temas de diferença de gênero e migração.

Os textos que compõe o caderno falam das casas de acolhidas dos migrantes relacionando com a antiga hospedaria do Brás, que ganha um texto próprio. No “tópico sugestões de atividades” a atividade sugerida relaciona o uso da imagem com a produção da atividade:

Observando os personagens presentes na imagem representada neste material, o que podemos dizer sobre eles? Como são suas roupas? Os países apontados são muito distantes do Brasil? Você conhece alguma coisa sobre esses países? [...] Após a pesquisa, os estudantes podem compartilhar com a turma os resultados encontrados em seminários ou cartazes. (Do retalho a trama: costurando memórias, 2015, p.3)

A atividade “Cartografia afetiva” pede que os estudantes formulem um mapa a partir de suas memórias, “utilizando com referência sensações” (Do retalho a trama:

¹⁴ Link para acessar o material: <http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2016/02/Baixar-material-exposicao-do-retalho-a-trama.pdf>

¹⁵Título da atividade

costurando memórias, 2015, p.4) criando assim o caminho da memória. Esta atividade foi baseada na instalação da artista franco-marroquina Bouchra Khalili¹⁶, que buscou em seu projeto “desenhar uma visão geográfica alternativa sobre a perspectiva de indivíduos forçados a cruzar fronteiras de forma indocumentada.” (Idem) “Costurar” também foi uma atividade estruturada em desenvolver-se a partir dos objetos expositivos. Baseando-se na técnica de costurar, a roda de conversa com os estudantes tem o propósito de entrelaçar as interpretações dos estudantes sobre a exposição.

O caderno traz informações sobre instituições que auxiliam os migrantes com os processos jurídicos, e explicam o que são as *Arpillera* que fazem parte da exposição. Para a próxima *Arpillera* se desenvolve os mesmo passos da primeira, “sugestão para leitura de imagem”, de criar debates a partir da interpretação que se fez da obra. A próxima atividade cria uma relação da produção da *Arpillera* com a produção de outros trabalhos artísticos, e sugere que os estudantes produzam sua própria *Arpillera* representando suas memórias.

Na última página do caderno temos um texto que explica a trajetória histórica da *Arpillera*, e suas funções sociais relacionando com o presente, assim a última atividade trouxe uma reflexão da contemporaneidade.

V. O material produzido para a exposição, O caminho das coisas¹⁷, foi pensado para a visita de crianças, e na sua capa logo anuncia:

Este material educativo foi pensado para tornar a visita à exposição *O caminho das coisas* acessível para crianças, de forma lúdica e investigativa. Ele pode ser usado tanto pelas famílias, para uma visita autônoma com crianças de até 11 anos, como pelos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, como ferramenta para planejar o antes, durante e depois da vinda ao Museu (O Caminho das coisas, 2016, p.1)

A narrativa do caderno segue a narrativa dos módulos da exposição, “O objeto”, “As pessoas”, “Os caminhos”, e “Múltiplas histórias”. Os temas são separados por cores, muito provavelmente como na exposição, com 16 páginas,

¹⁶ Fonte do material: The Mapping Journey Project, 2008-2011. Bouchra Khalili. Vídeo instalação. Foto: Site da artista. Disponível em: <http://www.bouchrakhalili.com/the-mappingjourney-project/>.

¹⁷ Link para acessar o material: http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2016/06/mi_o_caminho_das_coisas_educativo_spread_baixa_download.pdf

suas imagens são compostas por fotografias e desenhos, que cumprem o papel de ilustração, principalmente.

Logo depois das informações institucionais, de equipe e colaboradores, o caderno indica como fazer a visita ao museu. Nos tópicos, “como se prepara para a visita ao museu com criança”, “o que fazer no museu com criança” e “a experiência não termina na saída do museu...” há uma série de sugestões que indicam como proceder em uma visita ao museu de forma a torna-la eficiente.

Hilda é a personagem que aparece no caderno como proprietária de alguns dos objetos que o visitante encontra na exposição. A história de sua vida foi narrada pela própria personagem, que incluiu os objetos na narrativa.

Na página seguinte a atividade “O objeto”, 13 imagens de objetos que compõe a exposição estão dispostos em colunas, para que se escolha entre estes, “quais desses objetos levaria se fosse migrar?” e por quê? (O caminho das coisas, 2016, p.6) Ao lado há um labirinto que a personagem, Hilda, deve transpor para chegar ao porto, aludindo assim a dificuldade da viagem do migrante.

No modulo “As pessoas”, Hilda, fez uma breve explicação do que se ver nessa parte da exposição, e pede aos visitantes que completem as lacunas do texto que trouxe as atividades desenvolvidas pela equipe do museu. Segue exemplo:

Ler, descobrir e escrever sobre os objetos da nossa coleção são ações que fazem parte da minha rotina. Outra coisa que faço muito é conversar com imigrantes, assim como a Dona Hilda, que você já conheceu. Você sabe de onde vieram os seus antepassados? Eu sou da equipe de _____. (O Caminho das coisas, 2016, p.8)

A próxima atividade, “Vamos brincar de profissional de museu?”, onde se pede para a criança investigar um objeto de sua escolha que esteja na exposição, o objetivo foi demonstrar o trabalho do pesquisador.

Para o módulo “os caminhos” demonstrou outro trabalho de profissionais do museu, relacionar a pesquisa com os objetos. Assim a atividade foi a de ligar as imagens dos objetos aos textos que representam os imigrantes. Ainda no mesmo modulo, a atividade desenhar no kimono, relaciona o objeto expositivo com a atividade, pedindo as crianças que façam desenhos no kimono como os japoneses, com elementos de sua paisagem local.

No módulo “múltiplas histórias” as atividades sugeridas tem o objeto como ponto de partida. Ambas pedem para que se conte histórias a partir dos objetos, na primeira deve se escolher um da exposição, e na segunda um do seu cotidiano.

O caderno para a criança se encerra de forma bem lúdica, com o jogo do “Bingo”: “Quanto destes objetos e paisagens você encontrou na visita ao Museu da Imigração? Marque aqueles que você viu. Se completar uma linha – horizontal ou vertical – você é o ganhador!” (O caminho das coisas, 2016, p.16)

VI. O material educativo produzido para a exposição Direitos Migrantes: nenhum a menos¹⁸, foi criado para “ser um diálogo sobre os conteúdos da exposição” com o visitante, “apresentando propostas de mediação e sugestões de atividades”. Este material, para o professor, possui 14 páginas, poucas imagens, em relação aos outros materiais, com mais textos. Ele também foi organizado seguindo a sequência dos módulos expositivos, que são: “Fronteiras, Protagonismo das Mulheres”, “Mobilização por Direitos e Participação Política” e “Cultura como Resistência”.

Após uma breve apresentação sobre a exposição, alguns conceitos são definidos para o entendimento dos seus usos na exposição. Fronteiras legais, simbólicas, documentos, cultura, entre outros, são explicados para que o visitante possa acompanhar a exposição, cabendo até uma interpretação do espaço específico da exposição como forma de orientação:

O primeiro ambiente da exposição é uma sala pequena e escura. Ao sentar-se no banco, você se deparará com um espelho refletindo sua própria imagem. Como é sentir-se no lugar do outro? [...] Este exercício de empatia é importante quando se pretende falar sobre direitos humanos. E se fosse eu, ou minha família? Perceba as manchetes de jornal impressas nas paredes da sala. Elas se referem a casos de violação de direitos que acontecerem com migrantes ingressos no Brasil. (Direitos Migrantes: nenhum a menos, 2016, p.3)

O caderno foi organizado de maneira que as propostas de atividades, para essa exposição, ficam na parte final, não em meio aos textos e fotos como nos outros cadernos. Para cada módulo da exposição foram pensadas atividades relacionadas com o tema, para o primeiro, temos a “tá na cara” e “Imaginando histórias”, que em poucas palavras, buscou despertar a empatia dos estudantes

¹⁸ Link para acessar o material: http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2016/10/Direitos-Migrantes_Material-educativo.pdf

para as questões migrantes. A primeira atividade pede que os estudantes discutam “sobre os motivos que fazem com que as pessoas busquem refúgio ou migrem” (Direitos Migrantes: nenhum a menos, 2016, p.8), e esses motivos seriam escritos em cartões e colado na testa para que o grupo que o rodeia o ajude a adivinhar o motivo selecionado através de perguntas. A segunda atividade, sugere que os estudantes formulem “novas hipóteses sobre as possíveis histórias de migrantes e questionar os estereótipos que construímos a partir da ideia de uma história única.” (Idem)

Para o segundo módulo as atividades “entre privilégios”, “histórias cruzadas”, “onde estão elas?”, “nuvens de palavras” trazem as diferenças de gênero entre os migrantes. A dinâmica, da primeira atividade, propõe que os estudantes estejam em pé de igualdade no início, mas no final as diferenças vão aparecendo dependendo da origem social, orientação sexual, etnia, religião, política e de gênero. Já em “histórias cruzadas” o que se propõe são debates em grupos de “situação emblemáticas para discutirmos migrações e interseccionalidade¹⁹”. (Direitos Migrantes: nenhum a menos, 2016, p.9) São sugeridas quatro questões para começar o debate.

Em “onde estão elas?” pede aos estudantes a análise documental do livro de matrícula que compõe o acervo do museu, buscando como as mulheres são representadas no documento. O mesmo se pede para a pesquisa a ser realizada no acervo digital do museu, a representação iconográfica feminina e o seu lugar social, traçando comparações com a contemporaneidade.

Na atividade “nuvens de palavras” propõe que os estudantes pesquisem em redes sociais através de hashtag, como #meuamigosecreto e #primeiroassedio, para montarem uma nuvem (cartaz) com as palavras que são frequentes nesses discursos, criando uma nuvem de palavras chaves. Essa atividade buscou destacar as ações políticas de grupos feministas.

No módulo seguinte, “Mobilização por Direitos e Participação Política”, a atividade tem como “objetivo de que os estudantes, entendam o que seria participar politicamente e propor ações na escola” (Direitos Migrantes: nenhum a menos, 2016,

¹⁹ Interseccionalidade: Tipo de análise que privilegia a interação entre formas de subordinação, como opressões de gênero, sexualidade, raça e classe. A interseccionalidade leva em consideração essas experiências, e suas combinações, para que se possam compreender melhor as relações de poder das quais estes sujeitos participam. Fonte: material educativo, Direitos Migrantes: nenhum a menos, 2016, p.13.

p.11) através da discussão com os estudantes, do conceito de democracia, seguido por uma assembleia que poderia propor mudanças de interesses dos mesmos na escola.

As duas últimas atividades relacionam-se com o, também, último módulo da exposição. “Ágora agora!” e “Poesia no concreto” ambas buscam relacionar a arte como uma forma de ocupar e resistir. Na primeira atividade sugere-se que a atividade seja realizada em uma praça do entorno da escola, e que nela se desenvolva uma ação artística. Na segunda pede-se que os estudantes façam intervenções em textos que falam sobre migração afim de modifica-los. Assim:

Usando canetas de diversas cores e grossuras, sugira aos participantes que manipulem estes escritos, seja escondendo trechos ou acrescentando palavras e desenhos, de forma a compor novos textos, poesias ou imagens. (Direitos Migrantes: nenhum a menos, 2016)

O material traz muitas informações como, o glossário, trecho do estatuto do estrangeiro, poesia, fotografias e referências bibliográficas, para auxiliar nas atividades educativas propostas e no entendimento da exposição.

VII. A exposição **Migrações à Mesa**²⁰ tratou de assuntos menos conflituosos que a sua antecessora, e isso refletiu em seu material pedagógico. A combinação de textos e imagens ilustrativas, trouxe a referência a um livro de receitas, que começa com a receita de como fazer uma boa visita. A brincadeira com palavras do campo da gastronomia sugerem os ingredientes para fazer a visita:

Num recipiente, junte as 2 xicaras de abertura para o diálogo com um punhado de crítica e observe os objetos pensando em sua disposição. Reserva as descobertas [...] Escolha o elemento dessa exposição que mais chamou a sua atenção. Reserve alguns instantes para reparar apenas nisso. (Migrações à Mesa, 2016, p.3)

Em todo o caderno foram colocadas, em espaços delimitados, depoimentos de memórias relacionados à comida, contudo não informam sua origem, somente os autores. As atividades sugeridas nesse caderno, não se caracterizam por serem sugestões a serem trabalhada em sala de aula, mais sim com questões provocativas ao leitor para se atentar na exposição.

²⁰ Link para acessar o material: <http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Migracoes-a-Mesa.pdf>

Como exemplo, no tópico, “memórias a mesa” temos uma narração, em primeira pessoa, sobre as memórias afetivas ligadas ao paladar, olfato, audição e visão, introduzindo o tema do caderno. Ao final da narrativa questiona-se o leitor: “E você? Quais são as suas memórias entorno da mesa? Em seguida se apresentam duas brincadeiras, “boca de forno” e “pinturas em ovos”, e a questão: “Você brincava de outra maneira?”

Como também ocorreu no tópico, “Receita para criar um utensílio que vai revolucionar a cozinha”, seu texto trouxe como os objetos de cozinhar passam por processo de transformação tecnológica, com a indagação: “você já pensou que objetos mais simples – como colheres de pau, panelas, travessas – já foram considerados tecnologias de ponta?”

Consideramos como sugestão de atividade o mapeamento da paisagem pelo paladar, e a confecção dos “biscoitos dominó”. Para a primeira, o objetivo da atividade foi a produção de um mapa da memória palatável, relacionando assim memória e sensações físicas. Para a segunda, foi a possibilidade de criação desse tipo de memória, para se fazer com as crianças, que se sugeriu o cozinhar biscoitos.

O tópico “Pitada de igualdade” traz a questão de gênero, de as mulheres serem relacionadas com os afazeres domésticos, como o cozinhar, entretanto não trouxe sugestão de como usar essas informações nem de atividades para se desenvolver com as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento acreditamos que algumas considerações podem ser feitas acerca do nosso trabalho de pesquisa. As exposições temporárias cumprem papel importante complementar à exposição permanente, trazendo até certo ponto, diferentes olhares sobre fatos e coisas dentro do tema central migração. Como podemos observar as exposições temporárias produzidas pelo museu trataram de assuntos dos diferentes aspectos da vida dos migrantes, alguns até trouxeram aspectos mais sensíveis, como os direitos negados aos migrantes aqui instalados.

O autor Odair Paiva, traz em seu texto, “Migrar: experiências, memórias e identidades. Análise da exposição de longa duração do Museu da Imigração do Estado de São Paulo” (2015), a discussão sobre as escolhas no processo de formação de uma exposição. Segundo o autor, a exposição nunca deveria ter a pretensão de ser uma síntese do debate que a sua temática museológica trata. A materialização do vivido (MENESES, 2005) implica em deixar estático aquilo que é movimento em movimento. E também, o paradoxo, ocasionado pelo próprio processo de formação da exposição, quando escolhemos poucos e apagamos a maioria, sendo que é a minoria social que é escolhida para ser representada, e a minoria social que é apagada. “Enquanto forma de conhecimento, as exposições *iluminam* e deixam nas brumas” (PAIVA, 2015, p.13) ao mesmo tempo.

Assim as exposições temporárias podem ser o espaço onde o museu poderia compensar as suas ausências, com temas que não foram contemplados pela exposição de longa duração, e as ações educativas podem auxiliar no processo de dar visibilidade as essas ausências.

Outra função importante das ações educativas é a formação continuada que pode oferecer os professores. Em todos os cadernos para professores analisados observou-se a preocupação em trazer os saberes necessários para o aperfeiçoamento à prática docente, seja no espaço do museu, seja no espaço escolar. Assim muitos materiais serviram não só como apoio pedagógico as visitas as exposições, mas também como um material que teve como objetivo de assegurar uma ação docente efetiva que promovesse atividades significativas.

Os cadernos produzidos pela instituição também trouxeram alguns aspectos de permanência em suas concepções metodológicas de educação patrimonial. Em muitos cadernos podemos ver que o método utilizado ainda se faz através das

quatro ações: observação, registro, exploração e apropriação. Com esse tipo de metodologia “pretende-se realizar uma ação educativa de transmissão de informações, valores e concepções de mundo de alguns ‘detentores de conhecimento’ para aqueles que nada sabem e que devem ser conscientizados.” (SIVIERO, 2015, p. 97 Apud TOLENTINO, 2016, p. 41)

No material também observamos a constante utilização da exposição como ilustradora de conteúdo do currículo de história, de forma a suprir as lacunas no ensino escolar. Nesse sentido, consideramos desaconselhável que se vincule as atividades de educação patrimonial aos conteúdos disciplinares, principalmente de forma ilustrativa ou simplesmente complementar.

Por fim, considero que os materiais produzidos pelo Museu da Imigração do Estado de São Paulo possuem muitos méritos, dos quais abordou temas mais sensíveis do processo de migrar, incluíram personagens históricos antes relegados pela historiografia e ampliaram a ideia de migração, como permanente e em constante transformação. Tudo isso representa avanços nas práticas educativas no campo do patrimônio, e fora dele, mas muitos ainda precisam acontecer.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Ricardo Alberton. **Perspectivas expográficas contemporâneas: as exposições do Museu da Imigração do Estado de São Paulo e do Museu do Futebol e suas contribuições para a apresentação da temática museológica.** Dissertação de mestrado, USP, Museu da Arqueologia e Etnologia, Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia, 2017.

FLORENCIO, Sonia Rampim e outros. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos.** Brasília: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014, p.5-28.

PAIVA. Odair. **MIGRAR: EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES. Análise da exposição de longa duração do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.** XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis – SC, 2015.

PAIVA. Odair, **MOURA**. Soraya, **Hospedaria de imigrantes de São Paulo.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

TOLENTINO, Átila. **O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática.** IN: TOLENTINO, Átila e BRAGA, Emanuel (orgs.). *Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas.* Caderno Temático 5. João Pessoa: Iphan-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016, p.38-48.

BIBLIOGRAFIA

BEZERRA, Marcia e **SILVEIRA**, Flávio Leonel Abreu da. **Educação Patrimonial: perspectivas e dilemas.** IN: LIMA FILHO, Manuel Ferreira e outros (orgs.). *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos.* Blumenau: Nova Letra, 2007, p.81-97.

BREFE; Ana Claudia Fonseca. **Museus Históricos na França: entre a reflexão histórica e a identidade nacional.** Anais do Museu Paulista. N. Sér. V.5, p. 175-203. dez. 1997

CABRAL, Magaly. **Educação Patrimonial X Educação Museal?** IN: TOLENTINO, Átila (org.). *Educação patrimonial: reflexões e práticas.* Caderno Temático 2. João Pessoa: Iphan-PB, 2012, p.38-43.

FLORENCIO, Sonia Rampim e outros. **Educação Patrimonial: um processo de mediação.** IN: TOLENTINO, Átila (org.). *Educação patrimonial: reflexões e práticas.* Caderno Temático 2. João Pessoa: Iphan-PB, 2012, p.22-29.

HORTA, Maria L. P. (et al.) **Guia básico de educação patrimonial.** Brasília: Iphan — Museu Imperial, 1999.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Do teatro da Memória ao laboratório de História: a exposição museológica e o conhecimento histórico.** Anais do Museu Paulista. São Paul, 1994

Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. Estudos históricos, Rio de Janeiro, 1998.

O discurso museológico: um desafio para os museus. Ciências em museus: Porto Alegre, 1992.

O salão nobre o Museu Paulista e o teatro da História. In (org.) Como explorar um museu histórico. São Paulo: Museu Paulista, 1992.

FONTE BIBLIOGRÁFICA:

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Plano Museológico. São Paulo: Expoms/Museu da Imigração/Secretaria de Estado e Cultura de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/wpcontent/uploads/2013/08/Plano-Museologico.pdf>
Acessado em: 09/07/2018.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Plano Museológico. São Paulo: s/d. Arquivo Museu da Imigração do Estado de São Paulo, Fundo Museu da Imigração.

ANEXO

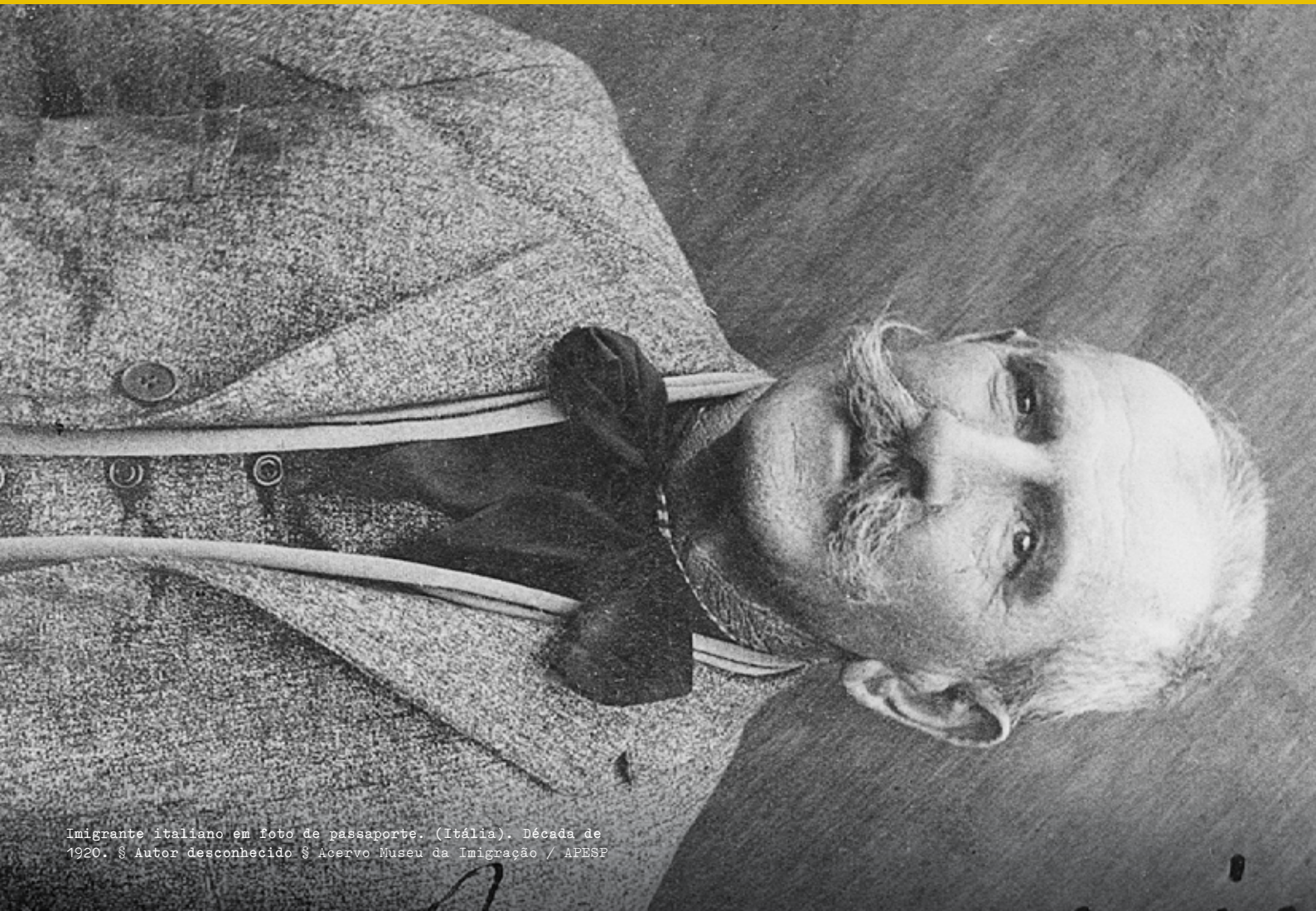
Ano	Título de exposição	Local da Exposição	Modalidade de exposição	Período de vigência
2014	Migrar: experiências, memórias e identidades	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Longa duração	31/05/2014 a
2014	A criança e o brinquedo no Museu da Imigração	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	12/10/2014 a 08/03/2015
2015	Retratos Imigrantes	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	27/03/2015 a 06/09/2015
2015	Coleções descobertas: Câmeras fotográficas	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	15/04/2015 a 10/04/2015
2015	Cartas de chamada de atenção	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	12/06/2015 a 02/08/2015
2015	Coleções descobertas: Sapatos	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	04/09/2015 a 06/12/2015
2015	Imigrantes do Café	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	14/11/2015 a 27/03/2016
2015	Todos podem ser Frida	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	08/12/2015 a 20/12/2015
2016	Do retalho à trama: costurando memórias migrantes (temporária)	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	13/02/2016 a 15/05/2016
2016	O Caminho das coisas	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	21/05/2016 a 24/09/2016
2016	Direitos Migrantes - nenhum a menos	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	24/09/2016 a 18/12/2016
2016	Migrações à Mesa	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	19/11/2016 a 26/09/2017
2017	Vidas Refugiadas	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	18/03/2017 a 28/05/2017
2017	Hospedaria 130	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	26/08/2017 a 17/12/2017
2017	Da cabeça aos Pés	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	02/12/2017 a 21/10/2018
2018	Hospedaria 130	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	6/12/2018 a 27/05/2018
2018	Para frente Para trás	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	23/08/2018 a 07/10/2018
2018	Infância Refugiada	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	12/10/2018 a 16/12/2018
2018	Sinta-se em Casa	Museu da Imigração - São Paulo/SP	Exposição Temporária	01/12/2018 a

Mulher Rutena do antigo Reino da Rutênia, que chegou a estender-se da Ucrânia ao nordeste da Romênia. Nova York, NY (EUA). s/d. § Augustus Sherman § Acervo Museu da Imigração de Ellis Island / Coleção Augustus F. Sherman




RETRATOS IMIGRANTES

MATERIAL EDUCATIVO




Imigrante italiano em foto de passaporte. (Itália). Década de 1920. § Autor desconhecido § Acervo Museu da Imigração / APESP



O Museu da Imigração do Estado de São Paulo, instituição vinculada à Secretaria de Estado da Cultura, tem como um de seus principais compromissos estabelecer diálogos com seu público de modo a garantir que todos possam exercer seus direitos à cultura e à cidadania. Nesse contexto o Núcleo Educativo é entendido como estratégico, assim como as parcerias que firmamos com escolas, universidades e outras instituições de ensino.

Como o museu pode ser um espaço de encontro para estudantes e professores? Essa é uma das perguntas que nos fazemos constantemente quando pensamos na construção de um material

APRESENTAÇÃO



educativo que possa aproximar e promover essa conversa. Pensando assim, as atividades que sugerimos visam a aproximar os espaços do museu e da sala de aula, seja como forma de introduzir aos alunos algumas questões que serão vivenciadas na visita, ou como forma de estender essa experiência após sua realização.

Do dia 27 de março a 30 de setembro de 2015 estará em cartaz no Museu da Imigração do Estado de São Paulo a exposição temporária 'Retratos imigrantes', parceria entre esta instituição e o *Ellis Island Immigration Museum*, sediado em Nova Iorque, com curadoria de João Kulcsár.

‘Retratos imigrantes’ é uma exposição fotográfica: o acervo do *Ellis Island Immigration Museum* e do Museu da Imigração do Estado de São Paulo se deslocam de seus locais de origem para compor juntos esta mostra - que ocorre aqui no Brasil e também em Nova Iorque, com apoio do Consulado Americano em São Paulo.

O que o Museu da Imigração do Estado de São Paulo e o *Ellis Island Immigration Museum* têm em comum é o fato de que as duas instituições estão sediadas em locais de recepção de imigrantes nas suas respectivas cidades, São Paulo e Nova Iorque - duas importantes cidades e centros

EXPOSIÇÃO “RETRATOS IMIGRANTES”

econômicos de seus países. Esses locais de acolhida de imigrantes se chamavam Hospedaria de Imigrantes do Brás (1888-1978) e *Ellis Island* (1892-1954).


O enfoque da exposição ‘Retratos imigrantes’ são fotografias produzidas entre os anos de 1900 e 1930 nestas duas instituições. Este recorte cronológico foi escolhido pois foi o período em que um fotógrafo chamado Augustus Fredrick Sherman (1865-1925) produziu importantes retratos em *Ellis Island*, retratos estes que são considerados pelos

historiadores como um dos mais substanciais arquivos de fotografia deste período de imigração em massa (MESENHOLLER, 2005). As fotografias escolhidas do acervo do Museu da Imigração se encerram também neste período, como forma de estabelecer semelhanças e conexões entre os processos migratórios e o cotidiano das duas instituições.

O Núcleo Educativo do Museu da Imigração preparou este material educativo virtual com o intuito de ser uma ferramenta para auxiliar o professor no planejamento de sua visita à exposição 'Retratos imigrantes' com os estudantes. Este material educativo foi

estruturado como uma conversa entre o Educativo e os professores, com algumas propostas de abordagem e sugestões de atividades para serem desenvolvidas antes, durante e depois da visita. Agende sua visita à exposição e utilize este material como apoio para aproveitar ao máximo os recursos pedagógicos que o museu oferece, tornando assim a visita mais significativa.

EXPOSIÇÃO “RETRATOS IMIGRANTES”



Família Evangelista. São Paulo ou Atibaia, SP (Brasil).
1911 § Autor desconhecido § Acervo Museu da Imigração / APESP

SAIBA MAIS

O fotógrafo **AUGUSTUS FREDRICK SHERMAN** (1865-1925), nascido no estado da Pensilvânia, Estados Unidos, entrou no serviço público em 1892 como funcionário da Divisão Executiva do Departamento de Imigração de *Ellis Island*, oito anos depois de ter se mudado para Nova Iorque. Posteriormente, foi promovido a funcionário sênior e secretário pessoal do Comissário da Imigração e, como tal, ocasionalmente se juntou ao Conselho Especial de Inquérito. O status privilegiado de Sherman lhe deu acesso aos imigrantes que um simples inspetor ou intérprete não tinham. Sua posição também proporcionou um maior tempo para

produzir um surpreendente grupo de retratos, contando também que as técnicas contemporâneas de exposição e convenções de composição requeriam um tempo considerável para produzir uma imagem satisfatória. Fotógrafo autodidata, Sherman realizou a maioria, cerca de 250 fotografias de ‘tipos’ de imigrantes, entre 1905 e 1925.

A fotografia surge na Revolução Industrial, com o enorme desenvolvimento das ciências e o surgimento de uma série de invenções que viriam influir decisivamente nos rumos da história moderna. Essa técnica se configura como uma possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio a pesquisa nos diferentes campos da ciência, e também como forma de expressão artística. O desenvolvimento da fotografia trouxe o gradativo aperfeiçoamento da técnica fotográfica, que a princípio era essencialmente artesanal e a cada dia está mais e mais sofisticada.

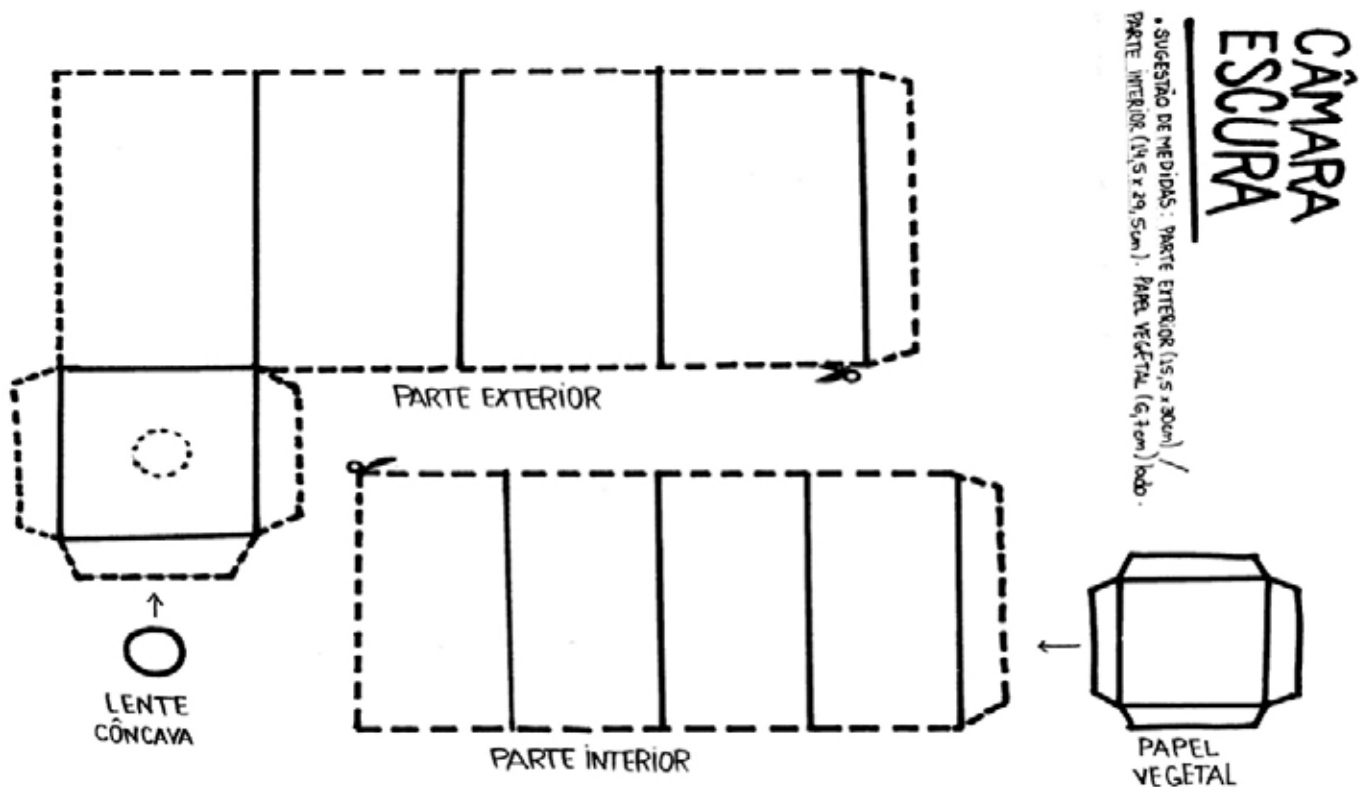


FOTOGRAFIA: UM NOVO MEIO DE CONHECIMENTO DO MUNDO

Pode-se sugerir que os estudantes construam uma câmara escura de papel cartão para entender como as imagens se formam na câmera fotográfica. Esta atividade é interessante tanto para as aulas de arte quanto para as aulas de física, por exemplo. Outra sugestão é que os estudantes tragam suas câmaras escuras à visita ao museu para experimentar no nosso jardim.



Alemão rejeitado. Nova York, NY (EUA). s/d. § Augustus Sherman § Acervo Museu da Imigração de Ellis Island / Coleção Augustus F. Sherman



SAIBA MAIS

CÂMARA ESCURA é um tipo de aparelho óptico que esteve na base da invenção da fotografia no início do século XIX. Durante séculos o homem utilizou a câmara escura - que consiste numa caixa (ou sala) com um orifício por onde a luz entra, atingindo a superfície interna, onde é reproduzida a imagem invertida. Os artistas utilizavam a técnica da câmara escura para desenhar paisagens realistas: a imagem dos objetos do mundo visível era formada no interior da câmara, que então podiam ser delineadas, se obtendo sobre papel esboços e desenhos da natureza - mas não conseguiam ainda fixar a imagem diretamente num suporte. Com a

invenção da fotografia, a imagem dos objetos na câmara escura pode ser gravada diretamente pela ação da luz sobre determinada superfície sensibilizada quimicamente.



Outra forma interessante de interagir com o jardim do museu e as exposições é sugerir que os alunos realizem a visita observando o espaço através de uma moldura, que pode ser feita com um papel cartão ou a abertura de um disquete, brincando com as composições e os enquadramentos. Quando se tira o disco magnético do disquete, é criada uma espécie de obturador - como o da máquina fotográfica - ao abrir e fechar a lamina de metal do disquete.

FOTOGRAFIA: UM NOVO MEIO DE CONHECIMENTO DO MUNDO



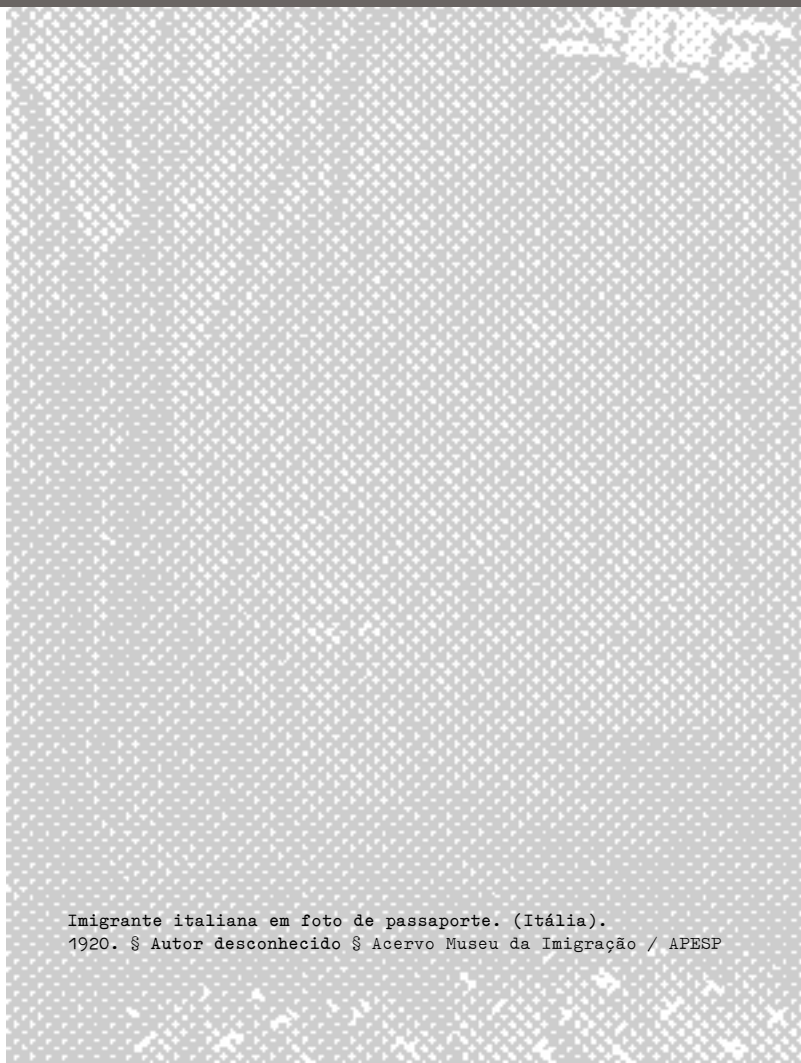
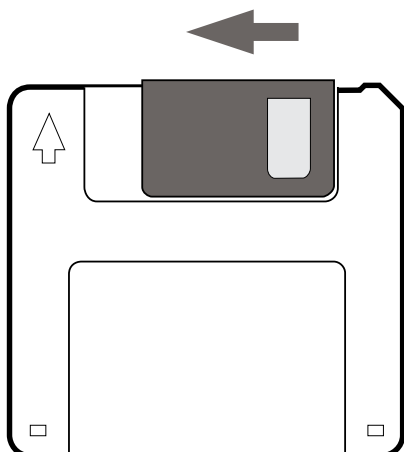
Utilizando um disquete ou moldura como 'dispositivo de registro', pode ser proposto aos participantes uma experimentação 'fotográfica' em que sua memória é o único lugar de armazenamento da imagem. Os participantes podem experimentar a observação do jardim e das exposições do museu em busca do melhor enquadramento - aquele que mais chame sua atenção - para posteriormente compartilhar com o resto do grupo através de desenhos ou descrição.

Mais uma maneira interessante de exploração da exposição é através de palavras-chave que sintetizem a experiência da visita. As palavras-chave podem funcionar como tema gerador para a discussão e compartilhamento de diferentes pontos de vista que cada um de nós pode ter a partir das fotografias expostas. Após a visita à exposição, os estudantes podem ser convidados a escolher palavras que sintetizem sua experiência, e depois, no próprio museu ou na escola, todos podem compartilhar suas apreensões e associar a sua palavra com a do outro.



FOTOGRAFIA: UM NOVO MEIO DE CONHECIMENTO DO MUNDO

puxe a lâmina de metal do disquete nesta direção para abrir o 'obturador' e fazer o 'registro'



Imigrante italiana em foto de passaporte. (Itália).
1920. § Autor desconhecido § Acervo Museu da Imigração / APESP


Pode-se discutir, a partir das fotografias da exposição 'Retratos imigrantes', o que elas revelam de subjetivo da identidade dos indivíduos retratados, abordando temas como identidade, identificação e alteridade, e inclusive analisar as fotografias pela sua carga estética.

Uma atividade interessante para realizar com os estudantes é a produção de seus próprios retratos. Pode-se propor aos estudantes que tragam um pequeno espelho de suas casas para que eles possam desenhar por cima de seu reflexo, no próprio espelho, com canetas retroprojetoras. Em seguida, os espelhos podem ser compartilhados para que todos os participantes se olhem em cima dos traços criados pelos companheiros, tentando se encaixar nos desenhos e procurando

semelhanças. Após este exercício, pode ser aberta uma discussão sobre identidade, alteridade, como eu me vejo e como as pessoas me veem.

Outra proposta de atividade é fazer o retrato de outra pessoa, analisando suas expressões e traços do rosto. A ideia é realizar um olhar mais atencioso, para os detalhes imperceptíveis no nosso dia-a-dia. Os estudantes podem se sentar em duplas, um na frente do outro, e, sem se preocupar com questões acadêmicas de desenho, cada um pode retratar o outro. Depois de prontas as produções, os participantes podem discutir junto: *Quais as dificuldades encontradas? Quais as semelhanças e diferenças? Como me vejo e como o outro me vê? Você se reconhece no desenho?*

RETRATO E IDENTIDADE



"Húngaros". Nova York, NY (EUA). s/d § Augustus Sherman § Acervo
Museu da Imigração de Ellis Island / Coleção Augustus F. Sherman

MÚLTIPLAS BAGAGENS CULTURAIS

Um imigrante necessariamente carrega várias bagagens - bagagens de diferentes tipos, tamanhos e cores, e também diferentes bagagens culturais. Este é um importante aspecto que podemos perceber nas fotografias das duas instituições, mas bastante evidente nas vestimentas nacionais e roupas tradicionais que são usadas por vários dos retratados pelo fotógrafo Sherman.

As roupas representam um elemento muito importante para nossa vida social - um indivíduo vestindo roupas de algum grupo específico representa os valores culturais e sociais daquele grupo. Deste modo, roupas fazem parte de um complexo sistema de símbolos e signos com conotações sociais, regionais e nacionais, tanto do passado como do presente.

Pode-se chamar a atenção dos estudantes para a variedade de roupas e acessórios que cada imigrante retratado veste. Pode-se também realizar uma discussão sobre como a maneira de se vestir nos diferencia uns dos outros, mas também nos agrupa em tribos com interesses e gostos em comum.

O seu modo de vestir provavelmente se distingue do de seus pais quando eles tinham sua idade. Roupas do passado e do presente servem como um espelho da sociedade e nos ajudam a compreender transformações históricas. Importante chamar a atenção também como a ideologia, a música e a arte acabam por se refletir nas roupas de cada época. Pode-se propor uma discussão sobre as permanências e as mudanças no modo de



vestir através dos tempos, ou até um seminário ou blog produzido pelos estudantes, para que eles possam pesquisar mais afundo a moda de uma época e compartilhar com a turma.

Uma análise detalhada do tema traz à tona questões que permitem enriquecer o repertório dos estudantes sobre a evolução e os costumes dos grupos sociais. A história da vestimenta tem relação com o comportamento através dos tempos e a produção cultural da humanidade - a organização do mundo, seu modo de ser e de viver. Outro tema importante para discussão são as transformações da moda, relacionando-as com as transformações históricas e sociais.

MÚLTIPLAS BAGAGENS CULTURAIS



Se você fosse
imigrar o que
levaria na sua
bagagem?

Fotografia e teatro, apesar de linguagens constituídas por características particulares, encontram pontos de convergência no fenômeno da encenação.

Baseado em propostas de Augusto Boal para o teatro do oprimido, pode-se discutir discutir com o grupo os discursos contidos na fotografia através da encenação. A proposta consiste em apresentar as fotografias aos alunos e, após dividi-los em grupos de três a cinco pessoas, sortear para cada grupo uma imagem da exposição 'Retratos imigrantes' para que eles possam discutir e encenar a fotografia.




FOTOGRAFIA E ENCENAÇÃO

Cabe ao educador o papel de parar a cena a qualquer hora para que os outros grupos façam leitura da cena e a alterem de acordo com suas próprias percepções e opiniões, não se limitando ao papel de plateia, mas sim como um membro criativo da encenação. Dentro da encenação, o educador pode propor perguntas de leitura de imagem, tais como: *se trata de uma cena de despedida ou de chegada? Há felicidade ou sofrimento na cena? Os elementos contidos se distanciam ou se aproximam? O que vocês enxergam dessa cena? O que está acontecendo? O que isso quer dizer? Que relação se encontra aí? Vocês já passaram por um problema desse tipo? Alguém tem ideia de como isso pode se resolver?*



Uma mãe e as suas duas filhas de Zuid-Beveland, província de Zeeland, Países baixos. Nova York, NY (EUA). s/d. § Augustus Sherman § Acervo Museu da Imigração de Ellis Island / Coleção Augustus F. Sherman



"Sírios". Nova York, NY (EUA). s/d. § Augustus Sherman § Acervo
Museu da Imigração de Ellis Island / Coleção Augustus F. Sherman

LENDO IMAGENS

Todos os dias somos bombardeados por imagens provenientes de vários meios de comunicação. A grande questão é: *como nos relacionamos com as imagens?* A cada dia que passa, dedicamos menos tempo às imagens, muitas coisas passam despercebidas e a experiência se torna cada vez mais superficial.

As imagens precisam ser lidas como textos, e para isso precisamos ser 'visualmente alfabetizados'. Nesse sentido, o professor pode propor uma atividade na qual serão realizadas análise e produção de imagens a fim de exercitar um olhar cauteloso, analítico e crítico para a leitura de imagens.


O professor pode realizar na sala de aula a leitura de imagens do cotidiano, como anúncios de jornais, *outdoors*, revistas, etc. Ao realizar a leitura das imagens com os estudantes, é importante abrir espaço para que eles falem sobre suas primeiras percepções sobre as imagens. Então, o educador pode comentar sobre os aspectos formais da imagem (cores, formas, tamanho, textura), e depois avançar a discussão para aspectos mais subjetivos e possíveis significados escondidos nas imagens.

A seguir, algumas dicas de questões que podem ser interessantes de serem abordadas em uma leitura de imagem: *A imagem é colorida ou preto e branco? É uma pintura, uma foto, um desenho? Qual a técnica usada? Quais as formas? É possível reconhecer os elementos da imagem? Há pessoas na imagem? Quantas? O que elas estão fazendo? Como é a fisionomia delas? Estão tristes? Felizes? Tem alguma paisagem na imagem? As pessoas estão interferindo na paisagem? De que maneira? Como as pessoas estão vestidas? As pessoas estão à vontade na foto? Tem algum texto na imagem? Quem criou a imagem? De quando é a imagem? Qual é o enquadramento da imagem ?*

Qual o primeiro “ponto” que você vê na imagem ? Como estão vestidas as pessoas na imagem? Entre outras.

A partir destes exercícios de leitura de imagem realizados em sala de aula, os estudantes poderão visitar a exposição ‘Retratos imigrantes’ e então realizar a leitura das imagens do museu. Divididos em grupos, eles podem escolher uma imagem que mais chame a atenção durante a visita e fazer uma leitura a partir dela. Posteriormente, cada grupo pode apresentar aos colegas o que fizeram. Durante a apresentação, questões que envolvem identidade, deslocamento, pertencimento podem ser levantadas.

LENDO IMAGENS



Irmão e irmã da Europa de Leste. Nova York, NY (EUA).
s/d. § Augustus Sherman § Acervo Museu da Imigração
de Ellis Island / Coleção Augustus F. Sherman

LENDO IMAGENS

Como produto final da atividade, cada estudante pode produzir um autorretrato e depois apresentar para o restante da turma falando sobre as

escolhas que fizeram. O educador pode ajudar nessa construção apontando coisas que o grupo não percebeu ou trazendo algum questionamento.

BIBLIOGRAFIA

BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras propostas poéticas. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. 200 exercícios para o ator e o não-ator. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

KOSSOY, Boris. Fotografia & história (1941). 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MESENHOLLER, Peter. Augustus F. Sherman: Ellis Island portraits 1905-1920. New York: Aperture Foundation, 2005.

Kulcsár, JOÃO. Retratos imigrantes. 1ª. edição. São Paulo. Editora Sesi-SP, 2015.

PARA SABER MAIS

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BAVISTER, Steve. Guia de fotografia digital. São Paulo: Senac, 2011.

FREUND, Gisèle, Fotografia e sociedade. Lisboa: Vega, 1989.

BARTHES, Roland. A câmara clara. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

SITES

www.alfabetizaçãovisual.com.br

<http://www.statueoflibertytickets.com/Ellis-Island/>

CONSULADO GERAL DOS ESTADOS UNIDOS
DA AMÉRICA EM SÃO PAULO

CÔNSUL-GERAL
DENNIS HANKINS

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE IMPRENSA, EDUCAÇÃO E CULTURA
RAKESH SURAMPUDI

ADIDA CULTURAL
DANNA VAN BRANDT

ASSESSORA CULTURAL SÊNIOR
MARIA ESTELA SEGATTO CORRÊA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR DO ESTADO
GERALDO ALCKMIN

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
MARCELO MATTOS ARAUJO

COORDENADORA DA UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO
RENATA VIEIRA DA MOTTA

INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO
DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
ROBERTO PENTEADO DE CAMARGO TICOULAT

COMITÊ EXECUTIVO
GUILHERME BRAGA ABREU PIRES FILHO
EDUARDO CARVALHAES JR.

DIRETORA EXECUTIVA
MARÍLIA BONAS CONTE

DIRETOR ADMINISTRATIVO
ROGÉRIO ÍTALO MARQUEZ

GERENTE DE CONTROLADORIA GERAL
ALESSANDRA ALMEIDA

GERENTE ADMINISTRATIVO
THIAGO SANTOS

GERENTE DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
CAROLINE NÓBREGA

COORDENADORA TÉCNICA DO MUSEU DA IMIGRAÇÃO
MARIANA ESTEVES MARTINS

Exposição RETRATOS IMIGRANTES

CURADOR
JOÃO KULCSÁR

TEXTOS
MARIANA ESTEVES MARTINS
MARÍLIA BONAS CONTE
DIANA PARDUE

REVISÃO TEXTOS
MÔNICA C. RIBEIRO E MARI LUCARINI

PRODUÇÃO DAS FOTOGRAFIAS
GABRIEL RIBEIRO CARDOSO
ELIANE LIMA
CLAUDIO TOSHIO TAKAHASHI
MARIANA SAISSU SOUSA
BRUNO MORTARA
GUSTAVO LIMA
FLAUBERT CECCONATO

PROJETO EXPOGRÁFICO
JULIANA SILVEIRA

DESIGN
ALEXSANDRO SOUZA -DÍNAMO-

PRODUÇÃO
JULIANA SILVEIRA
VIVIAN BORTOLOTTI

EDUCATIVO (PESQUISA E TEXTOS DESTE MATERIAL)
ADILSON MEDEIROS DOS SANTOS
ALINE DE SOUZA OLIVEIRA
ANA GOMES DE MENEZES
BRUNA MARQUES
CONRADO SECASSI AGARELLI
DIEGO NAVARRO CERNOHOVSKY
FERNANDA MAZETE JORGE
GUILHERME RAMALHO DOS SANTOS
HENRIQUE TRINDADE ABREU
JOSÉ PEDRO SIMÕES VIVIANI
JULIANA RODRIGUES BARROS
PAOLA HABER MAUÉS
WAGNER PEREIRA SILVA
AGRADECIMENTOS
EQUIPES ADMINISTRATIVA
COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EDUCATIVO
INFRAESTRUTURA
PESQUISA E PRESERVAÇÃO DO MUSEU DA IMIGRAÇÃO

APOIO
SENAC-SP

ACERVOS
ELLIS ISLAND IMMIGRATION MUSEUM
MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO
DE SÃO PAULO/ARQUIVO PÚBLICO
DO ESTADO DE SÃO PAULO (APESP)

ABERTURA

27 DE MARÇO DE 2015, ÀS 19 HORAS • MARCH 27, 2015, 7:00 P.M.

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

TERÇA A SÁBADO, DAS 9H ÀS 17H. DOMINGO, DAS 10H ÀS 17H •

MUSEU DA IMIGRAÇÃO :: RUA VISCONDE DE PARNAIBA, 1316
MOOCA/SÃO PAULO • TEL.: (11) 2692-1866

museudaimigracao.org.br

ELLIS ISLAND IMMIGRATION MUSEUM - CHANGING EXHIBITION GALLERY :: ABERTURA 2 de maio de 2015

apoio


realização



NÚCLEO EDUCATIVO DO MUSEU DA IMIGRAÇÃO
MATERIAL EDUCATIVO VIRTUAL PARA A EXPOSIÇÃO

COLEÇÕES
DESCOBERTAS
SAPATOS





Museus são instituições que colecionam bens culturais que têm alguma relevância para as comunidades onde se inserem. O Museu da Imigração conta com aproximadamente 12.000 *objetos museológicos*, além de depoimentos de *história oral*, *fotografias*, *cartas de chamada* e *livros de matrícula*.

SAIBA MAIS

OBJETOS MUSEOLÓGICOS

É um acervo heterogêneo, composto desde objetos tridimensionais até documentos e fotografias que foram coletados da Hospedaria de Imigrantes do Brás ou chegaram ao Museu por meio de doações feitas por (i)migrantes ou seus familiares.

HISTÓRIA ORAL

A coleção de história oral é composta por depoimentos coletados ao longo de dez anos com enfoque em experiências individuais de migração e depoimentos temáticos.

FOTOGRAFIAS

As fotografias do Museu da Imigração compõem uma coleção formada tanto por imagens da Hospedaria (edifícios e serviços prestados) como de outros serviços estatais ligados a imigrações (por exemplo, imagens dos núcleos coloniais). Há também fotografias que chegaram ao Museu por meio de doações de (i)migrantes e seus descendentes.


CARTAS DE CHAMADA

Imigrantes, ao chegarem no Brasil na primeira metade do século XX, comumente trocavam cartas com seus familiares, ainda residentes no país de origem, contando sobre o novo lugar de estadia e garantindo ofertas de trabalho e residência. Estas cartas facilitaram a entrada de muitos imigrantes no Brasil, já que eram uma garantia que teriam amparo de alguém no país.

LIVROS DE MATRÍCULA

Para controlar o fluxo de entrada e saída de imigrantes, a Hospedaria de Imigrantes do Brás produziu ao longo dos 71 anos de seu funcionamento Livros de Matrícula onde eram registrados todos que ficavam hospedados.

APRESENTAÇÃO



Mas os museus não têm espaço suficiente para expor de uma só vez todo o seu acervo. Por isso, estas instituições contam com um espaço de guarda que é chamado *reserva técnica*.

SAIBA MAIS

RESERVA TÉCNICA

Um objeto, mesmo nas salas de exposição do museu, sofre com diversos fatores que reduzem sua durabilidade: mudanças climáticas, umidade, iluminação inadequada e possível manuseio dos visitantes. Nesse sentido, a reserva técnica é um espaço com controle de temperatura e umidade, dedicado à higienização e acondicionamento dos objetos e com restrição de acesso às salas. Destina-se à salvaguarda e à preservação dos bens que compõem o acervo de um museu. Hoje, estão na exposição de

longa duração do Museu da Imigração menos de 1% de seu acervo (0,4%) e o restante permanece guardado na reserva técnica.

Pensando nas coleções que estão guardadas em reserva técnica, o Museu da Imigração vem realizando uma série de exposições de caráter temporário a fim de divulgar estes acervos para a comunidade.

A exposição *Sapatos*, parte da série *Coleções Descobertas*, em cartaz na sala Hospedaria em Movimento entre 04 de setembro e 06 de dezembro de 2015, apresenta sapatos que integram o acervo do Museu. Refletindo sobre o sapato como

representativo dos deslocamentos que fazemos durante nossas vidas, e também como forma de identificação a um grupo social, tempo e/ou território específico, esta exposição tem o potencial de contribuir para a reflexão sobre as questões que permeiam o tema da migração.


Para auxiliar no planejamento do antes, durante e depois da visita com a escola à exposição *Coleções Descobertas: Sapatos*, o Núcleo Educativo do Museu da Imigração desenvolveu este material educativo, direcionado ao professor, que tem como objetivo apresentar a exposição e sugerir algumas propostas de

abordagem e atividades para serem realizadas na escola e no museu.

Gostaríamos de deixar um canal aberto para sugestões, críticas e elogios deste material educativo, para que possamos estar cada vez mais próximos da realidade da sala de aula.

Até a próxima!

**Equipe do Núcleo Educativo
do Museu da Imigração**



Escondidos embaixo de roupas compridas ou protagonistas de uma vestimenta, os sapatos fazem parte de nosso cotidiano. Entendidos sempre como parte de uma roupa, os sapatos podem nos mostrar diferentes formas de ver o mundo: eles nos dão pistas sobre sua forma de confecção, seu material e tamanho, mas, sobretudo nos falam de uma cultura, de uma época. Podem ser práticos ou festivos, sem nenhum adorno ou fascinantes aos nossos olhos. E eles nos fazem pensar, quase sempre, em *quem* usou aquele par de calçados, por *quais* caminhos passou e nos tantos outros pares de sapatos que cruzaram sua estrada.


Falar da relação entre migração e sapatos é, portanto, falar do movimento de ir e vir, de sair de um ponto e chegar a outro, de atravessar continentes e oceanos para se chegar ao novo destino. É falar do que fica, do que muda e do que nos dá saudade. É falar da transição entre a terra de origem, com uma vida que já se conhecia, e a terra de chegada, com formas de viver e de se relacionar distintos.

Nesses movimentos todos, temos os sapatos reforçados que protegem os pés durante a jornada ou que foram trazidos na mala, prevendo tempos mais difíceis. Temos os sapatos que marcam um momento da vida que se está deixando para

trás e que logo se transformam em recordação, que desejamos eternizar. Temos os sapatos que há gerações são usados e que se adaptaram aos novos tempos ou lares, incorporando outros materiais de fabricação e formas de utilização. Enfim, sapatos que nos falam de uma transformação constante de lugares, pessoas e memórias.

Portanto, abordar os sapatos do acervo do Museu da Imigração como representativos desse movimento de (i) migrar é reconhecer neles o seu potencial de evocar lembranças, tempos de transição, diferenças e trocas culturais. Foi com esse olhar que nos dirigimos ao nosso acervo e organizamos essa exposição, que agora abrimos ao público.

TEXTO CURATORIAL



A exposição *Coleções Descobertas: Sapatos*, montada na sala Hospedaria em Movimento, reúne um conjunto de objetos da coleção museológica composto por 17 sapatos, dois pares de tabi (meias tradicionais japonesas) e uma mala de viagem que foram divididos pela curadoria em quatro módulos. Cada módulo, representado por uma cor, contextualiza e significa os objetos por meio de eixos temáticos. Esses eixos são baseados na documentação de doação, pesquisas relacionadas, fotografias e depoimentos de história oral.

O primeiro módulo, chamado **LEMBRANÇAS E TRANSIÇÕES**, apresenta sapatos de crianças de

diferentes lugares. Como os sapatos podem nos revelar os modos de vida e formas de ver a infância de diferentes lugares e épocas?

Pode-se conversar com os estudantes sobre roupas, sapatos e outros acessórios que passam de pais para filhos, de irmãos mais velhos para irmãos mais novos. A partir desta relação, de um bem que passa de geração a geração, é possível refletir sobre a noção de *patrimônio*. A 'invenção' do termo patrimônio teria se dado, na experiência da cultura dita 'ocidental', num marco histórico iniciado no mundo romano, com o significado de 'sucessão', como referência aos bens que eram transmitidos de pai para filho.

SAIBA MAIS

PATRIMÔNIO CULTURAL

A Constituição Federal do Brasil de 1988 conceitua patrimônio cultural como os bens "de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira". Nessa redefinição promovida pela Constituição, são considerados patrimônios as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Nos museus, os bens considerados patrimônio são retirados de seu contexto original e perdem seu valor de uso, pertencendo agora

POSSIBILIDADES EDUCATIVAS



ao acervo da instituição. Por exemplo, na exposição de longa duração *Migrar: experiências, memórias e identidades*, contamos com vários instrumentos musicais expostos, mas estes instrumentos agora não são mais usados para fazer música: são tratados como objetos de museu - são salvaguardados, documentados, estudados e expostos como exemplares de uma época, um local, um saber e/ou de um fazer.

Podemos refletir sobre este movimento a partir do par de botas expostas em *Coleções descobertas: Sapatos*, em que uma delas foi banhada em bronze. Agora essa bota perdeu a sua função de

acessório de vestir e virou um objeto de memória. Por que os pais deste bebê resolveram banhar de bronze a sua bota? Como esta bota pode trazer lembranças sobre a vida desta pessoa? Os sapatos podem nos ajudar a dizer coisas sobre a vida e personalidade de seus donos?

Os estudantes podem levar um sapato que teve alguma importância em algum momento de sua vida para mostrar para a turma e contar a sua história. Podem inclusive realizar uma cartografia afetiva indicando os locais em que este sapato percorreu.



SAIBA MAIS

CARTOGRAFIA AFETIVA

Trata-se de uma atividade que trabalha com a ideia de mapas conceituais a partir de espaços e deslocamentos ligados a fatores emocionais. No lugar de fronteiras territoriais e pontos geográficos, as linhas e pontos construídos pelos participantes demarcam memórias pessoais de sabores, cheiros e sensações ligadas aos lugares por onde passam cotidianamente. Durante os meses de maio a julho de 2015, o Educativo do Museu da Imigração realizou aos finais de semana a atividade Cartografia Afetiva, com o objetivo de construir um mapa conceitual do percurso que os participantes haviam realizado para chegar ao museu.

Perceba que um dos sapatos expostos apresenta a ponta cortada para continuar a ser usado por uma criança que cresceu.

Pode-se discutir com os estudantes sobre a durabilidade e o descarte de bens que utilizamos no nosso dia-a-dia, a partir de um debate sobre consumismo e



sustentabilidade na sociedade contemporânea. Como a publicidade cria em nós a necessidade de que consumamos mais e mais? Você tem algum sapato que tenha comprado por uma moda ou por alguma peça publicitária? Quantos estudantes lembram de ter o sapato rasgado ou descolado e tenham o levado a um sapateiro para



fazer o reparo? Por que a profissão do sapateiro está desaparecendo principalmente nas grandes cidades contemporâneas?

Os estudantes podem realizar uma pesquisa sobre o ofício do sapateiro. A partir de entrevista e observação de campo, os estudantes podem conhecer mais sobre este trabalho que foi





exercido por muitos (i)migrantes que vieram para São Paulo. No módulo *Campo e cidade* da exposição de longa duração *Migrar: experiências, memórias e identidades*, contamos com uma vitrine que mostra fotos do ofício do sapateiro entre outras fotos e objetos relacionados a trabalhos exercidos por (i)migrantes.

O professor de educação infantil pode abordar as diferentes profissões a partir dos sapatos, em uma atividade em que as crianças possam experimentar sapatos de diferentes ofícios, ou então por meio de imagens (por exemplo: sapato de bombeiro, bailarina, atleta, mergulhador, etc).

No módulo **ENTRE GERAÇÕES** encontramos sapatos de origem japonesa que nos levam a pensar sobre costumes e tradições específicas daquele país, e que podem nos ajudar a refletir sobre sua forma de vida e de interpretação da realidade.

Os japoneses têm o costume de tirar os sapatos antes de entrar em casa e deixá-los em uma área chamada *genkan* (pronuncie *guenkan*), que se localiza sempre um degrau abaixo do nível da casa e que contém um tapete para colocação dos calçados. Após tirar os sapatos e subir esse degrau, é costume virá-los, deixando as pontas voltadas para o lado oposto do degrau,



ou seja, voltados para a saída. Nas escolas, o *genkan* é equipado com armários onde os estudantes guardam sapatos com que vieram e vestem outros para andarem dentro do edifício.

SAIBA MAIS

Por que os japoneses têm o costume de tirar os sapatos para entrar em algum recinto? Por uma questão de limpeza da casa. Uma casa com um chão limpo é sempre agradável. A ideia é proteger o interior do lar de contaminação trazida de fora. Mas não é só higiene 'física', também podemos falar de higiene 'espiritual': tirando os sapatos, você se liberta de todas as 'energias impuras' de fora, da rua. Tirando os sapatos sujos e deixando-os na *genkan*, você não deixará que essas energias invadam a harmonia do seu lar.

O ato de tirar os sapatos é um símbolo de abandonar as preocupações e problemas, bem como a sujeira do mundo exterior.

Um dos objetos expostos é o *geta*, calçado com salto usado por homens e mulheres, reconhecido como marca da cultura japonesa e parte da vestimenta tradicional do povo japonês. Os sapatos *geta* são altos para evitar que o quimono seja arrastado pelo chão e são usados também para proteger os pés da lama em dias de chuva ou mesmo para realizar trabalhos na agricultura. Já o *gomu zori*, que também está na exposição, é um chinelo de borracha. Outro acessório

exposto é a *tabi*, uma espécie de meia com separação entre os dedos para se usar com chinelos especialmente em ambientes internos.

O módulo **IDAS E VINDAS ENTRE CULTURAS** exhibe três sapatos de culturas diferentes, mas que têm em seu design pontos em comum. É possível sugerir aos estudantes que realizem um seminário ou exposição na escola que apresente sapatos das mais diferentes épocas, locais e contextos distintos, ou ainda desenhar um sapato fazendo a releitura destes modelos pesquisados. Os estudantes podem identificar no mapa



a região em que são usados os modelos presentes na exposição.

No módulo **DESLOCAMENTOS** temos dois grupos de sapatos que pertenceram a famílias de (i)migrantes e foram doados ao Museu. Dois pares de sapatos e uma mala contam a história de uma migrante alemã e seu esposo, enquanto cinco pares de *opanci*, uma herança de família, carregam a tradição de camponeses do sudeste europeu. Como os sapatos podem contar histórias? Modelos de sapatos podem falar sobre classe social ou ocupação profissional?

Pode-se propor aos estudantes que escolham uma pessoa para entrevistar (pode ser alguém que trabalhe na escola ou um familiar), para que conte alguma história marcante para sua vida que seja relacionada a algum sapato. O estudante pode levar o sapato para apresentar para a turma ou até realizar uma exposição na escola.

MUSEUS QUE ABORDAM O UNIVERSO DOS SAPATOS

MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

museubunkyo.org.br

Possui um acervo com mais de 97.000 itens composto por objetos, fotografias, pinturas, documentos entre tantas outras coisas que registram e relatam a trajetória de tantos imigrantes japoneses que chegaram no Brasil durante o séc. XX. O museu está localizado no bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo.

MUSEU DO CALÇADO DE FRANCA

museuvirtualdocalcado.com.br/index.php

Desde 25 de outubro de 2001, dia do sapateiro, o museu realiza exposições, cursos e visitas orientadas com objetivo educativo e de promover a identidade de Franca com a indústria do sapato. A cidade é uma das maiores produtoras de sapato do Brasil.

CHIHARU SHIOTA – EM BUSCA DO DESTINO

http://www.sescsp.org.br/online/artigo/9216_CHIHARU+SHIOTA+RECEBE+CARTAS+E+SAPATOS+PARA+SUA+PRIMEIRA+MOSTRA+NA+AMERICA+LATINA#/tagcloud=lista

Mostra formada por 3 instalações da artista Chiharu Shiota, no Sesc Pinheiros, formadas por linhas de lã e sapatos e cartas fornecidas por pessoas através de uma campanha. A mostra tem como base os temas memórias e trajetórias.

A HISTÓRIA DOS SAPATOS: UMA VIAGEM NO TEMPO

jmv.tv.br/?modulo=noticia&codigo=702

Organizada no Museu do Imigrante na Fundação Cultural de Timbó - <http://www.culturatimbo.com.br/index.php> - para contar a história dos sapatos levantando pontos como: as influências causadas pela vinda Família Real Portuguesa em 1808, fabricação de sapatos em Timbó e história do ofício de sapateiro.

R E F E R Ê N C I A S

BATA SHOE MUSEUM

batashoemuseum.ca

Localizado em Toronto, no Canadá, tem uma coleção de mais ou menos 13.000 sapatos e objetos relacionados. Conta com uma exposição que mostra a história dos sapatos desde os primeiros exemplares até os dias de hoje, além de exposições temporárias.

EMPATHY MUSEUM

empathymuseum.com

O Museu da Empatia abriu em Londres no dia 4 de Setembro de 2015, como parte do Thames Festival, uma exposição itinerante em que os visitantes são convidados a ouvir histórias de diferentes pessoas andando com seus sapatos. Para saber mais sobre esta exposição, acesse:

blogs.oglobo.globo.com/molho-ingles/post/museu-da-empatia-permite-que-visitantes-vejam-o-mundo-pelo-olhar-de-outras-pessoas.html

SHOES: PLEASURE AND PAIN

vam.ac.uk/content/exhibitions/shoes-pleasure-and-pain

Exposição do Victoria and Albert Museum - www.vam.ac.uk

Localizado em Londres, exhibe sapatos de diferentes períodos e lugares do mundo mostrando particularidades, modificações que sofreram ao longo do tempo, usos a partir da influência cultural de cada sociedade ali representada. Acesse:

<http://ffw.com.br/noticias/moda/victoria-and-albert-anuncia-exposicao-sobre-sapatos-no-proximo-verao-europeu-485/>

NORTHAMPTON MUSEUM AND ART GALLERY

northampton.gov.uk

A partir de sua coleção, conta a história do sapato com 12 mil pares de sapatos. A exposição foi composta por exemplares do Egito Antigo a contemporâneos. Acesse:

bbc.com/portuguese/noticias/2012/06/120618_galeria_sapatos_cc.shtml

Para informações sobre acervo acesse:

northampton.gov.uk/homepage/274/highlights_of_the_footwear_collection

northampton.gov.uk/homepage/276/shoes_from_around_the_world

northampton.gov.uk/homepage/273/the_history_of_shoes

VIRTUAL SHOE MUSEUM

virtualshoemuseum.com

O museu é organizado por material, cor, nome de designers. Criado em 2004 por Lisa Snook.

FOOT PRINT

momu.be/tentoonstelling/footprint.html

MODE MUSEUM PROVINCIE ANTWERPEN

momu.be/

Na Antuérpia, MoMu, mostra conta a história da moda com sapatos dos séculos XIX e XX. Acesse:

ffw.com.br/noticias/moda/exposicao-na-antuerpia-conta-a-historia-da-moda-atraves-dos-sapatos/

REFERÊNCIAS

PENDURAR AS CHUTEIRAS DESTA TERRA NÃO LEVAREI NEM O PÓ DE MEUS
SAPATOS **CHUTE NA BUNDA** PÉ D'ÁGUA **VOCÊ NÃO CHEGA AOS MEUS**
PÉS DIGAS COM QUEM ANDAS, E TE DIREI QUEM ÉS **LEVEI UMA BOTA** ONDE
JUDAS PERDEU AS BOTAS **ENFIAR O PÉ NA JACA** DESCER DO SALTO **SÓ NO**
SAPATINHO A SELEÇÃO É A PÁTRIA DE CALÇÕES E CHUTEIRAS **UMA GRANDE**
VIAGEM COMEÇA COM O PRIMEIRO PASSO NÃO DAR UM PASSO MAIOR QUE
A PERNAS **ANDAR À TOA** ANDAR NA LINHA **BATER AS BOTAS** BORRA-
BOTAS **CHATO DE GALOCHA** CHUTOU O PAU DA BARRACA **É UM PÉ-RAPADO** É
UM PEQUENO PASSO PARA O HOMEM, MAS UM PASSO GIGANTESCO PARA A
HUMANIDADE **ENTRAR COM O PÉ DIREITO** FAZER DE GATO E SAPATO **JURAR DE**
PÉS JUNTOS NÃO DAR PÉ **PISAR NA BOLA** TER UMA PEDRA NO SAPATO **PÉ DE MEIA**

SE OS SAPATOS NOVOS
FAZEM RUÍDOS, É PORQUE
NÃO FORAM PAGOS.

PELA MANHÃ, AO CALÇÁ-
LOS, DEVE-SE CUSPIR NO
SAPATO DIREITO, PARA QUE SE
TENHA UM DIA DE SORTE.

DEIXAR UM SAPATO LONGE
DO OUTRO ATRAI MAUS
FLUIDOS. OS DOIS PÉS DEVEM
ESTAR SEMPRE JUNTOS.

SE CALÇAR OS
SAPATOS AO
CONTRÁRIO, TERÁ
UMA MÁ NOTÍCIA.

DEIXAR UM SAPATO
COM A SOLA VIRADA
PARA CIMA É SINAL
DE MORTE.

AO TIRAR OS SAPATOS,
SUAS PONTAS DEVEM
FICAR VIRADAS
PARA DENTRO (EM
RELAÇÃO À CAMA).

ANDAR DE
COSTAS,
MATA A
MÃE.

NA POLÔNIA, COLOCAR
OS SAPATOS EM CIMA DA
MESA É SINÔNIMO DE AZAR.
JÁ NA FRANÇA, É INDÍCIO
DE UMA BOA VIAGEM.

GANHAR
SAPATOS NOVOS
NO NATAL É
SINAL DE AZAR.

NA NOITE DE NÚPCIAS,
A NOIVA DEVE TIRAR
OS SAPATOS DO NOIVO.
ASSIM, GARANTE QUE
ELE LHE SEJA FIEL.

ESPIRRAR
QUANDO SE
CALÇAM SAPATOS
É SINAL DE
POUCA SORTE
DURANTE O DIA.

DEVEMOS
ENTRAR E SAIR
DE QUALQUER
LUGAR COM O
PÉ DIREITO.

CASO NÃO QUEIRA
CASAR, BASTA PEDIR
PARA ALGUÉM
VARRER SEUS PÉS.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR DO ESTADO
GERALDO ALCKMIN

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
MARCELO MATTOS ARAUJO

COORDENADORA DA UNIDADE DE PRESERVAÇÃO
DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO
Renata Vieira da Motta

INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Roberto Penteado de Camargo Ticoulat

COMITÊ EXECUTIVO
Guilherme Braga Abreu Pires Filho
Eduardo Carvalhaes Jr.

DIRETORA EXECUTIVA
Marília Bonas

DIRETOR ADMINISTRATIVO
Rogério Ítalo Marquez

GERENTE DE CONTROLADORIA GERAL
Alessandra Almeida

GERENTE ADMINISTRATIVO
Thiago Santos

GERENTE DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
Caroline Nóbrega

COORDENADORA TÉCNICA DO MUSEU DA IMIGRAÇÃO
Mariana Esteves Martins

PROGRAMA COLEÇÕES DESCOBERTAS | EXPOSIÇÃO SAPATOS | MATERIAL EDUCATIVO

CURADORIA
Juliana Monteiro
Mariana Esteves Martins
Tatiana Chang Waldman

PESQUISA DE ACERVO / DOCUMENTAL
Luciane Santesso

CONSERVAÇÃO DE ACERVO
Ana Beatriz Giacomini

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO
Alessandra Sampaio Pedrosa

EXPOGRAFIA E PRODUÇÃO
Juliana Silveira
Vivian Bortolotti

DESIGN
Alexsandro Souza [dínamo]

DESENVOLVIMENTO DESTE MATERIAL EDUCATIVO

Adilson Medeiros
Aline Oliveira
Ana Menezes
Bruna Marques
Conrado Secassi
Guilherme Ramalho
José Pedro Viviani
Juliana Barros
Luiz Gregório Gutierrez
Paola Maués
Paulo dos Santos
Raquel Freitas

AGRADECIMENTOS

Equipes Administrativa, Comunicação
Institucional, Infraestrutura e
Técnica do Museu da Imigração

FICHA TÉCNICA

INCI
Instituto de Preservação e Difusão
da História do Café e da Imigração

mi
museu da imigração
do estado de são paulo


GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

* A GAZETA EDUCATIVA *

* INVENTA, MAS NÃO AUMENTA *

ANO I

Uma publicação do Núcleo Educativo do Museu da Imigração

Olá, queridos leitores!

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo abriu para seu público no dia 14 de novembro de 2015 a exposição temporária 'Imigrantes do Café', fruto de um projeto de curadoria compartilhada com o Museu do Café, em Santos. A exposição, que ficará em cartaz até 28 de fevereiro de 2016, apresenta histórias e memórias da imigração nas lavouras cafeeiras no estado de São Paulo durante o período da Grande Imigração.

Com o intuito de auxiliar o professor no antes, durante e depois da visita à exposição 'Imigrantes do Café', o Núcleo Educativo do Museu da Imigração

elaborou esta *Gazeta Educativa*, que inventa fatos e notícias que poderiam ser verdadeiras, pensando em ambientar o visitante na atmosfera da *Belle Époque* paulista (1870-1929), enfatizando a cultura do café e o seu impacto político, social e econômico. O professor pode utilizar os textos como preparação para a visita e material de apoio para as aulas, inclusive incentivando os alunos a explorarem o gênero jornalístico como resultado final de um projeto de visita ao Museu da Imigração.

O percurso da exposição 'Imigrantes do Café' se apresenta como um ciclo que inicia e encerra no porto: o

porto como local de chegada de imigrantes, que são recebidos, acolhidos e encaminhados para o trabalho pela Hospedaria de Imigrantes do Brás; o seu cotidiano no campo e trabalho na fazenda; até o fechamento do ciclo no embarque do café para exportação, novamente tendo como lugar o porto.

A exposição conta com fotografias, objetos, textos e depoimentos, todos selecionados em conjunto entre as duas equipes dos museus, que dividiram a pesquisa, curadoria e comunicação museológica, em uma parceria inédita. Ao todo, são 17 objetos museológicos, 21 itens dos acervos iconográficos, 21

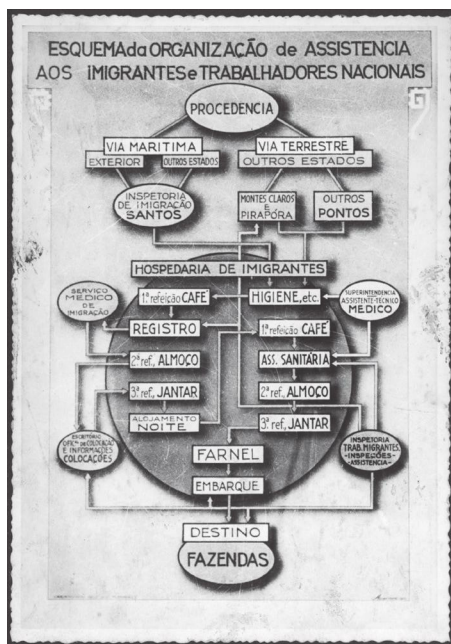
imagens – sendo nove gigantografias (fotos em formato grande) -, além de áudio ambiente com trechos de depoimentos de história oral, que também estão transcritos.

Esperamos que este material seja útil para o professor no planejamento de sua visita ao museu, e nos colocamos abertos para sugestões, depoimentos, elogios e críticas, buscando a excelência do trabalho e o estreitamento dos laços entre museu e escola.

Boa leitura!

Equipe do Núcleo Educativo
do Museu da Imigração

É ABERTA A AGÊNCIA OFICIAL DE COLONIZAÇÃO E TRABALHO



FONTE: ACERVO MUSEU DA IMIGRAÇÃO

Em março de 1906 começa a funcionar a Agência Oficial de Colonização e Trabalho, instalada em prédio especialmente construído junto da Hospedaria de Imigrantes. Foi instituída pelo dr. Botelho, secretário da Agricultura, para favorecer a colonização e auxiliar e proteger seriamente os imigrantes e, em geral, a todos os que trabalhavam na lavoura.

A Hospedaria dos Imigrantes, criada a fim de atender este contingente de trabalhadores do campo, funciona no esquema de organização acima. O tripé criado por nossos governantes se baseia

na recepção, triagem e encaminhamento. Ao chegar à Hospedaria, o imigrante é encaminhado ao salão de chamada, onde ele deve esperar para que seu nome seja chamado para a conferência de seus dados. Isto feito, ele recebe o cartão de rancho para suas posteriores refeições.

Além do serviço de refeições, a Hospedaria também oferece serviços de alojamento, e do controle médico-sanitário. Este último é fundamental, ainda mais ao lembrarmos da triste necessidade de fechamento da nossa antiga hospedaria no bairro do Bom Retiro, devido a uma epidemia de cólera. ■

CAFÉ IMIGRANTE



As lavouras de café impulsionaram a vinda de um grande número de migrantes para São Paulo, animados com as promessas de emprego no campo e com o crescimento econômico do estado. Pelo mesmo Porto de Santos entram os imigrantes e saem toneladas de sacas de café para exportação.

Assim como os migrantes, o café também vem de longe: sua origem é na Etiópia, país situado no continente africano. O café é até hoje utilizado em rituais na Etiópia, mas foi a Arábia a responsável pela propagação da cultura do café.

A partir do século XVII o café começou a ser saboreado no continente europeu, trazido por viajantes em suas frequentes viagens ao oriente, mas até então somente os árabes produziam café.

Foram os holandeses que conseguiram as primeiras mudas de café e realizaram plantações experimentais. Logo o café se tornou uma das bebidas mais consumidas no velho continente, passando a fazer parte dos hábitos dos europeus. O café era bastante apreciado por conta de suas propriedades estimulantes e até como digestivo, qualidades que superaram o preconceito de sua origem mulçumana. Esta experiência de suces-

so e lucro fez com que outros países tentassem o mesmo, se disseminando para outras colônias europeias.

O crescente mercado consumidor europeu propiciou a expansão do plantio de café em países africanos e a sua chegada ao Novo Mundo. Pelas mãos dos colonizadores europeus, o café chegou ao Suriname, São Domingos, Cuba, Porto Rico e Guianas. Foi por meio das Guianas que chegou ao norte do Brasil, no início do século XVIII.

No final do século XVIII o primeiro arbusto chega ao Rio de Janeiro, cultivado apenas como planta ornamental, não despertando o interesse dos senhores de terra, ocupados com o cultivo da cana-de-açúcar. Aos poucos, a cidade cobriu-se de cafezais.

Com o declínio da mineração em Minas Gerais e do cultivo de cana-de-açúcar no nordeste e Rio de Janeiro, aliados a demanda do mercado externo tornando o negócio rentável, abriu-se a possibilidade de introdução da cafeicultura no sudeste do Brasil, utilizando no início a mão-de-obra escrava.

Com a abolição da escravidão, o estado de São Paulo, aliado aos barões do café, montou uma estrutura de pro-

FONTE: ACERVO MUSEU DA IMIGRAÇÃO

paganda, subvenção e acolhimento de imigrantes, principalmente europeus, que em São Paulo são recebidos pela Hospedaria de Imigrantes do Brás.

A vinda de imigrantes europeus para São Paulo tinha também outro propósi-

to: o desejo de embranquecer a sociedade brasileira. Os africanos traficados para o Brasil foram marginalizados e passaram a habitar as periferias da cidade, sem conseguir se integrar no mercado de trabalho. ■

CORRIDA CONTRA O ANALFABETISMO

Depois de tantas idas e vindas na discussão sobre o ensino e o acesso das classes menos favorecidas à escola, São Paulo entra no século XX na corrida contra o analfabetismo.

Marcada pelo esquecimento e des-caso, o histórico da educação no Brasil não nos dá esperança de um futuro promissor. Até o fim do século passado o Brasil dispunha de pouquíssimas escolas públicas; todas em edifícios inadequados, com recursos financeiros e pedagógicos escassos e profissionais totalmente despreparados. Além de todos esses fantasmas estruturais que assombraram a educação desse país desde o período colonial, a incapacidade do império de organizar e sistematizar os cursos, impede hoje, que quase 70% da população brasileira leia esse jornal.

Os rumos em São Paulo não foram diferentes. A própria Escola Normal Caetano de Campos, hoje tida como modelo para as escolas do estado, passou por tempos difíceis. Refêem da falta de recursos, a escola passou por inauguração e reinaugurações após seu fechamento por falta de verbas. A reputação das escolas paulistas não era das melhores. Em relatórios do presidente da província em 1855, ele declara: "o que há ali é análise gramatical, algumas operações de aritmética, certas explicações de religião e principalmente a lógica e a leitura tão superficial que em nada se aproveita".

A tempestade de reformas propostas pelas autoridades brasileiras só

demonstrara seu distanciamento da realidade escolar. Com medidas estereis na disputa ideológica entre dirigentes, proporcionaram à educação nada além de confusão administrativa e abdicação de culpa e responsabilidades. Enquanto isso, nossas escolas sambam na chuva tentando desviar dos grânizos da burocracia.

Hoje, apesar das contradições republicanas e da clara manipulação ideológica no currículo escolar, há uma faísca de esperança que nasce pelo incentivo ao ensino para que a população exerça a cidadania.

Com o crescimento populacional e urbano no estado de São Paulo veio também as primeiras batalhas contra o analfabetismo "democratizando" o ensino primário a pobres, filhos de operários, ex-escravos e imigrantes.

Ainda há muito que caminhar para que contemos histórias de vitória. E para isso, não podemos mais nos omitir no debate sobre a educação pública e na luta contra seu legado de avanços e retrocessos.

Sugestões para o professor

É possível discutir com os alunos questões como organização escolar e sistematização do ensino público e privado no Brasil, bem como determinação de currículos escolares. Que tal estabelecer comparações entre o ensino do início do séc. XX e o de hoje. O que mudou?

CANTINHO DA POESIA

DUPLA JORNADA

Quem é essa mulher

Ainda que longe de sua morada

Perdida, cansada

Que tem nas costas,
o peso dessa caminhada

Traz consigo suas crianças de
colo ou na barra de sua saia.

E em sua posição subalterna

De ser por um homem controlada

E não se acostuma em ter suas
obrigações por eles vigiadas

Chefe da família ou
senhor da fazenda

Colocam em sua mão
o peso da enxada

E na outra as obrigações
de sua casa

Olha os pequenos,

Comida quente, roupa lavada

Encontra na lavoura
a segunda jornada

A mão que colhe o grão

Limpa, seca e separa

É a mesma que o coloca
quente na mesa do patrão.

MÚSICA - OUTRAS BOSSAS



Atendendo ao pedido da nossa leitora Janete Dias da Silva, separamos as canções mais baladas do momento, que estão agitando os bailes e as festas de todo o Brasil!

E mais! Uma bela canção internacional que está sacudindo o esqueleto de toda a moçada! Continue mandando as suas cartinhas para a gente!

- 01 Idalina - Conjunto Typico Brasileiro (1930)
- 02 Noel Rosa
São coisas nossas (1932)
- 03 Escovando
Ernesto Nazareth (1930)
- 04 A Vida é um Buraco
Pixinguinha (1930)
- 05 A Casinha Pequena
Bidú Sayão (1931)
- 06 Adeus Batucada
Carmen Miranda (1935)
- 07 Capelinha de Melão
Elisa Coelho (1930)
- 08 Fita Amarela
Francisco Alves & Mário Rei (1933)
- 09 Alvorada
Trio de Ouro (1934)
- 10 Oh Johnny
Bonnie Baker (1939)



Aline Oliveira

CACA-PALAVRAS

B	H	J	U	I	Y	E	C	T	F	M	C	F	I	C	D
E	V	T	Q	S	G	P	L	V	A	O	F	E	M	R	B
S	D	R	S	T	G	J	V	O	M	G	R	C	I	L	T
A	S	I	T	O	I	D	Y	E	Í	R	E	U	G	C	R
M	K	F	V	Y	N	V	G	P	L	O	B	L	R	G	A
R	E	I	G	E	R	H	M	J	I	M	H	T	A	A	B
T	R	M	U	C	R	E	O	D	A	E	S	U	Ç	S	A
U	A	G	Ó	D	L	S	T	S	G	F	Z	R	Ã	A	L
E	N	A	L	R	V	O	I	D	I	O	M	A	O	U	H
I	D	E	N	T	I	D	A	D	E	Y	E	B	N	D	O
E	A	T	Q	S	G	A	L	A	A	N	D	M	F	A	E
S	E	R	E	T	M	J	S	R	D	D	O	I	G	D	Z
E	D	R	T	G	V	O	F	R	R	E	E	E	R	E	H
C	A	F	É	E	R	U	E	V	I	A	G	E	M	T	J
R	E	X	I	Z	E	C	T	S	D	A	X	E	F	A	T

sochos, "cultura", "idioma", "memórias", "meio", "saúde", "trabalho", "família", "café", "viagem", "diversidade", "imigração", "identidade"



Os automóveis foram responsáveis por diversos acidentes no início do século XX na cidade de São Paulo. A charge apresenta uma visão de como seria o futuro caso o problema não fosse resolvido.

LA LIGURE BRAZILIANA
O vapor italiano de 1ª CLASSE
RE UMBERTO
Spartano no dia 10 de agosto, partir de SANTOS no dia 11 e do RIO no dia 15 para
GENOVA E NAPOLI
Os Passageiros de terceira Classe terão condução gratuita para BORGO
Para passageiros, carga e mais informações, tratamos com os
AGENTES:
João Briccola & Gatti
17 A RUA JOÃO ALFREDO 17 A
SANTOS--A. Fiorita & Comp. rua S. Antonio, 48,
RIO DE JANEIRO
A. Fiorita & Comp., rua Primeiro de de Março, 37.

Para V.S. que anseia pelo melhor acordeom, nós temos
Mariano Dallape & filho
Adquira o seu em consulta com um de nossos representantes
CASA Paganini
Instrumentos musicais desde 1900
Rua XV de Novembro, 511
São Paulo - Centro
produzidos artesanalmente pela famosa
STRADELLA - ITÁLIA

MOVIMENTO NEGRO

Por muito tempo imaginamos que a abolição da escravidão permitiu, de alguma maneira, que o negro brasileiro pudesse transformar sua existência social e encaixar-se como pleno cidadão, com todos os direitos que lhe seriam garantidos enquanto tal. Entretanto, esta liberdade não significou uma real ruptura com as estruturas sociais anteriores. Os negros foram lançados ao esquecimento e à miséria absoluta. Foram marginalizados e excluídos não só do direito a cidade, mas também de qualquer política pública que visasse a sua integração na sociedade brasileira.

Passando o impacto da liberdade, começam a surgir na segunda década do século XX, associações e grupos com o objetivo de combater o preconceito e a discriminação racial. A organização dos negros em associações foi de extrema importância no combate não só à segregação, mas também, para que eles fossem inseridos em organizações sociais que, até hoje, são representadas por cidadãos majoritariamente brancos. Com a proposta de denunciar, de enfatizar seus desejos, de refletir sobre a sua condição, de mostrar suas manifestações culturais e sua vida social, surge uma imprensa alternativa, que estava diretamente ligada ao movimento negro, nomeada de Imprensa Negra Paulista.

Em 1915 surge o jornal Menelik, seu intuito não era só de aproximação com a sociedade branca, mas também de inserir o negro como parte integrante da história e da sociedade brasileira. O apogeu da imprensa negra acontece em 1923, com a fundação do jornal O Getulino, seguido da criação do jornal, O Clarim da Alvorada de 1924. Estes periódicos passam a reforçar a vontade da comunidade negra de se integrar a

sociedade, buscando a legitimação de seus direitos como cidadãos.

A luta e as reivindicações não cessaram, e em 1930 surge a Frente Negra Brasileira. Com um propósito mais classista, objetivava integrar o negro na estrutura de classe. Ser bem sucedido no trabalho e nos estudos, seguido pela acumulação de bens materiais. Essa foi a forma encontrada pela Frente Negra, para que o negro fosse “bem aceito” socialmente. Essa organização também elabora um jornal de nome, Voz da Raça, com traços ideológicos e políticos. Em 1936 a Frente Negra Brasileira transforma-se em partido político, após muitas discussões sobre a necessidade ou não de criar um partido negro no Brasil. Para a Constituição brasileira, não havia distinção entre negros e brancos, logo, todos somos iguais perante a lei. A criação de um partido negro somente enfatizaria a diferença.

Anos se passaram e a situação dos negros no Brasil não teve grandes avanços, ainda são marginalizados, vivem em regiões periféricas, fazem trabalhos sem grande prestígio social. Sofrem com a violência policial, com o genocídio da juventude negra e com o crescente aumento do número de homicídios entre as mulheres negras. Ainda são obrigados a se embranquecerem para serem aceitos, sofrem com o esquecimento e apagamento de suas heranças culturais. ■

Sugestões para o professor

Qual é a situação do negro no Brasil, hoje? Por que a sociedade o discrimina?

OPINIÃO

O VAGABUNDO



Charge da semana ilustrada 1867

O dia inteiro pelas ruas anda.
Enxovalhando, roto indiferente:
Mãos aos bolsos olhar impertinente,
Um machucado chapéuzinho a banda.
Cigarro à boca, modos de quem manda,
Um dandy de misérias alegremente,
A procura ocasião somente
Em que as tendências bélicas expanda
E tem doze anos só! Uma corola
De flor mal-desabrochada! Ao desditoso
Quem faz a grande, e peregrina esmola

De arranca-lo a esse trilho perigoso,
De atira-lo p'ra os bancos de uma escola?!
Do vagabundo faz-se o criminoso!...
Outubro de 1898

COLUNA SOCIAL



Os pintores Pablo Picasso e Moisés Kisling, juntamente a Paquerette, no Café de la Rotonde, em Paris.

Nosso correspondente internacional, o artista e educador progressista Conrado Secassi, que neste exato momento encontra-se em Paris, enviou-nos por intermédio do telégrafo as mais recentes novas a respeito da coqueluche de ideias ocasionada pelo café importado do Brasil.

Nos bairros parisienses de Montmartre e Montparnasse, localizam-se os famosos cafés franceses, que tanto vêm pautando as novas ideias nesta primeira década do século. São celeiros de políticos, cientistas, sociólogos, pintores, poetas e interessados pelas ideias em geral, que creem que a bebida do café lhes estimula as propriedades da Razão e da imaginação.

No entanto, muito poucos sabem a procedência deste café. Provavelmente, todos os grãos torrados que ali estão são de origem brasileira. Neste ano de 1910, 74% do café importado pelos europeus e norte-americanos vinha das lavouras do sudeste do Brasil.

Encontramos o senhor Pablo Picasso, artista em ascensão, que gentilmente se dispôs a dar-nos um depoimento. Di-lo:

“Nossa nova musa inspiradora não é uma mulher ou deusa antiga, mas sem dúvida um grão duma planta. Quantos quadros não venho pintando, noites a fio, com a companhia de uma xícara de café?”

Sugestões para o professor

A matéria jornalística enfatiza o papel da bebida do café como estimulante para as ideias e para o exercício intelectual. Até hoje, quando queremos nos manter acordados ou quando pretendemos dormir mais tarde em função de um trabalho intelectual, pensamos logo em tomar uma xícara de café. Desta maneira, os cafés parisienses são encarados como os locais aonde as novas ideias circulavam, e praticamente podemos supor que grande parte dos movimentos vanguardistas europeus tiveram ali a sua gestação. Atividades relacionadas às aulas de Artes podem simular uma cafeteria entre os estudantes, para que eles também possam criar ou formular seus movimentos vanguardistas; da mesma maneira, nas aulas de Matemática, é possível pensar num exercício de porcentagem, considerando o dado fornecido na matéria. Nesse sentido, seguem os dados: em 1910, do total de café importado pelos países europeus e nos Estados Unidos, numa quantia de 14.350 sacas de 60kg, 74% deste montante era proveniente do Brasil, num número de 10.653 sacas.

Sugestões para o professor

As crianças pobres, imigrantes ou não, nesta época passavam por muitas dificuldades, vagando pelas ruas e cometendo pequenos delitos, sendo estas presas. Seus destinos eram diversos: Institutos disciplinares, que eram fundados por congregações religiosas, e o trabalho agrícola. Além do trabalho na lavoura, as crianças tinham aulas de instrução militar completa, com manejo de armas e exercícios de combate.

Pensando nesta situação, pode-se propor uma roda de conversa com os alunos, onde eles possam discutir as diferentes visões de infância, analisando os direitos que as crianças têm hoje, comparando com a situação desta época:

Malvina de Souza – 12 de outubro de 1899.

UM RAPAZOLA CANTANTE CHAMADO DITO

Em diversas ocasiões, na redação de nosso jornal, ouvíamos a voz de um menino entoando cantorias de rica melodia, mas quando queríamos vê-lo a face, ia-se embora em meio aos transeuntes que afluíam nas ruas centrais. Certo dia descobrimos que o menino entregava marmitas e ‘quentinhas’ nas lojas, e daí lhe pedimos o nome. Disse-nos que era Dito nas ruas e Benedito em casa, e fizemos questão de que aprontasse a voz para uma cantoria à sua escolha. Cantou-nos o rapazinho Dito:

Minha cumadi, pelo amor de Deus ai / Minha cumadi, pelo amor de Deus ai / Todo dia é café / Todo dia é café / Pra carregá / Café pra carregá / E pra ponhá no carro de boi / Pra ponhá no carro de boi / Queria que a sinhá / Queria que a sinhá / Desse pra mim carregá / Um pouquim de amor / Pra simhora eu levá.

Comentou-nos que a canção fora aprendida com seu pai, um negro chamado Sebastião, nascido numa fazenda em Sorocaba. Disse ainda o rapazinho Dito: “Meu vóio fazia essa cantoria quando tinha que trabaia carregando

saca de graça, diz que dava força pra carregá aquele peso todo!”.

Mostrou-nos a antiga canção de trabalho e foi-se embora apressado, dizendo que necessitava entregar as marmitas ainda *quentinhas* para outros trabalhadores. Quando perguntamos de seu pai Sebastião, disse-nos que “*nunca mais vi ele*”. Saiu porta afora. Ao fim, transcrevemos sua canção e pusemos abaixo seu nome: Benedito de Jesus.



Sugestões para o professor

O texto jornalístico, quase uma crônica, pode nos levar à reflexão sobre a condição do negro brasileiro nos anos subsequentes à Lei Áurea. A ausência de uma figura paterna, a situação econômica informal (o garoto estava trabalhando), a obtenção do conhecimento por meio da oralidade (a canção ouvida e apreendida), acabam por se revelar características compartilhadas por grande parte da população negra do Brasil à época. Outro aspecto passível de fala é o trabalho infantil, marca indelével de uma nação que à época não tinha qualquer preocupação com a educação universal e a garantia da escola para todas as crianças, senão para as crianças dos estratos médios e altos da população.

O ESTRANHO PRESENTE DE “MR.” CHARLES MILLER

Duas bolas de capotão, um instrumento para enchê-las de ar, alguns *uniforms* e um livro com regras para um estranho jogo de nome *football* foram os objetos trazidos pelo jovem Charles Miller, brasileiro de ascendência britânica, quando de seu retorno de uma temporada de estudos em terras inglesas. Procura difundir o jogo no Brasil, mas descon-

fiamos sobremaneira de que o *football* encontre sucesso e fortuna cá entre nós, esporte repleto de regras e propriedade quase exclusiva da cultura britânica. Nós, brasileiros, que não somos afeitos a esportes com tamanha formalidade e rígidos em seu código, não poderíamos lograr sucesso em sua prática. Teremos de descobrir uma forma.

“Mr.” Charles, agora um funcionário da *The São Paulo Railway Company* (SPR), que administra as linhas férreas que chegam do porto de Santos, organizará um time entre os ingleses que aí trabalham para uma disputa contra os funcionários da *Gas Company of São Paulo*, em disputa a ser realizada nas vastas várzeas do Carmo, defronte à freguesia do Brás, aos 14 de abril. Se apenas ingleses hão de jogar, resta saber se o jogo será “para brasileiro ver” ou, futuramente, para brasileiros jogarmos. ■

10 DE ABRIL DE 1895



COMO SE FAZ?

Plantio e beneficiamento do café

Ao nos deliciarmos com um saboroso café não fazemos ideia de todo o trabalho e tempo levados para que esta bebida chegue à xícara: derrubada da mata, plantio, trato do cafezal, colheita, beneficiamento, transporte e comercialização. Nesta matéria especial, iremos desvelar o processo do plantio e beneficiamento deste ‘ouro verde’ – como é chamado este produto tão importante para a economia brasileira.



I - Saca de café de 60 kg, pronto para exportação. Acervo do Museu do Café.



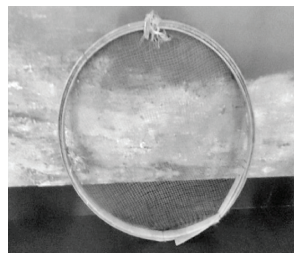
III – Rastelo: ferramenta utilizada nas etapas de cultivo e preparação do café, como a arruação (ou varrição) e viragem do café no terreiro. Os que possuem dentes mais abertos são destinados a separar as folhas e os resíduos grandes, e os com dentes mais juntos são destinados a juntar o café em pequenos montes. Acervo do Museu do Café.



IV – Vassoura utilizada para limpeza do terreiro de café. Acervo Museu do Café.

O café é plantado por meio de mudas e sementes e, no Brasil, setembro é o mês ideal para seu plantio. A primeira florada vem somente após três anos, e apenas no quarto ano se faz a colheita. De maio a agosto, os frutos, conhecidos como ‘cerejas’, são colhidos por apanhação um a um, ou por derriça, que consiste em correr as mãos pelos galhos, da base para a ponta, de maneira que as cerejas caiam numa cesta ou pano estendido no chão.

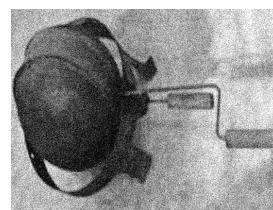
Após a colheita vem a abanação, primeira etapa do beneficiamento, que consiste num processo de limpeza do café: coloca-se parte dos grãos colhidos numa peneira e os joga para o alto várias vezes, de modo que parte das impurezas, como terra, pedras, galhos e folhas vão caindo da peneira por ação do vento.



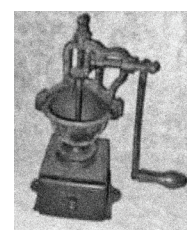
II – Peneira utilizada no processo de abanação (pré-limpeza) do café, realizado ainda no campo após a colheita. Retiram-se as impurezas como pedras, folhas e paus. Acervo Museu do Café.

Para ficarem protegidos do sereno, durante as noites os frutos são amontoados e cobertos. Depois de seco, o café é levado para a tulha, que consiste num galpão de armazenamento.

O café é então despulpado para o aproveitamento dos grãos ou sementes, processo que pode ser realizado manualmente com a ajuda de um pilão, ou automatizado, em máquinas que além de separar os grãos da casca, fazem o polimento e a ventilação. Finalmente os grãos são torrados e moídos, dando origem ao pó do café.



V - Utilizado na torra do café em ambiente doméstico. O recipiente esférico, movido por uma manivela, proporciona uma torra homogênea. Acervo Museu do Café.



VI – Equipamento destinado a moer o café torrado em ambiente doméstico. Acervo Museu do Café.

Após a lavagem dos frutos, eles são levados para o terreiro e espalhados com rolos para secar ao sol durante vários dias.

ARQUITETURA E URBANISMO: MODERNIZAÇÃO DE SÃO PAULO

JULHO DE 1911



Jardim do Palácio



fig. 1. Militão A. de Azevedo. Vista da cidade a partir de XXXX, atual largo da Memória, 1862-1863; fig. 2. Gaensly, Guilherme, Jardim do Palácio Páio do Colégio, 1910; fig. 3. Gaensly, Guilherme, Teatro Municipal, 1911.

Desde de sua fundação em 1554 até meados da década de 1860, a província de São Paulo era pouco desenvolvida e sua capital era o espelho de sua simplicidade em relação a cidades como Rio de Janeiro e Salvador.

A cidade de São Paulo era constituída por chácaras, casas e prédios públicos de taipa de pilão em estilo Colonial e ruas de terra (figura 1). O comércio era limitado às necessidades básicas dos habitantes. Tinha como

movimento os viajantes que vinham do litoral ou do sertão e os alunos da faculdade de direito.

Após entrar no estado pelo vale do Paraíba, o café segue para o oeste paulista e São Paulo passa a obter traços de modernidade do século XIX, como a fotografia e as ferrovias. A cidade de São Paulo foi, inicialmente, fotografada por Militão A. de Azevedo e posteriormente por diversos fotógrafos. Já as ferrovias foram instaladas para

solucionar a questão do transporte da produção de café ao porto de Santos. Em 1868, é inaugurada a linha de ferro Santos-Jundiaí, pela São Paulo Railway Co. Limited.

Ao longo da década de 1870 a capital do estado inicia um processo de substituição arquitetônica, do Colonial para o Neoclássico e o Eclético (figura 2), para equiparar-se ao Rio de Janeiro. Tanto o estilo Neoclássico quanto o Eclético seguem os padrões da ar-

quitetura Clássica (greco-romana), entretanto, o primeiro os combina com elementos renascentistas e barrocos. O segundo chega a mistura, de maneira harmoniosa, elementos clássicos com formas góticas, românicas, moura e orientais. O recém-inaugurado Teatro Municipal de São Paulo (figura 3), é um exemplo de edifício que segue o estilo Eclético. ■

ANÚNCIOS FÚNEBRES

Faleceu ontem de tuberculose aos 30 anos o senhor Paulo Dias, deixando 2 filhas e esposa tão amadas.



Veio a falecer ontem, devido tifo, deixando com grande saudade seus netos e filhos, a senhora Maria Conrado dos Santos, sendo enterrada no Cemitério da Consolação.



Bruna Medeiros vêm a público agradecer o comparecimento de amigos e parentes que compareceram à missa de sétimo dia do querido esposo Adilson Porto Bello.

CARTA DOS LEITORES



Um “paulista” em carta que nos enviou ontem diz-nos que se faz preciso que a Prefeitura de acordo com a polícia, aumente a fiscalização nos bairros da Santa Efigênia, Braz, Bom retiro, Sant’ Anna, pois pelos passeios de rua esses bairros a cada passo se encontram carregadores com grandes malas á cabeça, verdureiros com cestos repletos de verduras e masentes com seus armarinhos ambulantes, cyclists e até carrinhos de pão.

27/01/1915



EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado
GERALDO ALCKMIN
Secretário de Estado da Cultura
MARCELO MATTOS ARAUJO
Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico
Renata Vieira da Motta

INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO

Presidente do Conselho de Administração
Roberto Penteado de Camargo Ticoulat
Comitê Executivo
Guilherme Braga Abreu Pires Filho
Eduardo Carvalhaes Jr.
Diretora Executiva
Marília Bonas
Diretor Administrativo
Thiago Santos
Gerente de Controladoria Geral
Alessandra Almeida
Gerente de Comunicação Institucional
Caroline Nóbrega
Coordenadora Técnica do Museu da Imigração
Mariana Esteves Martins

Agradecimentos

Às equipes Administrativa, Comunicação Institucional, Infraestrutura e Técnica do Museu da Imigração e do Museu do Café.

Exposição IMIGRANTES DO CAFÉ

Curadoria
Bruno Bortoloto do Carmo
Henrique Trindade Abreu
Marcela Rezek Calixto
Mariana Esteves Martins
Pietro Marchesini Amorim
Thais Kluge Minoda
Pesquisa de acervo / documental
Fernando Rocha Aguiar
Juliana Monteiro
Luciane Santesso
Conservação de acervo
Ana Beatriz Giacomini
Nasclene Ramos
Expografia e produção
Juliana Silveira
Vivian Bortolotti
Design
Alexsandro Souza [dínamo]
Núcleo Educativo do Museu da Imigração
Paola Maués
Adilson M. dos Santos
Aline Oliveira
Ana Menezes
Bruna Marques
Conrado Secassi
Felipe Pontoni
Guilherme Ramalho
José Pedro S. Viviani
Juliana R. Barros
Luiz Gregório G. De Camargo
Paulo Rogerio dos Santos
Raquel Freitas

EDUCATIVO

**DO
RETALHO**



À TRAMA
COSTURANDO
MEMÓRIAS
MIGRANTES



Olá, professor(a)!

O Núcleo Educativo do Museu da Imigração desenvolveu este material pensando em auxiliar o educador no planejamento de sua visita à exposição *Do retalho à trama: costurando memórias migrantes*, em cartaz no museu de 13 de fevereiro a 15 de maio de 2016, na sala Hospedaria em Movimento. Este material contém, de um lado, a imagem de uma obra integrante da exposição e, de outro, sugestões de atividades e leitura da imagem, propostas poéticas e textos de apoio. Boa leitura!

Núcleo Educativo do Museu da Imigração

Arpillera produzida na Casa de Passagem Terra Nova, com participação de mulheres acolhidas de diversas procedências.

Material Juta (suporte) e tecidos diversos.

Medidas 94x100cm.

Foto Conrado Secassi.

SUGESTÕES PARA LEITURA DE IMAGEM

Observe a imagem reproduzida no verso deste material. Essa imagem mostra uma espécie de tecedura produzida pelo grupo de mulheres da Casa de Passagem Terra Nova, na qual há uma representação do globo terrestre circundado por pessoas; mas perceba que ele está incompleto: os países representados no globo referem-se às origens de pessoas que passaram pela casa, sendo o Brasil o local de chegada e o oceano Atlântico a simbologia do trajeto – a viagem. É interessante deixar que os estudantes discutam livremente sobre o assunto ou levantem hipóteses sobre a escolha dos países representados na imagem.

As representações das bonecas revelam diferentes elementos culturais: vestimentas, penteados e adereços. Apesar de não ser possível definir o gênero de todas, é notável a predominância da figura feminina. O professor pode discutir com os alunos assuntos relacionados a gênero e migração: a experiência de migrar é a mesma para homens e mulheres? Quais são as principais dificuldades encontradas pelas mulheres migrantes de antes e de hoje? O professor pode sugerir que os estudantes pesquisem notícias sobre esse tema em jornais ou em blogs especializados em questões de gênero.

O professor pode, ainda, propor aos estudantes que narrem histórias de migrações que aconteceram com eles ou sua família, e juntos podem construir um globo que represente a turma e os locais por onde já se deslocaram.

O PAPEL DAS CASAS DE ACOLHIDA DE MIGRANTES NA CIDADE DE SÃO PAULO: A CASA DE PASSAGEM TERRA NOVA

Os centros de acolhida e casas de passagem de migrantes são locais que recebem a população em situação de vulnerabilidade social e/ou que sofreram graves violações de direitos humanos. Sua estrutura geralmente é constituída por dormitórios, espaço para refeições e ainda pode oferecer aulas de português e atividades de convivência ou ocupacionais. Esses locais cumprem um papel fundamental na cidade de São Paulo, onde o migrante, muitas vezes sem saber a língua portuguesa ou desconhecendo os trâmites legais, pode encontrar moradia provisória, apoio social, psicológico e jurídico e uma referência de endereço para auxiliar no processo de procura de emprego. Em certa medida, esses locais oferecem serviços muito parecidos com os da antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás, complexo edificado onde funciona hoje o Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

HOSPEDARIA DE IMIGRANTES DO BRÁS

A Hospedaria de Imigrantes do Brás (1887-1978) acolheu cerca de 2,5 milhões de migrantes de mais de 70 nacionalidades, e foi construída com o intuito de receber o imenso fluxo de pessoas que estava chegando no estado de São Paulo com o anseio de refazer suas vidas trabalhando principalmente nas lavouras de café. Funcionando por 91 anos, são inúmeras as contribuições que os migrantes que por lá passaram trouxeram para a história e formação cultural do país. A Hospedaria tinha capacidade para acolher 3 mil pessoas por vez, e contava com dormitórios, um refeitório e prédios de serviços como agência dos correios, posto policial e estação ferroviária.

Localizada na região da República, no centro de São Paulo, a Casa de Passagem Terra Nova conta com espaço para receber 50 pessoas, e se articula com outros setores da sociedade civil como o Centro de Referência para Refugiados (Caritas), o Instituto de Reintegração do Refugiado (ADUS), e outros centros de acolhida como o Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes (CRAI), localizada na mesma região. Por lá já passaram mais de 150 pessoas, vindas de diferentes países como Síria, Nigéria, Guiné Bissau, República Democrática do Congo, Camarões, Angola e Bolívia. A casa oferece, além de apoio social, psicológico e jurídico, atividades de convivência, atividades ocupacionais e cursos de idioma na língua portuguesa, auxiliando na integração dos acolhidos.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

O professor pode incentivar os estudantes a pesquisarem sobre os trajetos que os migrantes realizam para chegar ao Brasil. Observando os personagens presentes na imagem representada neste material, o que podemos dizer sobre eles? Como são suas roupas? Os países apontados são muito distantes do Brasil? Você conhece alguma coisa sobre esses países?

Muitas vezes, por diversas barreiras burocráticas e econômicas, o percurso se torna tortuoso e difícil, podendo levar semanas ou meses. Quais são os documentos necessários para se emigrar para o Brasil? E para solicitar refúgio? Essas informações podem ser encontradas na internet, em sites especializados sobre migração. Após a pesquisa, os estudantes podem compartilhar com a turma os resultados encontrados em seminários ou cartazes.

A barreira linguística não é a única que dificulta na hora de buscar um emprego: não saber também quais são as leis trabalhistas no lugar de chegada, ou quais são os seus direitos como trabalhador, faz com que o migrante acabe trabalhando muitas vezes em condições precárias. Abaixo, citamos algumas instituições que auxiliam na inserção e nos primeiros contatos dos migrantes que ainda não têm uma rede estabelecida no Brasil:

Instituto de Reintegração do Refugiado (ADUS)

Atua em parceria com solicitantes de refúgio, refugiados e pessoas em situação análoga ao refúgio para sua reintegração à sociedade buscando sua valorização e inserção social, econômica e cultural. www.adus.org.br/

Caritas Arquidiocesana de São Paulo

Atua na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. caritasarqsp.blogspot.com.br/

Missão Paz

Com um amplo histórico e sediada na Igreja Nossa Senhora da Paz, no Glicério, trabalha ativamente com a comunidade migrante na região, principalmente com grupos haitianos. Auxilia com documentação e na inserção no mercado de trabalho. www.missaonspaz.org/

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)

Agência da ONU para refugiados, articula grupos em diversos países que trabalham pela manutenção e aplicação dos direitos humanos. acnur.org/

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Nem sempre um mapa é a representação de um espaço físico, podemos também utilizá-lo para representar sensações e lembranças. A atividade "Cartografia Afetiva" é uma boa maneira de entendermos nossos deslocamentos na cidade como uma espécie de migração, percorrendo poeticamente espaços que fazem parte da nossa vivência.

O professor pode experimentar traçar com os estudantes um mapa afetivo do espaço que estão e dos caminhos que percorreram até chegar ali, utilizando como referência sensações como cheiros, sabores ou memórias de paisagens que não existem mais ou lugares afetivos.

O professor pode provocar os estudantes também a imaginar o caminho de outras pessoas a partir de suas histórias: um refugiado que veio para o Brasil, alguém que veio para estudar, uma família, uma moça ou um rapaz solteiro. Para cada pessoa, uma história diferente. Como seria traçar os deslocamentos afetivos de outra pessoa?



Legenda *The Mapping Journey Project*, 2008-2011. Bouchra Khalili. *Video instalação*. Foto: Site da artista. Disponível em: <http://www.bouchrakhalili.com/the-mapping-journey-project/>. Acesso em: 21.01.2016.

Produzido entre 2008 e 2011, *The Mapping Journey Project*, instalação da artista franco-marroquina Bouchra Khalili, é composta por oito canais de vídeo, com um plano-sequência onde uma mão desenha um caminho no mapa, seguindo o trajeto tortuoso e complexo pelo qual esses migrantes passaram para chegar ao destino escolhido. Uma voz em *off* narra as jornadas individuais. O projeto tem por objetivo desenharmos uma visão geográfica alternativa sobre a perspectiva de indivíduos forçados a cruzar fronteiras de forma indocumentada.

O TRABALHO ARTÍSTICO COMO FORMA DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

Nascida na Isla Negra, no Chile, a *arpillera* é uma técnica têxtil que utiliza um suporte de pano rústico – como sacos de farinha ou batata – e retalhos de tecido para compor bordados e contar histórias. Essa técnica ganhou amplitude principalmente a partir da sua apropriação por mulheres que buscavam denunciar as violências praticadas pela ditadura chilena na década de 1970.

Dentro da programação de atividades de integração realizadas com os acolhidos na Casa de Passagem Terra Nova, há uma oficina que acontece todas as sextas-feiras pela manhã desde 2015, em que as mulheres se reúnem para produzir *arpilleras* sobre seus processos migratórios. Juntas, elas dialogam e realizam seus trabalhos, representando paisagens, memórias e locais de afeto, utilizando retalhos de pano, sempre muito coloridos. São pedaços de cenas cotidianas que se constituem como tramas de memórias e visualidades, nas quais podemos reconhecer a vegetação específica de um lugar, formas diferentes de se vestir, topografias acidentadas e ambientes familiares.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Em roda, o professor pode iniciar uma conversa com os estudantes sobre a exposição "**Do retalho à trama: costurando memórias migrantes**", utilizando como base os textos disponíveis neste material. Em seguida, o professor pode realizar uma ação poética de "costurar" a turma. Com uma agulha grossa com uma lã amarrada, o professor pode sugerir que cada estudante, com uma palavra, descreva sua impressão da exposição ou da técnica de *arpilleras*, e então passe a agulha para o estudante ao lado, brincando de "costurar" a pessoa - amarrando no braço ou passando pela roupa. O próximo estudante continuará o processo, até que toda a turma esteja "costurada"



Olá, professor(a)!

O Núcleo Educativo do Museu da Imigração desenvolveu este material pensando em auxiliar o educador no planejamento de sua visita à exposição *Do retalho à trama: costurando memórias migrantes*, em cartaz no museu de 13 de fevereiro a 15 de maio de 2016, na sala Hospedaria em Movimento. Este material contém, de um lado, a imagem de uma obra integrante da exposição e, de outro, sugestões de atividades e leitura da imagem, propostas poéticas e textos de apoio. Boa leitura!

Núcleo Educativo do Museu da Imigração

Arpillera produzida pelo Coletivo “Mujer latina, tú eres parte no te quedas aparte”, 2015.

Material Juta (suporte) e tecidos diversos.

Medidas 43x47cm.

Foto Conrado Secassi.

SUGESTÕES PARA LEITURA DE IMAGEM

Observe a imagem no verso deste material. Nela, uma mulher com duas crianças contemplam uma paisagem de cadeias montanhosas. De fato, uma das imagens mais sugestivas, nos termos de uma representação simbólica sul-americana, são as montanhas dos Andes, a espinha dorsal do continente, paisagem natural do Chile, Argentina, Bolívia, Equador, Peru, Colômbia e Venezuela. Há alguma paisagem natural que você também tenha guardada na memória? Na cidade, a verticalidade das montanhas pode ser substituída por aquela dos prédios. Qual paisagem da cidade traz para você recordações inesquecíveis? É interessante pensar em lugares que pessoas adultas consideram pequenos, mas que são enxergados como grandiosos e cheios de obstáculos quando vistos pelos olhos de crianças. Você lembra de já ter se sentido assim? A partir da leitura dessa imagem, pode-se também propor uma atividade de desenhar uma paisagem da infância, de um local que já não existe ou ao qual essa pessoa não tenha mais retornado.

Entre os dias 6 e 13 de dezembro de 2015, o Museu da Imigração participou da Semana de Direitos Humanos, propondo atividades voltadas a essa temática. Dentro dessa programação, o museu acolheu uma oficina de *arpilleras* no dia 6 de dezembro da qual participaram mulheres argentinas, chilenas, bolivianas e também brasileiras, participantes do coletivo "Mujer latina, tú eres parte, no te quedes aparte" - ligadas à organização Presença da América Latina. Em conjunto, as mulheres trouxeram como temática para construção das *arpilleras* a memória afetiva relacionada ao ato de migrar: *o que se lembra do antigo lugar e o que se recebe*

como novo, numa mescla de memórias e anseios, representada nos trabalhos que vocês podem conferir nesta exposição.

Ainda que cada mulher desenvolva a sua própria *arpillera*, é interessante apontar que, a partir do trabalho manual, as artífices comungam de uma experiência bastante horizontal de criação e troca de ideias. Reconhecendo-se como grupo, portanto, as mulheres optam por não dar autoria individual a seus trabalhos, somente nomeando-os como produção do coletivo. Assim, cada trabalho criado representa um leque variado de sugestões de inúmeras mulheres.

HOSPEDARIA DE IMIGRANTES DO BRÁS

À semelhança da *arpillera*, técnica têxtil que se utiliza de tecidos e retalhos diversos para a criação de uma composição, sugerimos o uso de qualquer pano grosso e resistente para servir como suporte, como aqueles de aniagem (que conhecemos também por juta), feitos para os sacos de batatas. A seguir, podemos pensar numa temática compartilhada: por que não imaginar uma cidade... mas uma cidade ainda por existir? Ou então o próprio entorno da escola? Jogar um pouco com a memória, conjugando o que já existe com aquilo que ainda está por vir é um ótimo exercício de imaginação. Os estudantes podem realizar essa *arpillera* de forma coletiva, costurando os retalhos ou mesmo utilizando cola de tecido.

Esse exercício de desapego dispensa o uso da autoria como posse única e legítima de uma obra criativa, compartilhando-a com outros indivíduos e, ao mesmo tempo, dotando a memória que ali vai se inserir de um aspecto coletivo, demonstrando anseios e desejos de um mesmo grupo. Numerosos trabalhos artísticos e manuais são realizados também de acordo com essa premissa, na qual o indivíduo insere-se dentro de uma lógica colaborativa. Os exemplos são numerosos. Você consegue se lembrar de algum?

Mulheres rendeiras do Cariri Paraibano. Foto: José Marques/Secom-PB. Disponível em: <http://paraiba.pb.gov.br/trabalho-das-rendeiras-do-cariri-atr-ai-celebridades-e-passarelas-do-mundo/>. Acesso em: 27 jan 2016.



Mestre Vitalino e sua família produzindo as famosas figuras de barro. Foto: autoria desconhecida. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2013/01/mestre-vitalino-arte-felta-de-barro.html/>. Acesso em: 27 jan 2016.



Índias Terena produzindo jarros e potes de cerâmica. Foto: Rodrigo Teixeira. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/indios-adeus/>. Acesso em: 27 jan 2016.



Mobilização coletiva para a pintura de ruas, em tempos de Copa do Mundo. Foto: AP. Disponível em: <http://g1.globo.com/especiais/africa-do-sul-2010/noticia/2010/05/vizinhos-de-unem-para-decorar-ruas-para-copa-do-mundo.html/>. Acesso em: 27 jan 2016.



O professor pode relacionar as imagens acima com as *arpilleras* feitas pelos coletivos de mulheres. O que têm em comum? Do mesmo modo, o que têm de diferente? O professor pode sugerir que os estudantes pesquisem outros trabalhos artesanais e artísticos que sejam realizados de forma coletiva.

ARPILLERAS: BORDANDO UMA OUTRA HISTÓRIA CHILENA E LATINO-AMERICANA

Uma tradução é, ainda que se esforce por ser literal, uma traição da palavra. Por que estamos afirmando isso? Ao traduzirmos a palavra *arpillera*, do espanhol para o português, podemos ter como resultado as palavras *juta*, *aniagem* ou mesmo *trapo*. Mas o que é ordinário pode ganhar outra significação ao mantermos o nome original. Assim, como traduzir uma expressão cultural, tanto em termos de língua quanto de prática e vivência? É inegável que, ao dizermos *arpillera*, nos referimos sobretudo a um contexto feminino, chileno, coletivo. Isto sempre estará presente como uma espécie de essência dessa técnica artesanal.

Sabemos que as *arpilleras* já eram parte do saber popular de alguns grupos de mulheres da Isla Negra, no litoral central chileno, para contar suas histórias e memórias. Entretanto, o assassinato do presidente do Chile, Salvador Allende, por forças militares golpistas, lideradas por Augusto Pinochet em 1973, inaugurou um período de repressão sombrio que deixou um saldo de ao menos 3 mil mortos, em um total de 40.000 vítimas entre presos políticos, torturados e desaparecidos, conforme documento liberado em 2011 pela Comissão Valech (Comissão Nacional sobre Prisão Política e Tortura do Chile). Nesse sentido, as mulheres de cidadãos torturados e assassinados enxergaram nessa técnica têxtil um modo eficiente de denúncia e de sublimação de uma memória de dor. Retalhos das roupas dos desaparecidos e invólucros de pano contendo cartas, costuradas ao tecido da juta, transitam

por diversos meios de difusão das artes, fazendo chegar tais mensagens a países estrangeiros e revelando a tragédia política no Chile. A *arpillera* contém, invariavelmente, em sua história e abordagem, um pouco de *"tela, aguja y dolor"*, segundo as próprias criadoras. A chilena Violeta Parra (1917-1967), cantora, compositora, folclorista e, ela própria, uma criadora de *arpilleras*, costumava dizer que elas *"eram como canções"*, fossem a vida e o cotidiano iluminados ou sombrios. De tal forma, teriam a obrigação de contar a história e a memória da comunidade por uma ótica muito particular - a das mulheres do mundo.



Violeta Parra (1917-1967), tocando violão. Foto: Autoria desconhecida. Disponível em <<http://southernexposurearts.org/artists/gracias-a-la-vida-the-rebel-spirit-of-violeta-parra/>>. Acesso em: 04 fev 2016.

A DENÚNCIA EMBUTIDA NOS OBJETOS

No início da ditadura chilena, a partir de 1973, em um período específico da trajetória das *arpilleras*, usou-se costurar a denúncia política numa pequena bolsinha de pano acoplada ao trabalho. Uma carta de papel era escondida e envelopada

num retalho de pano, quando as *arpilleras* eram enviadas para exposições em outros países. Quando a voz é sufocada, procuram-se outros meios de expressão. Em finais de 2012, uma mulher estadunidense, ao receber um brinquedo comprado na internet e produzido na China, encontrou dentro deste, para sua surpresa, uma carta de socorro escrita por um trabalhador chinês anônimo, denunciando condições precárias de trabalho. Uma parte da carta assim dizia: *"As pessoas que trabalham aqui têm que trabalhar por 15 horas diárias, sem descansos aos sábados, domingos ou em qualquer feriado. De outro modo, eles sofrerão (punições), apanhando ou com comentários rudes. Quase sem pagamento (10 yuan - 1 mês)"*. O mais interessante é notar que, de maneira diferente da *arpillera*, em que a presença artesanal (e humana) da criação é predominante, enxergamos humanidade no objeto industrializado tão somente quando, dentro dele, descobre-se uma mensagem de quem o produziu. Há também uma relação de memória ali presente, aquela que nos faz lembrar quem produz e em quais condições. Quando falamos de escravidão, parece que estamos nos referindo tão somente ao passado. No Brasil, alguns dados do Ministério do Trabalho mostram que, somente em 2014, 1590 pessoas* foram resgatadas de situações de trabalho análogas à escravidão. Ainda existe uma escravidão contemporânea generalizada? Alguns tipos de ofício são mais suscetíveis à escravidão do que outros? Um debate com estudantes que já possuem idade mínima para o primeiro emprego pode ser interessante nesse sentido.

Fonte: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/01/ministerio-divulga-balanco-do-trabalho-escravo-em-2014>

PARCERIA

REALIZAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO Governador do Estado GERALDO ALCKMIN Secretário de Estado da Cultura MARCELO MATTOS ARAUJO Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico Renata Vieira da Motta | **INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO** Presidente do Conselho de Administração Roberto Penteado de Camargo
Ticoulat Comitê Executivo Guilherme Braga Abreu Pires Filho e Eduardo Carvalhaes Jr. Diretora Executiva Marília Bonas Diretor Administrativo Thiago Santos Gerente de Controladoria Geral Alessandra Almeida Gerente de Comunicação Institucional Caroline Nóbrega Coordenadora Técnica do Museu da Imigração Mariana Esteves Martins Material educativo da exposição DO RETALHO À TRAMA: CONSTRUINDO MEMÓRIAS MIGRANTES Educativo Paola Maués, Adilson Medeiros dos Santos, Aline Oliveira, Ana Menezes, Bruna Marques, Conrado Secassi, Felipe Pontoni, Guilherme Ramalho, Isabela Maia, José Pedro S. Viviani, Juliana R. Barros, Luiz Gregório G. de Camargo, Paulo Rogerio dos Santos e Raquel Freitas Curadoria Angélica Beghini, Paola Maués, Tatiana Chang Waldman Registro fotográfico Conrado Secassi Expografia e produção Juliana Silveira e Vivian Bortolotti Design Alessandro Souza [dinamo] Conservação de acervo Ana Beatriz Giacomini e Livia Alli Impressão offset Premier Artes Gráficas Agradecimentos Coletivo "Mujer latina, tú eres parte, no te quedes aparte" Alicia Del Carmen Pedreros Plaza, Dalvaci Porto, Daniela Nuñez Cordova, Frida Cordova Reque, Gioconda Elgueta Urrutia, Ines Fuentes Gonzalez, Jeannette Toro Cortes, Marcela Marciani, Monica Rodriguez Ulo, Oriana Jara, Rossana Pulcinelli, Susana Rettori, Yolanda Jeanette Cortes Participantes da oficina na Casa de Passagem Terra Nova Amadi, Angela, enediete, Bibiana, Carina, Channel, Charlene, Elizabete, Evita, Fena, Francine, Gertrudes, Gisele, Julia, Juliana, Lea, Lina, Luisa, Mabanza, Mammie, Maria, Marina, Mimi, Mita, Mpema, Nana, Nsimba, Paciência, Parfaite, Paulina, Rasha, Suzane, Titina Organização Presença da América Latina (PAL) Casa de Passagem Terra Nova Adriana Natim, Simone Cavalcante e José Roberto Mariano

CADERNO DE VISITAÇÃO
PARA CRIANÇAS

O CAMI- NHO DAS COISAS

Como os museus podem se tornar
locais atrativos para crianças?

Este material educativo foi pensado para tornar a visita à exposição O caminho das coisas acessível para crianças, de forma lúdica e investigativa. Ele pode ser usado tanto pelas famílias, para uma visita autônoma com crianças de até 11 anos, como pelos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, como ferramenta para planejar o antes, durante e depois da vinda ao Museu. Divirtam-se!

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
<p>GOVERNADOR DO ESTADO GERALDO ALCKMIN</p> <p>SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA MARCELO MATTOS ARAÚJO</p> <p>COORDENADORA DA UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO Renata Vieira da Motta</p>
INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO
<p>PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO Roberto Penteado de Camargo Ticolat</p> <p>COMITÊ EXECUTIVO Guilherme Braga Abreu Pires Filho Eduardo Carvalhaes Jr.</p> <p>DIRETORA EXECUTIVA Marília Bonas</p> <p>DIRETOR ADMINISTRATIVO Thiago Santos</p> <p>GERENTE DE CONTROLADORIA GERAL Alessandra Almeida</p> <p>GERENTE DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL Caroline Nóbrega</p> <p>COORDENADORA TÉCNICA DO MUSEU DA IMIGRAÇÃO Mariana Esteves Martins</p> <p>COORDENADORA ADMINISTRATIVA Claudia Marinelli</p>
MUSEU DA IMIGRAÇÃO

ADMINISTRATIVO
ADMINISTRAÇÃO
Bruna Zachy Rogado
Jamile Arakaki
Lucinea Gomes do Nascimento
Melise Pereira Lopes da Silva
Natalia Alves de Oliveira
Priscila da Silva Vitor Dias
Valdiane Pereira de Melo

INFRAESTRUTURA
César Pimenta
Trajano Rodrigues
Adriano Aparecido de Jesus do Carmo
Grimaldo Madeira da Silva
Glecia dos Santos Ferreira
Ilka Simone Vieira da Conceição
Janifer Martinelli da Silva
José de Arruda Paiva
Maria Aparecida dos Santos
Maria Conceição da Silva
Maria José Ferreira de Souza
Railde Maria Lima
Rogério Vagner da Silva
William Tavares Pellegrino

RECEPÇÃO E BILHETERIA
Andrea Sá de Abreu Neves
Anna Gabriela da Conceição Teixeira
Débora Catesquini Lemes
Fernanda Lé de Oliveira
Jenifer Bene Lu
Joselma Guilherme Silva
Mariane Nunes
Simone Monteiro de Brito
Taciana Maria dos Santos

RECURSOS HUMANOS
Maria Christina Chiara Gomes Vieira
Marisa dos Santos

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO
Rafael da Silva e Souza

COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
Nayara Santana da Silva
Thâmara Malfatti

TÉCNICA
COMUNICAÇÃO MUSEOLÓGICA
Juliana Silveira
Vivian Bortolotti

EDUCATIVO
Paola Maués
Adilson Medeiros dos Santos
Aline Oliveira
Ana Menezes
Bruna Marques
Conrado Secassi
Felipe Pontoni
Guilherme Ramalho
Isabela Maia
José Pedro Viviani
Juliana Barros
Luiz Gregório G. de Camargo
Paulo Rogerio dos Santos
Raquel Freitas

PESQUISA
Tatiana Chang Waldman
Angélica Beghini
Henrique Trindade Abreu

PRESERVAÇÃO
Juliana Monteiro
Alessandra Sampaio Pedrosa
Ana Beatriz Giacomini
Leticia Sá
Luciane Santesso
Livia Alli

EXPOGRAFIA E PRODUÇÃO

Exposição O CAMINHO DAS COISAS

CURADORIA
Juliana Monteiro

PESQUISA
Alessandra Sampaio
Angélica Beghini
Henrique Trindade Abreu
Leticia Sá
Luciane Santesso
Tatiana Chang Waldman

CONSERVAÇÃO DE ACERVO
Ana Beatriz Giacomini
Livia Alli

REGISTRO FOTOGRÁFICO DOS ENCONTROS
Ana Beatriz Giacomini
Henrique Trindade Abreu
Leticia Sá
Livia Alli
Pedro Malafaia
Rodrigo Antônio dos Santos
Tatiana Chang Waldman
Thais Klarge Minoda

REVISÃO DE TEXTO
Alessandra Sampaio
Angélica Beghini

EXPOGRAFIA E PRODUÇÃO
Juliana Silveira
Vivian Bortolotti

ILUSTRAÇÕES PARA A EXPOSIÇÃO
Vivian Bortolotti

DESIGN
Dinamo

MATERIAL EDUCATIVO
Paola Maués
Adilson Medeiros dos Santos
Aline Oliveira
Ana Menezes
Bruna Marques

Conrado Secassi
Guilherme Ramalho
Isabela Maia
José Pedro Viviani
Juliana Barros
Luiz Gregório G. de Camargo
Paulo Rogerio dos Santos
Raquel Freitas

ILUSTRAÇÕES PARA O MATERIAL EDUCATIVO
Conrado Secassi

REGISTRO FOTOGRÁFICO DO ACERVO
Angélica Beghini
Conrado Secassi
Isabela Maia
Rodrigo Antonio dos Santos

AGRADECIMENTOS
Adilson Paodzuenas, Amaury J. Torrezani, Ana Paula Tatarunas Di Giorno, Angelina Tatarunas, Asta Braslauskas, Daniel Quirino dos Santos, Egydio Torrezani, Emiko Nakashima, Helena Zizas, Hisae Eguchi, Jedvyga Nikitin, Irene Petraitis, Janete Nikitin Zizas, Lidia Reiko Yamashita, Lúcia M. Jodelis Butrimavicius, Lucilene L. Torrezani, Pedro Malafaia, Shuko Takada, Thais Klarge Minoda

Centro de Tecnologia e Sociedade/ FGV Rio, Creative Commons Brasil, Grupo Wikimedia Brasileiro de Educação e Pesquisa, Instituto Martius Staden, Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, New Bedford Whaling Museum/Estados Unidos

Equipes Administrativa, Comunicação Institucional, Infraestrutura e Técnica do Museu da Imigração

Voluntários do Museu da Imigração: Adriana Mendes Diogo, Carolina Nóbrega da Rocha Martins, Cristina Garcia Martinez, Felipe Augusto Chadi da Silva, Jessica Crispim Oliveira, Rodrigo Antonio dos Santos, Tereza A. Naked, Victor Taciano Cabral.



Este material educativo foi desenvolvido pelo Núcleo Educativo do Museu da Imigração e utiliza as tipografias UNB e Merriwather, ambas abertas para download gratuito.



Esta licença permite remixagem, adaptação e criação a partir deste trabalho, desde que se atribua ao Museu da Imigração o devido crédito e que as novas criações sejam licenciadas sob termos idênticos.



MUSEU DA IMIGRAÇÃO
Exposição **O caminho das coisas**
SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS
Rua Visconde de Parnaíba, 1316 Mooca
São Paulo – SP. Em cartaz entre 21 de maio e 21 de agosto de 2016.

COMO SE PREPARAR PARA A VISITA AO MUSEU COM CRIANÇAS?

- Com um pequeno caderno e um lápis, as crianças podem registrar aquilo que mais chamou a atenção e fazer desenhos de observação.

- Um rolo vazio de papel higiênico ou papel toalha pode se transformar em um telescópio para observar os detalhes. Papéis celofane de várias cores podem ser usados como filtros para ver a exposição de forma divertida.

- Não planeje muito tempo de visita. Dependendo da idade das crianças, trinta minutos a uma hora já são suficientes para conhecer uma parte do museu, e não sair exausto. Você é bem vindo para voltar quando quiser!

- Você pode levar um lanche e uma toalha para fazer um piquenique no jardim do Museu da Imigração, mas lembre-se de não entrar com comida ou bebida dentro das exposições e do CPPR – Centro de Preservação, Pesquisa e Referência :)

- Visite o site www.museudaimigração.org.br e conheça os serviços que oferecemos. Se possível, participe de alguma ação proposta pelo Educativo, elas sempre são divertidíssimas :)

O QUE FAZER NO MUSEU COM CRIANÇAS?

- Incentive a criança a fazer o desenho de algum objeto ou da arquitetura do prédio. Você pode complicar um pouco mais este exercício pedindo para

desenhar de diferentes formas: sem levantar o lápis do papel, sem olhar para a folha, desenhando com a mão esquerda para destros e com a direita para os canhotos... Use a imaginação.

- Fechе os olhos da criança e descreva um objeto ou elemento da sala para que ela procure.

- Você pode pedir que a criança escolha um objeto ou imagem e incentive que ela cante uma música ou faça uma dança que tenha relação com ele.

- Você pode fazer divertidas fotografias brincando de imitar as estátuas, ou encenando uma imagem.

- Você pode brincar de observar os objetos e imagens e imaginar uma história para eles.

A EXPERIÊNCIA NÃO TERMINA NA SAÍDA DO MUSEU...

- Você pode incentivar as crianças a fazerem um desenho ou escreverem uma carta para alguém querido, contando como foi a visita ao museu e convidando para que também visite.

- Incentive a criança a criar um livro de visitas a museus, para guardar ingressos, folders, fotos, postais, desenhos e impressões sobre as exposições.

- O professor pode desenvolver em sala de aula algum projeto que seja relacionado com os conteúdos e temas abordados durante a visita ao museu.

O OBJETO

No início da exposição **O caminho das coisas**, nos deparamos com uma caixa que contém vários objetos misteriosos, que foram doados ao Museu da Imigração. Qual o valor desses objetos? Por que eles estão aqui?

Hallo! Ou... olá! Meu nome é Hilda. Os objetos que você vê dentro de uma caixa, na entrada da exposição 'O caminho das coisas', um dia pertenceram a mim.

Nasci na Alemanha há mais de 80 anos. Era feliz como médica, e foi trabalhando que me apaixonei por outro médico muito charmoso, chamado Wagner. Mas as guerras tornaram a vida na Alemanha mais difícil. Então, um dia Wagner decidiu se mudar para um país lá na América chamado Brasil, onde lhe disseram que havia oportunidades para médicos.

A coragem dele em se mudar para tão longe me fez também querer uma grande aventura. Depois de um tempo, recebi uma carta de Wagner que me chamava para o encontrar. Refleti, considerei... e enfim me decidi! Iria também para esse tal de Brasil!

Pensei comigo: do que eu preciso para fazer essa viagem? Uma mala que guardasse bem os meus pertences parecia um bom começo. Lembrei-me que tinha uma mala boa e antiga, que um dia fora de minha mãe.



Ela nunca mais apareceu depois de fugir durante a guerra. Sim! A mala me seria útil e também um jeito de lembrar de mamãe com carinho.

E de que mais? Hum... sapatos, é claro! Mas não poderia ser um par qualquer... tinham que ser resistentes, feitos de couro e borracha de pneu. E também bonitos, por que não? Afinal, eles me acompanhariam durante uma longa viagem de bicicleta, da Alemanha até a Espanha.

Como eu passaria pelos Alpes, onde fazia muito frio, um casaco bem quentinho seria necessário. Mande



tingir de verde o meu melhor casaco e lá estava mais um companheiro de viagem, que muito me protegeu. Chegando em Barcelona, respirei fundo e subi em um navio que me trouxe até Santos, em meu sonhado destino.

Por fim, encontrei meu querido Wagner no Brasil. Nos casamos e moramos por 40 anos na zona norte de São Paulo. Mesmo com todas as dificuldades, estes objetos tão companheiros me fazem lembrar com carinho das minhas aventuras. Como é bom recordar! Obrigada por compartilhar essas lembranças comigo.

Auf Wiedersehen!
Ou... até mais!



O OBJETO

Se você fosse migrar para um país distante, quais desses objetos você levaria? Marque com um X, e depois discuta com seus amigos o porquê.



☐ Binóculos



☐ Sapatos



☐ Régua de cálculo



☐ Casaco impermeável com capuz



☐ Mala



☐ Máquina fotográfica



☐ Revista Eletrônica Popular



☐ Caderno de recordações



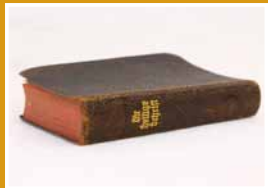
☐ Diário



☐ Estojo de maquiagem



☐ Faca



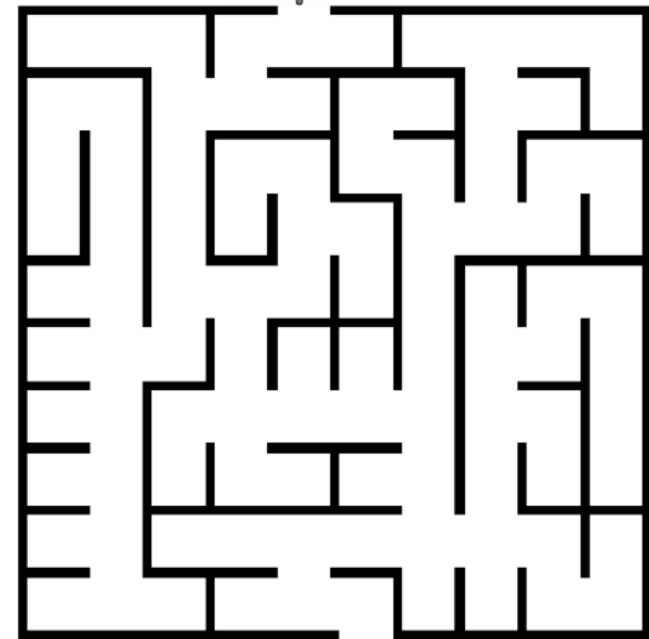
☐ Bíblia de Lutero



☐ Bolsa Térmica

O OBJETO

Para embarcar no navio que a traria para o Brasil, Hilda precisou fazer um longo caminho de bicicleta. Ajude Hilda a encontrar o caminho para o porto.



AS PESSOAS

Na segunda parte da exposição **O caminho das coisas**, vamos conhecer um pouco sobre as pessoas que ajudam a dar significados aos objetos, juntamente com os profissionais que trabalham no museu. Você sabe quem são estes profissionais? Complete as lacunas com as palavras abaixo e descubra alguns deles.

EDUCAÇÃO
LIMPEZA PESQUISA
PRESERVAÇÃO



Olá, como vai? O meu trabalho é fazer o museu ser mais interessante e acessível para todos os públicos que o visitam, realizando ações educativas que valorizem e discutam os temas, os objetos e as pessoas que fazem parte da história deste lugar. Eu sou da equipe de _____.

Ler, descobrir e escrever sobre os objetos da nossa coleção são ações que fazem parte da minha rotina. Outra coisa que faço muito é conversar com imigrantes, assim como a Dona Hilda, que você já conheceu. Você sabe de onde vieram os seus antepassados? Eu sou da equipe de _____.

Bom dia! Ou seria boa tarde? Você quase nunca me verá por aí, porque eu passo muito tempo numa sala fechada, cuidando das coleções do museu. Eu e minhas colegas adoramos quando acontecem exposições como essa, assim podemos mostrar ao público o que temos aqui. Atchim! Eu sou da equipe de _____.

Na minha equipe, cuidamos do bem-estar dos visitantes e funcionários do museu através da organização e limpeza dos espaços. Você já pensou na quantidade de pessoas que passam por aqui todos os dias? Aliás, o nosso trabalho não fica tão difícil quando cada um faz a sua parte para cuidar do museu também. Eu sou da equipe de _____.

AS PESSOAS

VAMOS BRINCAR DE PROFISSIONAL DE MUSEU?

Na próxima página você pode conferir algumas perguntas que profissionais dos museus se fazem quando estão na frente de um objeto. Você pode escolher um objeto da exposição, ou da sua própria casa, e tentar respondê-las.



Dica: Para responder a essas perguntas, você terá que observar o objeto com atenção, mas também pode ser necessário realizar algumas pesquisas em livros ou na internet. Se ainda assim não conseguir todas as informações, é interessante conversar com pessoas que tenham relação com o objeto para descobrir mais coisas.

Dica: Você pode complicar mais a brincadeira escolhendo um objeto que nunca tenha visto, ou nem imagina para que tenha sido ou feito.

QUAIS SÃO SEUS ASPECTOS FÍSICOS/MATERIAIS? QUAL SEU DESENHO/FORMA?

Qual a cor, a forma e a textura? Tem cheiro, gosto? Faz barulho? Está completo ou falta alguma parte? Já foi consertado ou adaptado? Está usado ou é novo? Foi feito à mão ou à máquina? Numa peça única ou em partes separadas? São montáveis (parafusos, encaixes, cola)? É decorado ou ornamentado?

QUAL SUA FUNÇÃO/USO?

Quem o fez? Para que fim? Quem o usou? Como foi ou é usado? Para quem o fabricou? O uso inicial foi mudado?

QUAL SEU VALOR/SIGNIFICADO?

Que valor tem para as pessoas que o usaram ou usam?

OS CAMINHOS

Na exposição, é apresentado o processo realizado pelos profissionais do museu na coleta de informações sobre os objetos da sua coleção, a partir de observação, pesquisa e entrevistas com pessoas e especialistas no assunto.

O Museu da Imigração conversou com várias pessoas durante o projeto para descobrir as muitas histórias dos objetos. **Dica: na exposição temos algumas pistas!**



**Neto de um
marceneiro
migrante da
Itália**

**Comunidade
lituana**

**Museu Histórico
da Imigração
Japonesa no Brasil**



OS CAMINHOS



Olá, minhas caras e caros!
Na exposição **O caminho das coisas** vocês podem conhecer um lindo kimono do acervo do Museu da Imigração. Perceba como é decorado! No Japão, os kimonos geralmente possuem estampas de elementos presentes em nossa terra e cultura, e temos um para cada estação do ano! Nós os decoramos com flores de lótus, de cerejeira, dente-de-leão, lírios, crisântemos, bambus, cegonhas, garças, andorinhas, tigres, dragões, nuvens, montanhas sagradas, além de objetos como leques, vasos, entre outras coisas ...ufa!

Pense nos elementos de sua cultura e na paisagem do local que você vive. Que tal decorar o seu próprio kimono? Use a criatividade!



MÚLTIPLAS HISTÓRIAS

Estamos chegando no final da exposição. Aqui estão expostos alguns objetos os quais a equipe do Museu da Imigração ainda não conseguiu investigar a fundo sobre sua relação com o tema imigração. Você pode nos ajudar com esse desafio?

Você pode escolher um desses objetos e inventar uma história para ele. A quem pertenceu? Qual a importância para quem o usou? Use a imaginação para fazer o registro de sua história em forma de desenho, cartaz de propaganda, legenda de exposição, etc. Compartilhe com os amigos sua história!

QUE OBJETOS DE SEU USO COTIDIANO PODEM AJUDAR A CONTAR HISTÓRIAS SOBRE SUA VIDA?

Desenhe aqui esse objeto, conte sua história para os amigos e descubra quais coisas são importantes para eles também!

BINGO

**QUANTO DESTES
OBJETOS E
PAISAGENS VOCÊ
ENCONTROU NA
VISITA AO MUSEU
DA IMIGRAÇÃO?**

Marque aqueles que
você viu. Se completar
uma linha – horizontal
ou vertical – você é o
ganhador!



DIREITOS MIGRANTES

NENHUM A MENOS

“Nenhum ser humano é ilegal”
- em árabe -

لا يوجد إنسان غير قانوني

MUJERES
JUNTAS EN UNA
MISMA
VOTAZION!

Mokili
bobele
moko,
balolenge
ebele ya
libiki!

“Uma só humanidade,
muitas formas de viver”
- em lingal -

HERE I LIVE, HERE I VOTE!

DIREITOS MIGRANTES

NENHUM A MENOS

Olá, profess@r!

Este material tem como objetivo ser um diálogo sobre os conteúdos da exposição 'DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS', apresentando propostas de mediação e sugestões de atividades. Esperamos que ele atue como ferramenta de auxílio para o planejamento do antes, durante e depois da visita à exposição, com ou sem a presença de educadores do Museu da Imigração. Boa visita! ;)

Educador@s do Museu da Imigração

A exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS tem como ponto de partida o entendimento de que a migração é um direito humano e que a nacionalidade, ou a ausência de documentos, não pode servir de impedimento para o exercício de direitos fundamentais que garantam uma existência digna no país de destino.

Para isto, a exposição está dividida em 4 eixos inter-relacionados - FRONTEIRAS, PROTAGONISMO DAS MULHERES, MOBILIZAÇÃO POR DIREITOS E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA e CULTURA COMO RESISTÊNCIA - que buscam refletir sobre a situação de pessoas que migram ou solicitam refúgio no Brasil, fazendo uma síntese das fronteiras legais e simbólicas envolvidas neste processo, e a forma como os migrantes respondem a estes obstáculos e a violação de direitos através da mobilização política e cultural, e a conquista de espaço por parte das mulheres imigrantes.

FRONTEIRAS

Todas as pessoas estão sujeitas, em determinado momento da vida, a querer ou ter que migrar. Porém, são muitas as fronteiras encontradas: em um nível mais explícito, podemos mencionar as FRONTEIRAS LEGAIS, ocasionadas pela falta de documentação que, além de impedir o ingresso no país, fazem com que uma série de direitos básicos sejam violados; em um nível mais velado, e por isto mais complexo e difícil de ser detectado, existem as FRONTEIRAS SIMBÓLICAS, que envolvem questões de classe, raça, gênero, sexualidade, religião, nacionalidade, opção política, entre outros fatores que selecionam o ingresso e acesso a serviços de forma preconceituosa e discriminatória, além de gerarem outros tipos de violência, que serão melhores descritos a seguir.

FRONTEIRAS LEGAIS

“[...] toda criança de família migrante eu acho que desde cedo entende o que é papel, documento. Por mais que não saiba totalmente o que significa, mas entende que o papel, aquele documento te dá acesso a algumas coisas. E que pela falta dele você pode ser retirada de algumas”.

(Verônica Yjura, fevereiro de 2016. Entrevista de História Oral, Acervo Museu da Imigração)

Documento é um pedaço de papel. Mas, você já pensou na quantidade de direitos que não teria acesso caso não tivesse documentos, ou os perdesse por uma fatalidade? O que vale mais: um pedaço de papel ou o bem estar de uma pessoa?

Devido à grande dificuldade para adquirir o Registro Nacional do Estrangeiro (RNE), muitos imigrantes se veem sem alternativas, e acabam permanecendo de forma não documentada no Brasil, sendo privados de acessar serviços sociais como educação e saúde por exemplo.

O primeiro ambiente da exposição é uma sala pequena e escura. Ao sentar-se no banco, você se deparará com um espelho refletindo sua própria imagem. Como é sentir-se no lugar do outro? E se você estivesse em um país onde:

Você não fala a língua.

Você não tem família próxima ou conhecidos.

Você não tem onde morar.

Você não tem acesso a serviços públicos de saúde e educação.

Você não pode escolher seus representantes políticos...

Este exercício de empatia é importante quando se pretende falar sobre direitos humanos. E se fosse eu, ou minha família?

Perceba as manchetes de jornal impressas nas paredes da sala. Elas se referem a casos de violação de direitos que acontecerem com migrantes ingressos no Brasil. Algumas falam da situação de migrantes brasileiros em outros países. Como os brasileiros são tratados no exterior? Para entendermos melhor esta proporção, hoje existem aproximadamente 3 milhões de brasileiros residindo fora do país, enquanto abrigamos pouco mais que 1 milhão de migrantes. Como acolhemos estes migrantes e como somos acolhidos no exterior? Somos sempre bem-vindos?

O Brasil tem um histórico bastante heterogêneo em relação à migração, com momentos de maior ou menor abertura para migrantes internacionais, de acordo com os interesses políticos e econômicos do país. A Hospedaria de Imigrantes do Brás, onde está sediado o Museu da Imigração, pode ser citada como um dos grandes exemplos e um marco das políticas públicas de imigração no Estado de São Paulo, que privilegiou, num primeiro momento, os migrantes europeus, com argumentos eugênicos e raciais.

A exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS tem como recorte cronológico a mobilização migrante desde a promulgação do Estatuto do Estrangeiro – principal documento que legisla e regulamenta a entrada, a permanência e a saída de imigrantes no Brasil – considerando este período como marco para a imigração contemporânea no país.

O Estatuto do Estrangeiro foi promulgado em 19 de agosto de 1980, ainda sob a vigência da Ditadura Militar, estabelecendo uma política migratória baseada na proteção ao trabalhador nacional, ao interesse nacional e à segurança nacional. Dessa forma, configurou-se como um dos grandes responsáveis pela violação de direitos (inclusive de ingresso) no Brasil.

Faz-se necessária, então, a revisão da legislação dos estrangeiros no Brasil, desta vez sob a perspectiva dos direitos humanos e em consonância com a Constituição do Brasil de 1988, que assegura o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos.

As atividades *Tá na cara* e *Imaginando histórias*, descritas no anexo com PROPOSTAS DE ATIVIDADES, podem ajudar na discussão sobre migração, sobre os motivos que levam pessoas a migrar e as dificuldades que enfrentam quando estão na condição de migrante no Brasil.

FRONTEIRAS SIMBÓLICAS

“Acho que o preconceito é exatamente o que nos separa, [...] e quando você vai encurtar essa distância, entre a pessoa local, do país, e do imigrante, [...] então os preconceitos são quebrados. Você conhece o outro como ele é, as suas angústias, as motivações que ele tem, os seus projetos de vida. Então, eu acho que o recado básico é conhecer esse imigrante, porque ele está presente nesse lugar, ele não é o invasor, ele não saiu da sua terra porque ele quis”.
(Samuel Dany Santos Añez. Junho de 2015. Entrevista de História Oral, Acervo Museu da Imigração)

Quem cria a fronteira entre ‘nós-eles’? Embora no contexto atual brasileiro não existam políticas abertamente xenofóbicas, vivemos numa sociedade historicamente marcada por questões relacionadas ao preconceito. Mesmo a sociedade brasileira tendo sido formada pela chegada de diferentes correntes migratórias, isso não resultou em uma sociedade igualitária.

Como foi dito anteriormente, no Brasil temos momentos de maior e menor abertura para estrangeiros. Porém, é importante ressaltar que, mesmo de forma velada, em vários momentos existiram critérios de seleção por nacionalidades e etnias: aquelas que são aceitas pela sociedade são incentivadas a migrarem para o Brasil; e as que não são bem-vindas acabam sofrendo rejeição, e por consequência discriminação. Por exemplo, tirando o período do tráfico negreiro, o migrante vindo de países da África subsaariana jamais foi incentivado a vir ao Brasil. Já no caso dos japoneses, o primeiro navio de migrantes vindo deste país foi o Kasato Maru, que chega ao Brasil apenas em 1908, quase 50 anos após o início da chamada Grande Imigração. Os japoneses durante muito tempo carregaram o estigma de ‘perigo amarelo’, que traz argumentos de ordem racial para tentar impedir a continuidade de sua migração para o Brasil.

E hoje, quem são os e as migrantes que chegam ao Brasil? Porque a presença de determinados migrantes, especialmente haitianos, bolivianos e de diferentes países da África, é tão incômoda para parte da população? Você acha que a sociedade brasileira recebe de forma acolhedora estes migrantes, que são em grande parte negros e indígenas vindos de países latino-americanos?

Na segunda sala da exposição, você poderá assistir trechos de entrevistas de História Oral que falam sobre o preconceito e discriminação que os migrantes contemporâneos estão sujeitos no seu dia-a-dia na cidade de São Paulo.

Estas atitudes podem ser justificadas pela visão da questão migratória ainda ser muito pautada na figura dos movimentos migratórios do final do século XIX e início do XX: o migrante como alguém europeu e branco. Cabe destacar que o número de casos de atitudes discriminatórias e agressivas contra migrantes negros e indígenas no Brasil têm crescido, e são divulgadas de maneira crescente na mídia.

Dentro desta sala, temos ainda o trecho do relato de um migrante senegalês sobre uma abordagem policial ocorrida no centro de São Paulo. Os policiais que os abordaram não reconheceram seu Registro Nacional de Estrangeiro como um documento oficial. Ele afirma que sofreu discriminação tanto pelo fato de ser estrangeiro quanto pelo fato de ser negro. Você pode ter acesso ao relato integralmente através do QR Code na exposição. No período após o processo da proibição da escravidão, não houve por parte do Estado uma política afirmativa para a inserção da população negra na sociedade brasileira. Pelo contrário: esta população foi marginalizada e teve suas identidades culturais e étnicas suprimidas.

Você já parou para pensar em quantos negros são professores em sua escola? E quantos assumem algum cargo de gestão? E na equipe de limpeza? Qual é a proporção de alunos negros?

POR UM MUNDO
SEM FRONTEIRAS!

PROTAGONISMO DAS MULHERES

"[...] eu já ouvi 'ah, com as brasileiras é o mesmo'. Mas é, tipo assim, tem violência domésticas das brasileiras, tem violência no parto, tem violência no atendimento público, tem. Mas quando é mulher imigrante além disso tem xenofobia, tem maus-tratos, tem racismo por ser imigrante".

(Andrea Carabantes Soto, julho de 2014. Entrevista de História Oral, Acervo Museu da Imigração)

QUANDO PENSAMOS EM MIGRANTES, QUE CORPOS NOS VÊM À MENTE?

As pesquisas acadêmicas apontam a necessidade de analisar as experiências migratórias levando em consideração as relações de gênero. Esta categoria de análise não requer um olhar apenas para as mulheres, mas principalmente para como as construções históricas de feminilidade e masculinidade influenciam as relações de poder.

👉 Em 2016, no Museu da Imigração, foi realizada a exposição *"Do retalho à trama: costurando memórias migrantes"*, com arpilleras produzidas por mulheres migrantes africanas e latinas residentes em São Paulo. Faça o download gratuito do material educativo no site do Museu da Imigração, ou a partir do link: <<http://museudaimigracao.org.br/wp-content/uploads/2016/02/Baixar-material-exposicao-do-retalho-a-trama.pdf>>

Como demonstra a luta por direitos como, por exemplo, o direito de participação política e regulamentação do trabalho, é verdade que tanto homens quanto mulheres migrantes têm suas necessidades e garantias prejudicadas. Porém, é importante observar que, dentro desta minoria política, outras 'minorias' operam e se combinam para criar circunstâncias de opressão ainda mais específicas. Categorias como raça e classe também complexificam a equação. As atividades *Entre privilégios e Histórias cruzadas*, disponíveis nas PROPOSTAS DE ATIVIDADES, podem ajudar a disparar discussões sobre esses temas.

👉 Em uma postagem no blog do Centro de Preservação, Pesquisa e Referência do Museu da Imigração, referente ao Dia Mundial do Refugiado, conheça um pouco mais sobre o tema do refúgio por pessoas perseguidas em razão de sua orientação sexual: <http://museudaimigracao.org.br/sobre-o-dia-mundial-do-refugiado-e-o-refugio-em-razao-de-perseguido-por-orientacao-sexual/>

Estas e outras questões já estão sendo debatidas em organizações políticas criadas por migrantes no Brasil. Em São Paulo, por exemplo, a Frente das Mulheres Imigrantes – cuja faixa se encontra na exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS – reúne participantes de algumas destas organizações com o objetivo de lutar pela visibilidade e pelo protagonismo feminino nos movimentos por direitos. Para enriquecer este debate, sugerimos realizar as atividades *Onde estão elas?* e *Nuvens de palavras*, descritas nas PROPOSTAS DE ATIVIDADES.

👉 Abordar questões de gênero na escola é uma importante oportunidade de discutir identidades e estimular o respeito entre alunas e alunos desde a infância. Atitudes como não separar atividades entre meninos e meninas, propor dinâmicas sobre o tema e não deixar de debater situações cotidianas de violência, podem ajudar a compor um ambiente mais acolhedor e igualitário.



Reunião da Frente das Mulheres Imigrantes, realizada no Museu da Imigração. 12 mar 2016. Foto: Conrado Secassi.



Confecção de faixa da Frente das Mulheres Imigrantes para a Marcha do Imigrante, no jardim do Museu da Imigração. 15 nov 2015 Foto: Conrado Secassi.

MOBILIZAÇÃO POR DIREITOS E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

"[...] nós estamos lutando aqui em São Paulo, os imigrantes, por uma comunidade mais próspera, uma comunidade mais justa, com pleno exercício da cidadania, com todos os direitos, não queremos mais nem menos, queremos ter igualdade de condições como todo e qualquer brasileiro que mora e nasceu aqui. Igualdade na questão do voto, igualdade para sobreviver, para fazer nossas empresas, gerar nossos empregos, ou procurar um emprego, queremos simplesmente igualdade".

(Luis Vasquez, novembro de 2014. Entrevista de História Oral, Acervo Museu da Imigração)

Ao que remete o termo participação política?... Engajamento? Jogo de cintura? Conhecimento? Abaixo-assinado? Voto? Política? Cidadania? Democracia?

A participação política em uma sociedade está diretamente ligada ao modelo político de seu país. No caso do Brasil - uma democracia representativa - os indivíduos com direito ao voto escolhem seus representantes políticos (vereadores; deputados, senadores, prefeitos etc.) que atuarão por um período determinado pela Constituição Federal brasileira. Entretanto, a participação política não se limita ao voto. Os cidadãos também atuam politicamente ao fiscalizar seus representantes, evidenciar suas reivindicações e opiniões via abaixo-assinado ou promovendo protestos, por exemplo.

Há vários níveis de participação política. Você pode agir de modo individual, participando ativamente ou não de diversas atividades políticas. Como também pode agir de maneiras mais abertas e plurais como, por exemplo, integrando grupos que discutem questões públicas e/ou frequentando protestos.

E você, como tem participado politicamente no contexto de sua cidade, bairro ou escola? Ao final da exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS temos uma parede colaborativa, em que você pode deixar uma mensagem ou manifestar-se sobre os direitos da população migrante, ou o que queira. Aproveite para fazer uma foto e compartilhar nas redes sociais usando as hashtags *#direitosmigrantes* ou *#museudaimigracao*.

A participação política pode variar entre os cidadãos e os diferentes grupos sociais aos quais eles pertencem devido a desigualdade social (oportunidades, formação, informação) e situação política do país, dentre outras questões. No caso dos migrantes, sua participação é limitada por não possuírem direito ao voto, e sua manifestação ser proibida devido a contradições entre a Constituição Federal e o Estatuto do Estrangeiro, já citadas anteriormente.

Frente a esta situação, os migrantes promovem, desde de 2006, a Marcha dos Imigrantes. No ano de 2015, em sua 9ª edição, as reivindicações foram: fronteiras livres, mote da marcha; cidadania universal, direitos humanos, mercado de trabalho, integridade física, igualdade entre estrangeiros e brasileiros. Na exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS estão expostas fotos da Marcha dos Imigrantes, e ainda a faixa da Frente de Mulheres Imigrantes. No ambiente, você pode ouvir sons gravados nestas manifestações.

NENHUM SER HUMANO É ILEGAL



9ª Marcha dos Imigrantes: "Fronteiras livres! Não à discriminação"
São Paulo, novembro de 2015. Leonardo Fernandes



9ª Marcha dos Imigrantes: "Fronteiras livres! Não à discriminação"
São Paulo, novembro de 2015. Leonardo Fernandes

CULTURA COMO RESISTÊNCIA

“Quando vem aquele pessoal do Nordeste, que toca música do Nordeste, e o pessoal toca nas praças, né? [...] Que, às vezes, para o cidadão comum isso não faz sentido, para outra pessoa não fez sentido, é mais bagunça na rua, enfim... Mas para o migrante, que é nortista, norte, essa conexão, esses cinco minutos de ouvir a música dela, que é da terra dela faz todo o sentido. Às vezes ela está na rotina dela, mas se ela puder parar para isso, de repente é a coisa mais gratificante do dia”.

(Víctor Gonzales, setembro de 2014. Entrevista de História Oral, Acervo Museu da Imigração)

Por qual razão nos choca o fato de que o Estado Islâmico, ao ocupar o território sírio, tenha depredado e dinamitado edifícios e obras de arte constituídas muitos séculos atrás? Ou que consideramos, por assim dizer, um *tiro no pé*, qualquer governo que dê fim a uma secretaria ou ministério que se dedique à cultura? Ao considerarmos a cultura como esse algo formador e conformador do tecido social, visto que está ligada ao todo que produzimos, transmitimos e legamos, ao comungar os indivíduos de um grupo, podemos pensar que, quando ela é diminuída em sua importância, ao mesmo tempo estaríamos nos destruindo: não uma morte individual, do corpo; mas uma morte social, visto que o fio condutor que uniria o passado, o presente e o futuro de uma comunidade estaria despedaçado.

De igual maneira, e pelas mesmas razões, ela pode ser a única forma de resistência da vida social de um grupo ou comunidade que se veja obrigado a sobreviver dentro ou próximo a um grupo socialmente hegemônico. Entretanto, longe da total renúncia, viver em um lugar novo também é aprender palavras novas e falar menos o idioma materno, descobrir novos sabores e abandonar comidas, escutar outras músicas e ouvir outras vozes. Mas também é se redescobrir dentro da nova cultura e se utilizar de ferramentas para relembrar o que considera importante, de articular outras pessoas que são partes do mesmo grupo e manter viva uma manifestação no lugar de chegada. Às vezes, resistir pode ser entendido também como uma forma de se integrar.

O primeiro ponto que devemos pensar sobre cultura é que ela não está paralisada e afastada do cotidiano das pessoas, mas que se encontra em constante mudança e transformação, em conjunto com outras práticas culturais que a modificam de diferentes maneiras. Ela se modifica juntando as referências trazidas da terra natal e se reinventando no novo contexto, ocupando espaços da cidade que são marginalizados como praças, viadutos, ou embaixo das pontes e transformando em feiras bolivianas, apresentações teatrais ou mesmo academias de boxe. Em suma, transformando espaços da cidade em espaços de *múltiplas cidades*.

A cultura e/ou os bens patrimoniais não são determinados somente por uma vontade institucional, mas podem ser determinadas e valoradas pelas pessoas a partir daquilo que é importante para sua comunidade. Desta forma, podemos nos apropriar do neologismo ‘fratrimônio’ (apelando para o fraterno – irmão – ao invés do paterno – pai), que pode ser compreendido como uma prática ou manifestação cultural compartilhada de maneira horizontal e colaborativa, ou seja, que não dependa das diretrizes de uma instância maior.

Como as referências culturais podem ser entendidas de maneiras diversas por grupos diversos, é sempre interessante quando ela é construída, entendida e discutida com o maior número de pessoas possível, tornando-se cada vez mais plural no contato com outros olhares.



Dia de las Madres bolivianas. Praça Kantuta. São Paulo, maio 2012. Foto: Cristian Cancino



Estreia do Microcine Migrante. Apresentação do grupo togolês de dança “Group Atopani”. São Paulo, julho de 2015. Foto: Alonzo Chaska

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Este material tem como objetivo ser um diálogo sobre os conteúdos da exposição

'DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS', apresentando propostas de mediação e sugestões de atividades.

Esperamos que ele atue como ferramenta de auxílio para o planejamento do antes, durante e depois da visita à exposição, com ou sem a presença de educadores do Museu da Imigração. Boa visita! ;)


"TÁ NA CARA"

#fronteira #deslocamento #refúgio #direitodemigrar #política

Essa atividade tem o objetivo de discutir sobre os motivos que fazem com que as pessoas busquem refúgio ou migrem de um lugar para outro.

Sair do seu país nem sempre é uma opção do indivíduo, mas pode ser uma imposição por condições extremas: guerras, perseguição política, miséria, são algumas delas. Você pode conversar com os estudantes e apresentar notícias que falem sobre os motivos que fazem com que as pessoas migrem, ou ainda apresentar a 'Cartilha para refugiados no Brasil', desenvolvida pela ANCUR - Agência da ONU para Refugiados, que está disponível em: <http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Images/portugues/publicacoes/Cartilha_para_refugiados_no_Brasil>.

Após esta conversa inicial, você pode organizar os alunos em roda e colar um papel adesivo na testa de cada estudante, que contenha um motivo para migrar. Por meio de perguntas diretas (exemplo: "tenho a ver com guerra?"), um de cada vez deverá adivinhar qual a sua palavra. Os colegas responderão "sim" ou "não", a cada pergunta feita, até todos descobrirem os motivos colados em suas testas.

 **POSSÍVEIS PALAVRAS:** Motivos políticos | Perseguição | Preconceito | Miséria | Economia | Intolerância Religiosa | Guerra | Racismo | Emprego | Casamento | Desastre Ambiental | Homofobia | Violência de gênero

"IMAGINANDO HISTÓRIAS"

#preconceito #xenofobia #estereótipos

Essa atividade tem o objetivo de formular novas hipóteses sobre as possíveis histórias de migrantes e questionar os estereótipos que construímos a partir da ideia de uma história única.

Você pode procurar relatos de migrantes contando sua história, e selecionar alguns perfis como, por exemplo, 'mulher boliviana' ou 'homem haitiano'. Os alunos poderão ser divididos em grupos, para cada grupo será sorteado um perfil. A partir dele, os alunos serão convidados a criar uma história para essa pessoa, como por exemplo: *Qual o seu nome? Quantos anos tem? Por que veio ao Brasil? Como foi essa experiência de migrar?* Após a apresentação das histórias, os participantes serão convidados a ver o relato condizente com o perfil escolhido. A partir dele, os alunos poderão discutir o quanto da história criada condiz com o depoimento e o que aprendeu de novo sobre sua vida e cultura.

 **SITES RECOMENDADOS PARA BUSCAR DEPOIMENTOS:**
<<http://rostos.org/pt/>>, <<http://gkfische.tumblr.com/archive>> e <<http://www.museudapessoa.net/pt/home>>.

"ENTRE PRIVILÉGIOS"

#privilegio #empatia #meritocracia #interseccionalidade

O objetivo dessa atividade é discutir privilégios com o grupo, partindo de experiências de vida dos participantes.

Os participantes se posicionam de mãos dadas, lado a lado. No chão, há linhas paralelas (que podem ser criadas com giz, lã ou fita adesiva) à frente e atrás da fileira de pessoas. Alguém fica de fora da ação, para mediar a atividade através da leitura em voz alta das instruções apresentadas abaixo.

A cada orientação lida, os participantes se movimentarão para frente ou para trás, de acordo com sua identificação com instruções. Em certo momento, alguns precisarão soltar as mãos.


Após a atividade, você pode discutir com o grupo o que são os privilégios.

Como eles foram adquiridos?

É possível marcar momentos históricos para eles?

Como o grupo se sentiu ao observar as diferenças de privilégios entre os participantes?

O que significa empatia? O que é meritocracia?

 **NOTE:** alguns participantes podem preferir não ser honestos sobre suas experiências de vida. Neste caso, mesmo a omissão ou o silêncio podem ser motivos de reflexão coletiva.

AS INSTRUÇÕES SÃO:

1. Se os seus pais trabalharam noites e finais de semana para sustentar a sua família, dê um passo para trás.
2. Se você consegue andar pelas ruas sem sentir medo de assédio sexual, dê um passo para frente.
3. Se você consegue demonstrar afeto pelo seu companheiro romântico em público sem sentir medo de ridicularização ou violência, dê um passo para frente.
4. Se você já foi diagnosticado com alguma doença ou deficiência mental/física, dê um passo para trás.
5. Se a língua primária falada na sua casa quando você cresceu não era o português, dê um passo para trás.
6. Se você veio de um ambiente familiar que te apoiava, dê um passo para frente.
7. Se você alguma vez já teve que mudar seu sotaque ou trejeitos para ganhar credibilidade, dê um passo para trás.
8. Se você pode ir a qualquer lugar do país e facilmente encontrar produtos para o seu tipo de cabelo ou cosméticos que sejam da cor da sua pele, dê um passo para frente.
9. Se você já teve vergonha das suas roupas ou da sua casa quando crescia, dê um passo para trás.
10. Se você pode cometer erros e ninguém atribuir seu comportamento ao seu gênero ou raça, dê um passo para frente.

11. Se você pode legalmente casar com a pessoa que ama, independente de onde você mora, dê um passo para frente.
12. Se você nasceu nos Estados Unidos, dê um passo para frente.
13. Se você ou seus pais já se divorciaram, dê um passo para trás.
14. Se você já sentiu como se tivesse acesso adequado à comida saudável enquanto crescia, dê um passo para frente.
15. Se você estava razoavelmente certo de que seria contratado num trabalho graças às suas habilidades e qualificações, dê um passo para frente.
16. Se você nunca pensaria duas vezes antes de chamar a polícia quando algum problema acontecer, dê um passo para frente.
17. Se você pode ver um médico sempre que tem necessidade, dê um passo para frente.
18. Se você se sente confortável sendo emocionalmente aberto e expansivo, dê um passo para frente.
19. Se você alguma vez já foi a única pessoa do seu gênero/raça/status social/orientação sexual em uma classe ou num local de trabalho, dê um passo para trás.
20. Se você precisou de bolsa para custear seus estudos, dê um passo para trás.
21. Se você tem folga nos feriados da sua religião, dê um passo para frente.
22. Se você teve que trabalhar durante os anos de estudo, dê um passo para trás.
23. Se você se sente confortável de andar pra casa sozinho, dê um passo para frente.
24. Se você alguma vez já viajou pra fora do país, dê um passo para frente.
25. Se você já sentiu como se não existisse uma representação real do seu grupo racial, da sua orientação sexual, gênero ou deficiência na mídia, dê um passo para trás.
26. Se você sentiu confiança de que seus pais poderiam te dar apoio financeiro se você passasse por alguma dificuldade, dê um passo para frente.
27. Se você já sofreu bullying ou foi feito de piada baseado em algo que você não podia mudar, dê um passo para trás.
28. Se tinham mais de 50 livros na casa que você cresceu, dê um passo para frente.
29. Se você estudou a cultura ou história dos seus ancestrais na escola fundamental, dê um passo para frente.
30. Se os seus pais ou responsáveis frequentaram a faculdade, dê um passo para frente.
31. Se você já fez uma viagem em família, dê um passo para frente.
32. Se você pode comprar roupas novas ou sair para jantar quando quiser, dê um passo para frente.
33. Se você já conseguiu um emprego por ser amigo ou familiar de alguém, dê um passo para frente.

34. Se algum dos seus pais já esteve desempregado, não por opção, dê um passo para trás.
35. Se você já esteve desconfortável com uma piada ou uma norma relacionada à sua raça, gênero, aparência ou orientação sexual, mas se sentiu inseguro de confrontar a situação, dê um passo para trás.

“HISTÓRIAS CRUZADAS”

=#interseccionalidade #gênero #raça

Abaixo estão algumas situações emblemáticas para discutirmos migrações e interseccionalidade. A partir delas, e de outras que possam surgir em debates, o grupo pode:

- > criar histórias em quadrinhos
- > encenar as situações com ou sem improviso ou mesmo trocando de papéis
- > escrever roteiros, gravá-los e editá-los

1. Quando um homem migrante vai às ruas, seja para se manifestar ou simplesmente circular, ele pode sentir medo de sofrer xenofobia ou, se não tiver seus documentos regularizados, ser repreendido pela polícia. E no caso de uma mulher? Que outros temores as mulheres, migrantes ou não, sentem ao sair às ruas? E se essa mulher for negra ou indígena?

2. Um homem migrante que está numa situação irregular de trabalho pode se sentir exausto. Quando se junta a uma esposa que também trabalha, este homem dividirá com ela as funções domésticas ou o cuidado com os filhos?

3. Uma mulher grávida está vulnerável a sofrer violência obstétrica se não conhecer bem os seus direitos. Como seria esta mesma situação quando esta mulher é migrante? Se ela não souber se comunicar na língua local, por exemplo, como conseguirá garantir que tenha escolhas sobre o seu corpo e o de seu bebê?

4. Homens e mulheres migrantes sofrem com os estereótipos e fetiches que lhes são atribuídos. Se estes indivíduos não apresentarem uma sexualidade normativa, de quais outros preconceitos sofrerão?

“ONDE ESTÃO ELAS?”

#gênero #família #mulher

Analise o livro de matrícula presente no módulo ‘Cotidiano’ da exposição de longa duração ‘Migrar: experiências, memórias e identidades’. Perceba que há uma ordem na inscrição das pessoas. Qual é o padrão que aparece em relação a gênero e idade? Quando só há mulher e filhos, quem é ‘chefe da família’?

No Acervo Digital do site do Museu da Imigração, sugerimos que escolha uma foto pesquisando, por exemplo, o termo ‘família’ na busca e analise os contextos retratados. Junto do grupo, descreva a situação em que estão as mulheres:

o que estão fazendo, onde estão, se estão junto à família, se estão mais próxima aos filhos do que o ‘chefe da família’. Ou mesmo se não estiverem em algumas imagens, qual seria a razão dessa ausência?

Pensando nisso, reflita sobre o lugar de trabalho da mulher na fazenda, na lavoura e na casa. Discuta sobre a valorização do seu lugar social comparado ao dos homens, se possível fazendo uma comparação com os dias de hoje.



TRECHO DO ESTATUTO DO ESTRANGEIRO DE 1980

Art. 107. O estrangeiro admitido no território nacional não pode exercer atividade de natureza política, nem se imiscuir, direta ou indiretamente, nos negócios públicos do Brasil, sendo-lhe especialmente vedado:
(Renumerado pela Lei nº 6.964, de 09/12/81)

I - organizar, criar ou manter sociedade ou quaisquer entidades de caráter político, ainda que tenham por fim apenas a propaganda ou a difusão, exclusivamente entre compatriotas, de ideias, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem;

II - exercer ação individual, junto a compatriotas ou não, no sentido de obter, mediante coação ou constrangimento de qualquer natureza, adesão a ideias, programas ou normas de ação de partidos ou facções políticas de qualquer país;

III - organizar desfiles, passeatas, comícios e reuniões de qualquer natureza, ou deles participar, com os fins a que se referem os itens I e II deste artigo.

“NUVENS DE PALAVRAS”

#empoderamento #internet #violênciadegênero

Proponha uma pesquisa através de hashtags criadas nas redes sociais para relatar situações de violências de gênero, como #meuamigosecreto e #primeiroassédio, ou mesmo para discutir o empoderamento feminino, como #mexeucumamexeucumtodas e #vamosjuntas. O grupo pode ler os relatos e marcar quais palavras-chave mais aparecem para cada hashtag, criando uma nuvem de palavras que pode ficar exposta em sala de aula ou pode ser comparada com a de outras turmas.

“DEMOCRACIA NA ESCOLA”

#participação #escola #direitos

Com relação à participação política multidimensional, com o objetivo de que os estudantes, entendam o que seria participar politicamente e propor ações na escola, esta atividade visa que eles reflitam sobre seus direitos e deveres propondo reformas na escola, onde o professor escolheria uma semana para ser “A semana participativa”.

Você pode discutir em sala de aula sobre o que é democracia e participação política, levando exemplos de escolas democráticas. Dividindo os alunos em grupos, você pode realizar assembleias para propor mudanças, como nos temas estudados, no lanche da cantina ou na merenda, na decoração da escola, na organização da limpeza, dos horários de aula etc.

“ÁGORA AGORA!”

#ocupação #espaçopúblico #cidadania

Você pode propor ao grupo um mapeamento das praças mais próximas à escola e, a partir daí, escolher uma para ocupá-la, num tipo de aula ao ar livre. A atividade ÁGORA AGORA! Tem lugar neste cenário: ao conjugar as ideias de forma artística, de um lado; e conteúdo ou tema, de outro, o professor poderá utilizar um material didático disponibilizado no site do Museu da Imigração: <<http://museudaimigracao.org.br/educativo/materiais-de-apoio/>>.

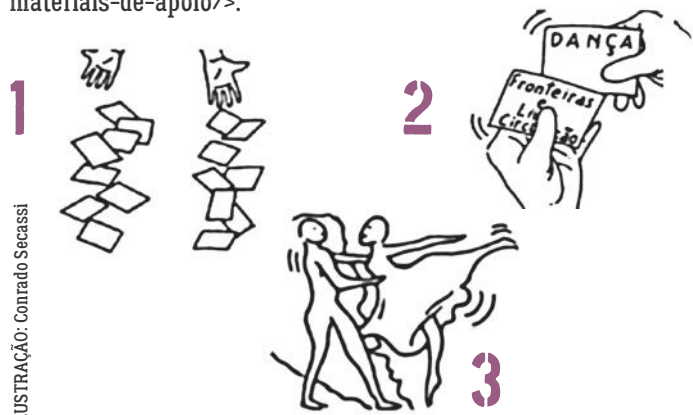


ILUSTRAÇÃO: Contrado Secassi

Neste material, encontram-se duas séries distintas de cartas, a primeira delas como uma expressão artística, e a segunda, como tema que poderá ser trabalhado, num diálogo com as experiências culturais e políticas das coletividades migrantes.



Fórum Social Mundial das Migrações
“Construindo Alternativas frente a DeSordem e a Crise Global do Capital”
São Paulo, julho 2016. FOTO: Tatiana Waldman

“POESIA NO CONCRETO”

#poesiaconcreta #migraçõanamídia #artederua
#migraçãocontemporânea #lambelambe

Os artistas de rua que utilizam a técnica do lambe-lambe muitas vezes se remetem às experimentações do movimento chamado Poesia Concreta, que investigou relações inusitadas entre as palavras através de sua visualidade e sonoridade. Para a discussão que precede esta atividade, pode ser interessante trazer exemplos de poemas concretos e de lambe-lambes.

Pode ser sugerido ao grupo que traga notícias, manchetes de jornal e comentários de portais, que falem sobre migração na atualidade. Se forem textos que incluam uma visão pejorativa de migrantes, a atividade pode ficar ainda mais interessante. Peça que recortem os trechos que mais chamem a atenção do grupo e coleem cada um num papel sulfite.

Usando canetas de diversas cores e grossuras, sugira aos participantes que manipulem estes escritos, seja escondendo trechos ou acrescentando palavras e desenhos, de forma a compor novos textos, poesias ou imagens. A atividade fica ainda mais instigante se você encontrar um lugar, na própria escola ou na rua, onde o grupo possa colar suas produções em forma de lambe-lambe.

Até o final da exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS, o Educativo estará realizando esta atividade no Museu da Imigração aos finais de semana.

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO NO SITE DO MUSEU E PARTICIPE!

OS FILHOS DA ÉPOCA

Wisława Szymborska

Somos os filhos da época,
e a época é política.

Todas as coisas - minhas, tuas, nossas,
coisas de cada dia, de cada noite
são coisas políticas.

Queiras ou não queiras,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um brilho político.

O que dizes tem ressonância,
o que calas tem peso
de uma forma ou outra - político.

Mesmo caminhando contra o vento
dos passos políticos
sobre solo político.

Poemas apolíticos também são políticos,
e lá em cima a lua já não dá luar.
Ser ou não sereis a questão.

Oh, querida que questão malparida.
A questão política.
Não precisas nem ser gente
para teres importância política.

Basta ser petróleo, ração,
qualquer derivado, ou até
uma mesa de conferência cuja forma
vem sendo discutida meses a fio.

Enquanto isso, os homens se matam,
os animais são massacrados,
as casas queimadas,
os campos se tornam agrestes
como nas épocas passadas
e menos políticas.

GLOSSÁRIO

DISCRIMINAÇÃO: Comportamento objetivo contra um grupo alvo ou contra as pessoas percebidas como pertencentes a esse grupo. Pode ser também a intenção de se comportar e o apoio a ações contra o grupo alvo ou os membros deste grupo. A discriminação é referida na literatura especializada como um dos comportamentos que é consequência do preconceito (PEREIRA; VALA, 2010, p. 10).

ETNIA: Conjunto de indivíduos que, histórica e mitologicamente, tem um ancestral em comum; tem uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente no mesmo território (MUNANGA, 2003, s/p).

EUGENIA: Ciência criada por Francis Galton que defende que através do estudo dos agentes sob o controle social é possível melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente (GALTON, 1869).

GRANDE IMIGRAÇÃO: Período entre o final do século XIX e meados do XX (aproximadamente 1870 até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914), no qual entraram mais de 3 milhões de imigrantes no Brasil. As nacionalidades variavam de acordo com os anos, as que apresentaram maior número nesse período foram, respectivamente: italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, sírios e turcos. (VAINFAS, 2000, p. 226).

INTERSECCIONALIDADE: Tipo de análise que privilegia a interação entre formas de subordinação, como opressões de gênero, sexualidade, raça e classe. A interseccionalidade leva em consideração essas experiências, e suas combinações, para que se possam compreender melhor as relações de poder das quais estes sujeitos participam.

MIGRAÇÃO: Processo de atravessar uma fronteira internacional ou um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocamento de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos. (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2010).

PRECONCEITO: Avaliação negativa sobre a natureza de uma pessoa pelo simples fato de esta ser percebida como membro de um grupo. A avaliação negativa sobre a natureza do grupo como um todo. (PEREIRA; VALA, 2010, p. 9-10)

RAÇA: O termo raça possui diversos significados. Inicialmente é utilizado pela Zoologia e a Botânica, e em 1684 é apropriada por François Bernier em seu sentido biológico para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, no século XVIII a cor da pele é considerada como um critério fundamental entre as chamadas raças. O conceito de raça também é usado nas ciências sociais, denominando uma realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e exclusão (MUNANGA, 2003, s/ p).

RACISMO: Representação sobre a natureza da humanidade baseada na crença de que esta é formada por grupos raciais (racismo biológico) ou étnicos (racismo cultural), os quais são inferidos a partir da percepção de que existem diferenças supostamente naturais, fixas, imutáveis e transmissíveis hereditariamente ou culturalmente que fazem com que uns grupos sejam percebidos como piores do que outros e que nem todos têm o que se acredita ser a essência cultural que define a natureza humana (PEREIRA, VALA, 2010, p. 10).

REFÚGIO: É um instituto jurídico (conjunto de regras) de acolhimento e proteção daquele que sofre uma perseguição e que, portanto, não pode continuar vivendo no seu local de nacionalidade ou residência. No Brasil é reconhecida como refugiada toda pessoa forçada a deixar o seu país de origem ou, não tendo nacionalidade, o país de residência habitual, devido a fundado temor de perseguição por motivos de: (I) Raça; (II) Religião; (III) Nacionalidade; (IV) Grupo social; (V) Opiniões políticas; (VI) Em razão de grave e generalizada violação de direitos humanos. (cf. Lei n.º 9474/1997) – Glossário da Política de acervo do Museu da Imigração, 2016.

XENOFOBIA: É o medo, aversão ou a profunda antipatia em relação aos estrangeiros. A desconfiança em relação a pessoas estranhas ao meio daquele que as julga ou que vêm de fora do seu país com uma cultura, hábito e religião diferente (BOLAFFI, Guido, 2003, p. 331).

REFERÊNCIAS

BOLAFI, Guido. Dictionary of Race, Ethnicity and Culture. SAGE Publications Ltd., 2003.

GALTON, Francis. Hereditary Talent and Genius. 1869. Acesso em 17 ago 2016. Disponível em: <<http://www.mugu.com/galton/books/hereditary-genius/text/pdf/galton-1869-genius-v3.pdf>>.

GROSSELLI, Grasiela; MEZZAROLA, Orides.

A participação política e suas implicações para a construção de uma cidadania plena e de uma cultura política democrática in: Anais do XX Encontro Nacional do CONPEDI. Belo Horizonte, 22 - 25 d junho de 2011. p. 7128 - 7143. Acesso em: 19 ago 2016. Disponível em: <http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/grosselli_7.pdf>

MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia.

Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação. Acesso em 11 set 2016. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>>.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES. Direito Internacional da Migração: Glossário sobre Migrações. Genebra: Organização Internacional para as Migrações, 2010. Acesso em: 18 ago 2016. Disponível em: <<http://publications.iom.int/bookstore/free/IML22.pdf>>.

PEREIRA, Cícero Roberto; VALA, Jorge. Preconceito e Discriminação Não Justificada. Acesso em 11 set 2016. Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/CiceroPereira_JorgeVala_2010_n1.pdf>

SZYNBORSKA, Wislawa. Poemas. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VAINFAS, Ronaldo (Org.) Brasil: 500 anos de povoamento. IBGE. Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento, p. 226.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado
GERALDO ALCKMIN

Secretário de Estado da Cultura (Adjunto)
JOSÉ ROBERTO SADEK

Coordenadora da Unidade de Preservação
do Patrimônio Museológico
Renata Vieira da Motta

INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO

Presidente do Conselho
de Administração
Roberto Penteado de Camargo Ticoulat

Comitê Executivo
Guilherme Braga Abreu Pires Filho
Eduardo Carvalhaes Jr.

Diretora Executiva
Marília Bonas

Diretor Administrativo
Thiago Santos

Gerente de Controladoria Geral
Alessandra Almeida

Gerente de Comunicação Institucional
Caroline Nóbrega

Coordenadora Técnica do
Museu da Imigração
Mariana Esteves Martins

Coordenadora Administrativa
Claudia Marinelli

MUSEU DA IMIGRAÇÃO ADMINISTRATIVO

Administração
Bruna Zachy Rogado
Jamile Arakaki
Lucinea Gomes do Nascimento
Melise Pereira Lopes da Silva
Natalia Alves de Oliveira
Priscila da Silva Vitor Dias
Valdiane Pereira de Melo

Infraestrutura
César Pimenta
Trajano Rodrigues
Adriano Aparecido de Jesus do Carmo
Bruno dos Santos Callender
Grimaldo Madeira da Silva
Glecia dos Santos Ferreira
Ilka Simone Vieira da Conceição
Janifer Martinelli da Silva
José de Arruda Paiva
Maria Aparecida dos Santos
Maria Conceição da Silva
Maria José Ferreira de Souza
Railde Maria Lima
Rogério Wagner da Silva

Recepção e bilheteria
Andrea Sá de Abreu Neves
Anna Gabriela da Conceição Teixeira
Débora Catesquini Lemes
Drielly Gloria
Jenifer Bene Lu
Joselma Guilherme Silva
Mariane Nunes
Simone Monteiro de Brito
Taciana Maria dos Santos

Recursos humanos
Maria Christina Chiara Gomes Vieira
Marisa dos Santos

Tecnologia da informação
Rafael da Silva e Souza

COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
Gabriel Romio
Nayara Santana da Silva
Thâmara Malfatti

TÉCNICA
Comunicação Museológica
Juliana Silveira
Vivian Bortolotti

Educativo
Paola Maués
Aline Oliveira
Ana Menezes
Bruna Marques
Carolina Rodrigues Santos Sousa
Conrado Secassi
Felipe Pontoni
Guilherme Ramalho
Isabela Maia
José Pedro Viviani
Juliana Barros
Luiz Gregório G. de Camargo
Raquel Freitas

Pesquisa
Tatiana Chang Waldman
Angélica Beghini
Henrique Trindade Abreu

Preservação
Alessandra Sampaio Pedrosa
Ana Beatriz Giacomini
Leticia Sá
Luciane Santesso
Livia Alli

Exposição DIREITOS MIGRANTES: NENHUM A MENOS

Curadoria
Tatiana Chang Waldman

Pesquisa
Aline Oliveira
Ana Menezes
Angélica Beghini
Bruna Marques
Carolina Rodrigues Santos Sousa
Conrado Secassi
Guilherme Ramalho
Henrique Trindade Abreu
Isabela Maia
José Pedro Viviani
Juliana Barros
Luiz Gregório G. de Camargo
Mariana Esteves Martins
Paola Maués
Raquel Freitas

Revisão de texto
Angélica Beghini

Conservação de acervo
Ana Beatriz Giacomini
Livia Alli

Expografia e produção
Juliana Silveira
Vivian Bortolotti

Comunicação visual
Partícula Planejamento Visual Gráfico

Material educativo
Paola Maués
Aline Oliveira
Ana Menezes
Bruna Marques
Carolina Rodrigues Santos Sousa
Conrado Secassi
Guilherme Ramalho
Isabela Maia
José Pedro Viviani
Juliana Barros
Luiz Gregório G. de Camargo
Raquel Freitas

Fotografias
Alonzo Chaska
Conrado Secassi
Cristian Cancino
Eduardo Schwartzberg
Elaine Campos
Leonardo Fernandes
PC Pereira
Tatiana Chang Waldman
Viviana Peña

Agradecimentos
Adama Konate, Agostinho Francisco
Martinho, Alonzo Chaska, Andrea
Carabantes, Arthur Alves, Camila Baraldi,
Carla Quispe Lipa, Cheung Ka Wai, Clara
Politi, Cristian Cancino, Cristina de
Branco, Eduardo Schwartzberg, Elaine
Campos, Gregory Fisher, Hugo Ferreira
Zambukaki, Isabel Camacho Torres, Ives
Berger Viguera, Jobana Moya, Kassoum
Dieme, Katiúscia Moreno, Leonardo
Fernandes, Luis Vasquez Mamani, Massar
Sarr, Miguel Soares, Monica Rodriguez Ulo,
Nádia Vaz Ferreira, Paulo Illes, PC Pereira,
Oriana Jara, Patricia Torrez, Rosana
Camacho, Rudecindo Marupa, Samuel
Dany, Sonia Sarmiento, Thais Kluge,
Veronica Quispe Yujra, Víctor Gonzales
Linares, Visto Permanente, Viviana Peña,
Wendy Villalobos, Werner Regenthal

Equipes Administrativa, Comunicação
Institucional, Infraestrutura e Técnica
do Museu da Imigração

Voluntários do Museu da Imigração:
Caetana Dultra Britto, Camila Zanon
Paglione, Carolina Nóbrega da Rocha
Martins, Felipe Augusto Chadi da Silva,
Edsônia Lopes dos Santos, Jessyka
Crispim Oliveira, Raylaine Barros Leal
de Oliveira

Este projeto é feito com as tipografias
ASPHALTIC SCRATCH ROUNDED PERSONA,
LUMBERJACK e BOSTON TRAFFIC, todas
abertas para download gratuito.



Atribuição-Compartilhamento
CC BY-SA 4.0 Internacional
Esta licença permite que outros remixem,
adaptem e criem a partir desse material,
mesmo para fins comerciais, desde
que atribuam ao Museu da Imigração
e ao autor da imagem os devidos créditos
e que licenciem as novas criações sob
termos idênticos.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO

Exposição
'Direitos migrantes: nenhum a menos'
Rua Visconde de Parnaíba, 1316
Mooca - São Paulo | SP
Sala Hospedaria em Movimento.
Em cartaz do dia 24 de setembro
a 18 de dezembro de 2016.

REALIZAÇÃO


museu da imigração
do estado de são paulo


GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura